

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU EM PSICOLOGIA: ESTUDOS DA SUBJETIVIDADE

**RAQUEL GONSALVES RITTER**

**MODOS DE EXISTIR NA CIDADE CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA: TENSÕES  
ENTRE SUFOCO E AR**

Niterói

2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**RAQUEL GONSALVES RITTER**

**MODOS DE EXISTIR NA CIDADE CAPITALISTA CONTEMPORÂNEA: TENSÕES  
ENTRE SUFOCO E AR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Psicologia da Universidade Federal Fluminense,  
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre  
em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Luis Antônio Baptista

Niterói

2008

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

R614 Ritter, Raquel Gonsalves.

Modos de existir na cidade capitalista contemporânea: tensões entre sufoco e ar / Raquel Gonsalves Ritter. – 2008.

95 f.

Orientador: Luis Antônio Baptista.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2008.

Bibliografia: f. 92-95.

1. Psicologia. 2. Vida urbana. 3. Resistência. 4. Narrativa. I. Baptista, Luis Antônio. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD 150

Raquel Gonsalves Ritter

**Modos de existir na cidade capitalista contemporânea:  
tensões entre sufoco e ar**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luis Antônio Baptista  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Maria Bouças Coimbra  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marisa Lopes da Rocha  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Porto Alegre e ao Rio de Janeiro pelos encontros potentes.

Aos meus pais Affonso e Dorzila e a minha mana Fabiana por estarem sempre comigo, apoiando os meus desejos e sonhos, dando força em todos os momentos e, além disso, por estarmos constantemente aprendendo e crescendo juntos.

As tias Guida, Carmem e a Dinda Terezinha que se fizeram presentes mesmo distantes.

Agradeço a rede quente: Iazana, Cristiane, Alice, Danichi, Luciana, Carol, Mari, Maurício, Verinha pelo cuidado e carinho, pelas conversas e correções, pelos fortes momentos, pela construção coletiva intensa que possibilitou este trabalho. Nós conseguimos!

As gurias e aos guris de Poa e do Rio pela amizade e compreensão, pelas composições e energias vibrantes presentes.

A Luis Antônio Baptista que apostou neste trabalho e acreditou o tempo todo na realização desta pesquisa, pelas orientações, diálogos, apoio, confiança.

A Marisa Rocha pelo acolhimento e pela participação neste momento.

A Cecília Coimbra, a expressão corpórea do coletivo, pela força, disponibilidade, leituras, palavras, escuta, parceria.

A Stéfanis, amor, pelas entre linhas.

Aos corpos que resistem

## **RESUMO**

A dissertação problematiza como a cidade capitalista contemporânea produz modos de existir que sufocam, aprisionam a existência. Mas, principalmente, como a cidade pode produzir e inventar possibilidades de respirar, de exercer a vida em sua potência criativa, pensando modos de existência contemporâneos que resistem na cidade. Utilizamos como metodologia de pesquisa: narrativas, inspiradas em Walter Benjamin, trabalhadas através da literatura e do cinema. A cidade que acreditamos não é apaziguadora e tranquilizante, tampouco anuncia um mundo dominado e sem saídas. Ao contrário, é lugar de embate entre as múltiplas forças que se produzem no espaço urbano. A dissertação alia-se a Michel Foucault, Gilles Deleuze e Felix Guattari e outros autores que nos auxiliaram a pensar as estratégias de poder e resistência e a produção da subjetividade que se constituem na cidade.

Palavras-chave: cidade, modos de existir, resistência, narrativas.

## **ABSTRACT**

The dissertation discusses in a critical perspective the ways how the contemporary capitalist city produces ways of existing that suffocates and imprisons the existence. It also discusses how the city can produce and create breathing possibilities. How it can put life into its creative potency and think contemporary ways of existing which can resist into the city. As the research methodology, we used narratives, inspired by Walter Benjamin, operated through literature and cinema. The city we believe in is not pacified and tranquilized, neither does it announce a dominated world with no ways out. On the contrary, it is a place of contrast among multiple strengths which are produced in the urban space. The dissertation connects with Michel Foucault, Gilles Deleuze and Félix Guattari. It also connects with other authors who helped to think the power and resistance strategies, as well as the production of subjectivity that are created in the city.

Key-words: city, ways of existing, resistance, narratives.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
<b>Pretexto à escrita.....</b>	<b>9</b>
<b>O caminho.....</b>	<b>12</b>
CAPÍTULO 1.....	22
<b>1 Relações de poder e subjetividade.....</b>	<b>22</b>
1.1 Poder.....	22
1.1.1 disciplina e controle.....	26
1.1.2 biopoder e biopolítica.....	32
1.1.3 Resistência.....	36
1.2 Subjetividade.....	40
CAPÍTULO 2.....	46
<b>2 Produção de modos de existir na cidade.....</b>	<b>46</b>
2.1 Pinceladas de um cenário urbano (século XIX).....	46
2.2 Transformações do capitalismo.....	55
2.3 Cidade contemporânea.....	59
2.4 Subjetividade e cidade capitalista contemporânea.....	61
CAPÍTULO 3.....	67
<b>3 Fragmentos de narrativas urbanas.....</b>	<b>67</b>
3.1 Encontros e desencontros.....	67
3.2 A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro.....	72
3.3 Os gritos dos corpos na cidade.....	78
APONTAMENTOS FINAIS.....	86
<b>Inquietações.....</b>	<b>86</b>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92

## INTRODUÇÃO

Pedimos somente que nossas idéias se encadeiem segundo um mínimo de regras constantes, e a associação de idéias jamais teve outro sentido: fornecer-nos regras protetoras, semelhança, contigüidade, causalidade, que nos permitem colocar um pouco de ordem nas idéias, passar de uma a outra segundo uma ordem do espaço e do tempo, impedindo nossa “fantasia” (o delírio, a loucura) de percorrer o universo no instante, para engendrar nele cavalos alados e dragões de fogo (Deleuze e Guattari, 1997, p.259).

### **Pretexto à escrita**

Este trabalho deriva da necessidade de problematizar determinadas verdades constituídas no *socius*, evidenciadas no espaço urbano, as quais atestam cotidianamente que não há saída: o capitalismo venceu, o Estado faliu, estamos vivendo uma guerra civil no Brasil, o terrorismo é um perigo iminente, o pobre é um criminoso em potencial, não podemos mais andar sossegados pelas ruas, em nenhum lugar estamos salvos; está tudo dominado, seja pelo tráfico de drogas, pela violência urbana, pelo capital, entre outros. Estes enunciados difundidos de forma dispersa no tecido social, através de práticas discursivas, são estratégias de poder que produzem existências amedrontadas, impotentes, paralisadas, cada vez mais individualizadas.

Como seria possível escapar<sup>1</sup> dessa realidade que parece não deixar saída? Pois, paradoxalmente, é deste mover-se o mínimo, desta impossibilidade de saída que podem irromper forças que invadem, fazem tremer, desacomodando alguns corpos, colocando-os em movimento, possibilitando o pensamento de pensar novamente, de criar outros problemas. Acontece por meio de encontros que funcionam como corrente de ar nas costas, que faz o corpo mover-se, tal como um empurrão. O termo encontro é tomado aqui como algo que passa entre os corpos e produz alguma coisa que não estava nem em um, nem no outro, mais como um roubo e não uma troca (Deleuze e Parnet, 1998). São esses encontros com outros corpos materiais e/ou imateriais, humanos e/ou inumanos que forçam a pensar- parte dessa experimentação sensível que ainda não há representação. Como diz Deleuze (2006, p.210) é “do intensivo ao pensamento, é sempre por

---

<sup>1</sup> Utilizamos a palavra *escapar* no sentido de criar outras vias, outras realidades, buscar desnaturalizar o status quo.

meio de uma intensidade que o pensamento advém”. Esta escrita compõe-se com a afirmativa de que todos são forçados a pensar, que não se pensa naturalmente. O movimento do pensamento ocorre quando algo inquieta, quando se desnaturalizam os saberes instituídos em determinado campo social, quando as certezas tornam-se incertas, quando se passa a não reconhecer o senso comum, quando se fica sem respostas.

Sendo assim, tendo começado a expelir, o que há numa possível rachadura corporal, torna-se força vital problematizar como a cidade capitalista contemporânea produz modos de existir que sufocam, aprisionam (mesmo que sem grades), despotencializam e normatizam nossa existência. Mas, principalmente, como a cidade pode produzir e inventar possibilidades de viver, de respirar, de existir, de exercer a vida em sua potência criativa, pensando modos de existência contemporâneos que resistem na cidade. Segundo Pal Peibart (2000, pp.46-48), a cidade

é escape, exteriorização, dispersão, (...) libera seus fluxos descodificados e foge para todos os lados.(...) Em vez do homem unidimensional e cosmopolita, detectar a cada esquina os forjadores de pluriversos, de multimundos. (...) Não se trata então de fazer o novo pelo novo, mas de modular a modificação, fazer a cidade tornar-se o vetor da imaginação, imaginar mil e um outros tipos de cidade, insanamente, irresponsavelmente.

Este trabalho é uma passagem de afetos expressos pela linguagem que lhes dará sentido, como um vulcão que ficara amortecido por longo período. Foi necessário se chocar contra e ter sido engolida por vezes pelo poder, foi necessário enfraquecer-se das pedras atiradas pela normalidade, foi necessário paralisar a ação por não encontrar saídas, foram necessárias algumas revoltas solitárias e silenciosas, foi necessário um tempo inerte, foi necessário segurar o corpo em demasia, foi necessário exceder e arriscar esse mesmo corpo, foi necessário deslocar-se de territórios-moradas deveras institucionalizados para poder mergulhar num rio e perder-se até encontrar outrem, para poder pensar e acreditar novamente em liberdade, para poder inventar devires revolucionárias, para poder exercer uma nova esquerda, para poder criar múltiplas saídas, para encontrar outros aliados, para poder o possível no impossível, para poder viver além de sobreviver, para poder construir e lutar com diferentes armas, para poder querer experimentar novas sensibilidades e sensações com prudência, para poder ser e vir a ser, para não sufocar e poder respirar, simplesmente respirar.

Neste sentido, esta escrita não é uma erupção. Podemos chamá-la de colisão se estiveres na rota e deixares passar pingos de um quê fervente. Poderá tocar alguns, ferir outros, queimar terceiros, ou passar longe sem o menor sentido. Não tem, nem terá pretensões grandiosas de

quase matá-los ou deixá-los com sede: caso produza alguma cosquinha, algum ponto de cruzamento foi possível.

Parte de tempos intensivos variados em um só tempo, pois se trata do registro expresso e impresso de um novo corpo por vir. O ato em si de começar a escrever encontrava-se em um não-lugar, visto que o imaginado (o existente cognitivo) foi se desconstruindo e construindo algo jamais imaginado.

Não acharás uma justificativa: esta escrita não pré-tende, pré-tensa. Será preciso abandonar os juízes que estão por toda parte, em nós, no mundo. O tribunal entrou em recesso por tempo indeterminado. Portanto, não haverá modelos a serem seguidos, ou mesmo copiados. O trabalho não será justo, justificável, pois não responderá a valores pré-estabelecidos pelas instituições morais. Ao contrário, propõe-se que se deixem levar por essas linhas e para fora delas e produzam suas avaliações, criem suas regras transitórias a partir desse possível encontro. Acreditando na escrita gentil, o texto disponibilizará ferramentas aos leitores que sejam úteis durante o percurso deste trabalho.

“Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar. Pois reconhecer é o contrário do encontro. Julgar é a profissão de muita gente e não é uma boa profissão, mas é também o uso que muitos fazem da escritura. Antes ser um varredor do que um juiz” (Deleuze e Parnet, 1998, p. 16)

Este trabalho foi produzido através de diversos roubos: de idéias, imagens, pessoas, sons, cores, murmúrios, animais, ares, pedras e o que provocou deslocamentos e produziu pensamento e vida.

Para isso, não se trata aqui de substituir os juízes, de descobrir fundamentos, origens nem causas para a contemporaneidade, tampouco eleger e estabelecer novas verdades, mas diferente disso, trata-se de percorrer os meios, analisar movimentos que foram sendo construídos em determinadas configurações sociais. Desencaminhem-nos com Foucault (1984, p.13)

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou refletir.

## O caminho

Este trabalho utilizou como ferramentas metodológicas modos de narrar inspirados em Walter Benjamin (1994a) como meio de focar e problematizar os mecanismos de poder e as possibilidades de resistência na cidade capitalista.

Narrativa seria arte de transmitir a experiência, fazer circular as várias vozes que engendram o tecido social. A força da narrativa está na incompletude, ou seja, cada vez contada, possibilita diferentes sentidos, não apenas um absoluto e verdadeiro e quando transmitida novamente pode ser acrescida de novas facetas, novos fragmentos para compô-la como uma colcha de retalhos sem fim. O narrador compartilha experiências comuns, não experiências do indivíduo isolado da modernidade que vive mergulhado num território existencial da subjetividade como interioridade. Diferente disso, acarreta o sair-se de si, o perder-se de si, rompendo o sujeito enquanto unidade.

Em dois textos - *Experiência e pobreza* (1933) e *O narrador* (1928 e 1935) - Benjamin (1994a) desenvolve o que seria narrativa. O marinheiro comerciante e o camponês sedentário são duas imagens arcaicas que podem melhor expressar a arte de narrar. “Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores” (idem, p.199). O primeiro seria o viajante que trazia de regiões geográficas distantes experiências de diferentes mundos por onde passara. O segundo, seria o camponês que, se estabelecendo em um determinado território geográfico, fixando sua moradia no mesmo lugar, transmitia as experiências desse povo, fazia passar de pessoa à pessoa. Esses dois modos não eram isolados, pertencendo a realidades distintas, pelo contrário, eram coexistentes, penetrando-se entre si, visto que na forma de trabalho corporativo medieval, ambos encontravam-se nas oficinas. “Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres na arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos imigrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário”. (idem, ibdem)

Outro traço marcante nos dois ensaios do autor é a lenda contada do

velho vinhadeiro que, no leito de morte, confia aos filhos que um tesouro está escondido no solo do vinhedo. Os filhos cavam, cavam, mas não encontram nada. Em compensação, quando chega o outono, suas vindimas se tornam as mais abundantes da região. Os filhos então reconhecem que o pai não lhes legou

nenhum tesouro, mas uma preciosa experiência, e que sua riqueza lhes advém dessa experiência (Gagnebin, 2001, p.86).

Nesse sentido, a experiência não é tomada como uma vivência auto-referencial do pai, passa ao largo da existência individualizada, sua força reside justamente no comum, o que transpassa a eles todos, de geração para geração. Mas é por meio do narrador, velho vinhadeiro e pai, que ocorre tal passagem, ultrapassando a finitude individual ao mesmo tempo em que dela é permeada, passando de uma vida a outra. O estilo de narrar e o que contar é único ao narrador, singular, mas entra em composição e intercâmbio com outros tantos narradores e ouvintes, bricolando a multiplicidade de vidas: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin 1994a, p.201). Ele transmite conselhos àqueles a quem destina a narrativa, que se diferencia do conselho que comumente utilizamos. “Ora, diz Benjamin, o conselho não consiste em intervir do exterior na vida de outrem (...), mas ‘em fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada’” (Gagnebin in Benjamin, 1994a, p.11). Nesse sentido, a narrativa é inacabada e pode ser continuada e construída junta pelo narrador e ouvinte.

Entretanto, Benjamin (1994a) afirmou que, na modernidade, esta forma de transmissão estaria em vias de desaparecer, dando lugar a formas privatizadas de experiência. Seriam os efeitos do desenvolvimento do capitalismo industrial, pelo silenciar das vozes após a Primeira Guerra Mundial, bem como pela consolidação da imprensa, difusão do romance através do livro e a comunicação através da informação.

Distinto da narrativa, o romance burguês “é o indivíduo isolado” (idem, p.201), o protagonista é segregado do socius. Sendo sujeito identitário, vê o mundo como representação de si e escreve sobre a “profundidade” de sua vivência privada. Já o leitor- esse Eu melancólico-, busca o espelho da alma, se reconhecer nas histórias dos romances. É um solitário angustiado com suas questões existenciais particulares, cujos problemas e as soluções estariam na interioridade desse indivíduo. Portanto nada melhor que um “bom” romance, com o qual se identifique, para acalmar a alma sofrida e confortar sua psicologizante existência privatizada. Deste modo, existe um fim dessa história e o importante é garantir que o leitor ache respostas ao sentido da vida que se encaixe como propriedade sua até o fechar do livro. O que pode ocorrer posterior ao término da leitura será a reflexão do Eu consigo mesmo, pois está colocado que cada

experiência é particular e única em essência. Ao mesmo tempo, o leitor se mantém preso à vivência do protagonista, pois se reconhece em uma natureza humana, “reencontra então o seu duplo no herói solitário do romance” (Gagnebin in Benjamin, 1994a, p.11).

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (...) Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido (Benjamin, 1994a, pp. 204-205).

O amplo acesso ao romance foi possível através do livro com a estabilização da imprensa que adviria com as novas técnicas de produção em larga escala capitalista<sup>2</sup>. Porém, com a consolidação da imprensa, outra forma de comunicação torna-se imperativa no desaparecimento da narrativa e numa crise do próprio romance, a dizer: a informação. O saber que era trazido de terras estrangeiras pelos viajantes e que era presente nos “causos” sobre tempos distantes contados pelos camponeses acabou perdendo sua importância no socius, visto que os ouvintes modernos estavam mais interessados em informações que comunicassem fatos imediatos e próximos em localidade. Se anteriormente existiam comunidades em feudos separados por longas distâncias de terra, na cidade moderna têm-se indivíduos aglomerados neste centro de produção. Esse espaço urbano faz circular numa mesma região quantidades cada vez maiores de existências. Estas, atravessadas por toda uma nova rede complexa de produções sociais, econômicas e culturais, vergam a subjetividade de outras maneiras, criando estados inéditos de existência, novas formas de trabalho, novas formas de sentir, novas formas de agir, ver e falar. Nesse sentido a informação encontra um solo em formação, fértil para se desenvolver. A cidade moderna busca encerrar o passado, onde as velhas verdades não se mantêm mais em pé, o novo necessita dar conta da totalidade da vida: necessita-se de produção de novos regimes de verdade. Toda uma rede de novas técnicas de saber, incluindo aqui a informação e o romance, produzem o modo homem moderno, amenizando a subjetividade “em crise”<sup>3</sup> que almeja por novas certezas. A informação capta os leitores, imprimindo fatos que possam ser entendidos racionalmente, aceitáveis e prováveis aos mesmos. Sendo assim, difunde informações concisas e diretas,

---

<sup>2</sup> É importante ressaltar que esta nova configuração social de produção industrial capitalista em formação está diretamente imbricada aos modos de viver que se inventou na modernidade, sendo assim o romance surgiu pelas condições de possibilidades que naquele momento foram sendo arranjadas.

<sup>3</sup> Crise como passagem para criar outros modos de viver.

atribuindo explicações prontas e únicas, impedindo os múltiplos sentidos possíveis que os leitores/ouvintes poderiam criar. Aspira que seja reconhecível, que não provoque estranhamentos, que esteja em conformidade com o vivido. Portanto, quanto mais imediata for a notícia sobre o fato e quanto mais próxima for a localidade do ocorrido, mais interesse haverá em ser consumida. Com a narrativa não parece ser assim.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão- no campo, no mar e na cidade-, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (Benjamin 1994a, p.205).

Além disso, ficara evidente no pós Primeira Guerra que os combatentes voltavam emudecidos, incapazes de comunicar, de gesticular, de expressar, ou seja, de dar passagem às experiências coletivas vividas. “Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano” (Benjamin 1994a, p.198). Talvez essas forças tenham sido tão demasiadamente intensas, trágicas e inéditas que os corpos não conseguiram produzir uma linguagem possível de expressá-las.

A questão da experiência comum transmitida de geração a geração, impedindo que esta tradição desapareça, é o liame entre as narrativas. Especialmente, em “O narrador”, Benjamin vai explorar a perspectiva e importância da tradição, tomando-a como passagem, transmissão das “histórias de vida” orais contadas. O sentido não seria de conservar o puro da memória de um povo, nem manter e ressaltar sua identidade, onde a tradição estaria encerrada em um início, meio e fim em si mesma, onde haveria a verdade sobre tal, ou qual comunidade, onde a história revelaria as causas e conseqüências, determinando assim previamente os caminhos, como se a história já tivesse uma origem e um fim estabelecido. Diferente disso, o sentido é justamente a incompletude. A cada narração podem ser acrescentados novos fragmentos, tornando-a sempre outra, inacabada, porém finita até o próximo contar, sendo construída sempre pelo meio, tendo a passagem como início e fim. Tem necessidade de rememorar para poder transformar tanto o viver do presente, quanto o vivido do passado pelo agora. O rememorar não é nostálgico, buscando um retorno ao passado (arcaico) sem volta, tentando recuperar o irrecuperável, delegando ao presente

a catástrofe da vida, onde não se tem saída. Pois, como afirma Gagnebin (1992, p. 47), a partir de estudos sobre Benjamin,

o passado nunca volta como era, na repetição de um pseudo-idêntico. Ao ressurgir no presente, ele se mostra como sendo, ao mesmo tempo, irremediavelmente perdido enquanto passado, mas também como transformado por este seu ressurgir: o passado é o outro e, no entanto, semelhante a si mesmo. (...) o passado, neste seu ressurgir, não é repetição de si mesmo; tampouco pode o presente, nesta relação de interpelação pelo passado, continuar igual a si mesmo.

Em “O narrador”, além de evidenciar o declínio da narrativa tradicional, o autor dá algumas pistas para pensar novas possibilidades de existência e a força da narrativa. Propõe narrativas tecidas, como assinala Gagnebin (2001, p.90) “nas ruínas da narrativa”, onde o narrador opera “como catador de sucata e de lixo, esse personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder” (idem, *ibidem*), dando consistência e sentido àquilo e àqueles que na história oficial da cidade não existem, foram limpados e descartados: a singularidade dos anônimos, as marcas das existências nas ruas, possibilitando a construção de outra história a partir dos rasgos do próprio tecido social. Estar atento justamente aos buracos da história linear, ao que não fôra cooptado por ela, ao que não teve espaço de passagem. Estar atento aos detalhes do cotidiano, àquilo que parece não ter importância, às múltiplas vidas anônimas. Como afirma Benjamin (1994a, p.198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

Benjamin (1994b), em seus estudos dedicados ao poeta do século XIX Charles Baudelaire, aponta a força da literatura em produzir outras narrativas nas grandes cidades, não como resgate, mas como intervenção neste novo tecido social. Baudelaire seria o homem da multidão, aquele que se deixa inquietar pelos ruídos da cidade, cuja existência fôra arrancada do universo privado e vivida no labirinto das ruas. A força da literatura como construção de narrativas estaria na possibilidade transfigurar o conhecido, de fazer tremer a calma dos corpos frios ou mornos, tornando possível problematizar o vivido, o que já tem lugar prévio estabelecido, a própria realidade constituída, provocando fissuras nos muros impregnados de seus sonâmbulos. A literatura, via Baudelaire, apresenta a fúria desestabilizadora da cidade.

Junto à literatura, o cinema poderia agir como força potente para desestabilizar as existências privatizadas produzidas na cidade, possibilitando a abertura ao inacabamento e indeterminação da vida, desconstruindo a previsibilidade dos universos familiares - da identificação - e o tranqüilizante reconhecimento da realidade. “A ‘explosão com dinamite do universo carcerário’ incrustado nas ruas, escritórios, corpos, paisagens urbanas, (...) foi para Benjamin uma das conquistas da modernidade propiciada pela sétima arte” (Baptista, 2008, p.62) Neste sentido, o cinema provocaria o estranhamento das verdades cristalizadas no socius, produziria outras percepções de si e do mundo, permitindo o contato e o enfrentamento dos paradoxos da vida. Possibilitaria contar outras histórias, tecer outras narrativas.

Na tela, ao contrário do olhar encarcerado, pode um rosto deixar ver a cidade que não percebemos; o tempo de uma ação cotidiana recusar o fim e o começo; o horror banal do dia-a-dia ser estranhado; uma forma de amar pôr à prova a universalidade do amor; o gesto morto mover-se; um corpo desprender-se da essência que o aprisiona; o rosto humano não dizer e não deixar ver absolutamente nada; uma árvore movimentar-se sem o sopro do vento. (...) Dessa implosão [do universo carcerário], pedaços de histórias incompletas, fragmentos de narrativas seriam montados pelas urgências políticas do agora, atentas às que ficaram no passado na metade do caminho, inacabadas, interrompidas pela força da barbárie ou pelo esquecimento ávido de futuro (Baptista, 2008, p.62).

Calvino (2006) afirma uma literatura - nós afirmamos um cinema juntamente - como “recusa da visão direta das coisas” (p.17), em “busca da leveza como reação ao peso de viver” (p.39). O peso estaria no sentido das coisas dadas, no sentido de um mundo pronto, acabado, no qual a rotina esmaga a possibilidade de novas criações, onde o capital despoticiza o viver, onde se naturaliza o senso comum como se não pudesse ser dissolvido, transmutado. Já a leveza seria viver e experimentar, é inventando novos mundos, mil e uma realidades, abrindo novas vias, construindo outros caminhos, criando novas histórias, ampliando os campos de análise. Estar no agora sem o peso do ressentimento do passado e sem o ideal do futuro.

Este trabalho alia-se às estranhas literaturas e cinema, nem confortáveis, nem acolhedores, mas àqueles que retiram dos seus devidos lugares, que incitam as mais diferentes sensibilidades aflorarem, que desarmonizam as casas pré-fabricadas, que povoam com imagens ainda não vistas, que entram sem pedir licença, que fazem do eu cidadão um estrangeiro de si mesmo.

Alguém poderia objetivar que quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele unicum que é o self de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de

objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. Mas a resposta que mais me agradaria dar é outra: quem nos dera fosse possível uma obra concebida fora do self, uma obra que nos permitisse sair da perspectiva limitada do eu individual, não só para entrar em outros eus semelhantes ao nosso, mas para fazer falar o que não tem palavra, o pássaro que pousa no beiral, a arvore na primavera e a árvore no outono, a pedra, o cimento, o plástico...” (Calvino, 2006, p.138).

Trabalhamos com alguns cúmplices que nos interpelaram no percurso da pesquisa, como, por exemplo: uma prosa poética de Baudelaire (2006) chamada “Os olhos dos pobres”; os contos “A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro” e “O outro”, de Rubem Fonseca (2004) e o filme “Encontros e desencontros” de Sofia Coppola (2003). A partir do encontro com estes autores, tecemos e fizemos leituras de fragmentos de narrativas. Traçamos versões que não são nem pretendem ser absolutas, mas que estão abertas a diferentes sentidos que os leitores quiserem produzir. São fragmentos, pois não são histórias acabadas, visto que as narrativas são incompletas, são passagens para serem inventados outros trajetos e percursos.

Existiam pré-idéias, na elaboração do trabalho, sobre como construir cada fragmento e quais facetas e avaliações críticas poderiam ser feitas. Foi durante a escrita de cada um que as linhas foram sendo traçadas e algumas idéias previstas foram desenroladas, umas acrescentadas, porém outras inéditas surgiram no momento exato da construção textual. Cada fragmento de narrativa urbana produzido apresenta, então, um estilo singular diferindo das outras. Além disso, junto ao conto “O outro”, de Rubem Fonseca, fabricamos outra pequena narrativa, a partir de uma multiplicidade de experimentações no Rio de Janeiro. Ambos estão articulados e compoem um fragmento de narrativa urbana que denominamos: “Os gritos dos corpos na cidade”. Mesmo sendo nossa primeira incursão aos estudos e escritos de Benjamin, resolvemos arriscar e apostar nessa metodologia como um caminho possível.

**No primeiro capítulo**, vamos trabalhar alguns conceitos que se manterão transversalizados no decorrer da pesquisa. São instrumentos que contribuirão para analisarmos a cidade capitalista. No primeiro momento do capítulo, de forma sucinta, desconstruiremos a concepção naturalizada de poder. Abordaremos as relações de poder, a partir dos estudos de Foucault, como sendo uma “multiplicidade de correlações de forças” (2001, p.88) que só podem existir em exercício, ação sobre outras ações. Onde, as estratégias de ação podem se configurar em dominação e controle. Neste sentido, as instituições, o Estado, a mídia, o mercado seriam

efeitos dessas estratégias de poder. A partir disso, aliados às pesquisas de Foucault (2007), trabalharemos a *sociedade disciplinar*, na qual o poder se exercia sobre o corpo através das técnicas de separação no espaço, sujeição ao tempo e vigilância. Esses mecanismos docilizaram os corpos e produziram o indivíduo.

Continuaremos o capítulo abordando a *sociedade de controle* (Deleuze, 2007), em que o poder continua investindo no corpo, mas a vigilância passa a não ser mais localizável, o controle passa a ser constante, estando por todo lugar. Depois, trabalharemos outra prática de poder, que começou a agir conjuntamente com a disciplina, o *biopoder* (Foucault, 2001, 2002b). Este é o exercício de poder sobre a vida da população, através da regulação, por exemplo, controlando a longevidade, a natalidade, a saúde, a habitação. Um poder que massifica a espécie humana. E no contemporâneo, na sociedade de controle, o poder *biopolítico* (Hardt e Negri, apud Pal Pelbart, 2004) passa a se exercer sobre a vida no sentido cada vez mais total, penetrando em todos os níveis da existência. Porém, veremos, a partir de Foucault (2001) e Hardt e Negri (apud Pal Pelbart, 2004), que é justamente a vida investida pelo poder que é tomada pelas forças de resistência, pois, a resistência não está em relação passiva com o poder, ou melhor, ambos são imanentes um ao outro e compõem as relações de poder. Afirmaremos que o poder só pode se exercer se existir resistência que, ao mesmo tempo, é o alvo do poder e aquilo que o confronta.

Então, neste momento, discorreremos e afirmaremos o nosso em entendimento de subjetividade e que faz sentido nessa escrita, a partir de alguns aliados como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik. A subjetividade não teria uma essência, não seria algo inato, natural, a priori. Compreendemos-na como produção de territórios provisórios, linhas que vão sendo traçadas, que tanto formam como desconstroem e criam novos territórios existenciais: linhas de segmentaridade dura, flexível e de fuga produzidas no campo social.

Foi necessário desenrolar este capítulo sobre os conceitos para podermos nos sentir mais apropriados e para integrá-los com mais naturalidade na temática da cidade, fazendo um uso que flua durante o trabalho. Para nos permitirmos inclusive “roubá-los”, “usurpá-los”, “dobrá-los” a escrita deste trabalho. Não trabalharemos e desenvolveremos “rigidamente” este capítulo, pois apontaremos o que nos parece mais imprescindível. Se os leitores se interessarem em destrinchar mais detalhadamente estes conceitos, saberão onde encontrar os autores que os inventaram de maneira tão vigorosa.

**No segundo capítulo**, apresentaremos, na primeira parte, pinceladas sobre a cidade do século XIX. Acreditamos ser importante trabalhar, mesmo que de forma breve, esta formação social, para podermos problematizar a cidade contemporânea posteriormente, visto que o urbano não é algo natural: é uma construção histórica em processo. A cidade vai se constituindo de diferentes formas conforme a configuração histórico-social. Ela se conecta aos engendramentos sociais que a tornam possível aparecer em um determinado momento, de determinada forma. Sendo assim, no primeiro momento deste capítulo vamos trabalhar a cidade no contexto do desenvolvimento do capitalismo industrial, onde arquitetura e o urbanismo materializado na cidade se configuraram como dispositivos disciplinares e de biopoder (poder sobre o corpo e a vida), produzindo subjetividades individuais (o indivíduo), massificadas, padronizadas, sufocadas, agenciadas pelo registro semiótico do capital. Mas que, nesta mesma cidade esquadrihada, organizada geometricamente, também pode haver escape, possibilitando respirar, um pouco de possível, provocando pequenas rachaduras que fazem passar sopros de ar nos modos de viver, como apresentaremos, sucintamente, a partir do poema em prosa “Os olhos dos pobres” de Baudelaire (2006).

Num segundo momento do capítulo iremos trabalhar as transformações do capitalismo. Pois, as cidades sendo cruzamentos de questões sociais, econômicas, culturais, históricas e produtoras de subjetividade, modificam-se e se articulam aos processos do capitalismo. Continuando o trabalho, iremos abordar e atentar para o que mais inquieta nosso trabalho, a cidade capitalista contemporânea, onde o poder está sobre todas as esferas da vida, onde o controle está por todos os lados. O espaço urbano, aqui, continua crescendo em tamanho, mas o que nos assola é o crescimento enquanto intensidade. A cidade está tumultuada, há um excesso de bens materiais e imateriais sendo ofertados pelo capital sedentos para serem consumidos. O excesso de barulho, de imagens (outdoors), de pessoas, de carros, a alta circulação, alta velocidade, largas avenidas, altos e largos prédios, altas tecnologias informáticas, alta quantidade de informação provoca efeitos de toda ordem da desordem na vida. As subjetividades capitais são produzidas como as flutuações do mercado, são fugazes, inseguras, mas insaciáveis, querendo comprar e consumir, a cada instante, novos modos de viver. Os indivíduos, nesta cidade, encontram-se cada vez mais isolados e receosos uns com os outros, vivendo em seus universos privados. Mas a cidade nos faz derivar para outros mundos, produzir outros modos de existir,

onde a “própria vida” pode ser tomada como resistência, como linha de fuga, como poder da vida, biopotência.

**No terceiro capítulo,** vamos trabalhar narrativas urbanas que tanto evidenciam a possibilidade de criar outros modos de se relacionar, de expansão dos nossos corpos e ações, de um pouco de possível, de preencher nossos pulmões de vida, de inventar outras formas de sentir, como também aquelas que nos segmentam de forma dura, rígida, amortecendo nossos corpos, endurecendo nossas ações, nos mantendo inertes e amedrontados, mantendo uma relação de inimigo com o outro, aprisionando nossa sensibilidade.

Vamos dar atenção aos encontros no cotidiano da cidade. Pois é no cotidiano, em seus detalhes, nas coisas que parecem não ter importância, que pode provocar estranhamento, produzir pequenos furos nas maneiras de viver banalizadas e naturalizadas. A cidade que acreditamos e nos interessa não é apaziguadora e tranquilizante, tampouco anuncia um mundo dominado e sem saídas. Ao contrário, é lugar de embate entre as múltiplas forças que se produzem no espaço urbano, desacomodando o humano, corrompendo as verdades estabelecidas, desviando os roteiros previstos. “As cidades dos nossos dias, como as do passado, são territórios de fecundos conflitos, experimentações, lugar onde se produz a face do diverso, do estranho, do familiar, do estrangeiro” (Baptista, 1999, p.123).

## CAPÍTULO I

### **1. Relações de poder e subjetividade**

Todo dia esperamos reconhecer a realidade em que vivemos, o mundo que habitamos, pedimos que consigamos distinguir e decifrar o máximo de códigos para que possamos saber como agir, como sentir e como nos comportar perante situações corriqueiras. Toda uma maquinaria corporal se mobiliza para amenizar o choque com o desconhecido, procurando sempre uma associação possível com o já vivido. De fato, precisamos de organismo: saber como nos mexer, locus-mover. Sim, o reconhecimento faz parte da composição do vivente, inclusive para as mínimas coisas como, por exemplo, escovar os dentes, comprar um jornal, escolher uma peça de carne ou pegar um ônibus. Precisamos de organismo, mas não carecemos, bem pelo contrário, e ao tentarmos compreender tudo que ultrapasse a fronteira da pele, procurando extirpar o inominável, deixamos de lado a possibilidade de experimentar os sobressaltos, não como terror, aniquilamento, mas como delícias nunca antes sentidas, estados inéditos do pensamento, expansão do próprio corpo, quiçá da pele, dos sentidos, de outros modos de viver. Evidentemente, aceitar o que ainda não tem representação é simples, mas não é fácil: é se haver com possíveis medos, labirintites, limbos, confusões e desconfortos. Mas esta mesma máquina que protege e organiza também falha. Ela não apreende e traduz em forma todo o real. Talvez nem seja uma falha, mas um dispositivo da própria máquina, já que ela não é extraterrena, mas totalmente imanente à vida. Talvez seja alimento mesmo para não pifar de vez, já que a cada momento em que a máquina “avaria” é mais uma chance para um novo reinício.

#### **1.1 Poder**

E foi assim com a percepção de poder. Ter a certeza de que existia uma grande conspiração dos capitalistas (na qual a classe dominante asseguraria, como propriedade sua, um lugar de poder sobre o povo - a classe dominada dos trabalhadores - através de práticas alienantes e repressivas, executadas pelos braços do Estado e das indústrias, que seria algo consciente e a causa de toda a miséria social) era muito assustador, mas ao mesmo tempo tinha um rosto. Conhecíamos contra quem estávamos lutando, sabíamos as armas que usaríamos (a

conscientização) e sabíamos aonde queríamos chegar: na tomada desse poder, a partir da qual estaria assegurada a igualdade a todos. Nesse sentido, havia um quê de confortável nessa certeza.

Cansados de nos sentirmos sempre vencidos por mais que lutássemos, cansados de tantas discussões intermináveis nas reuniões dos partidos e movimentos sociais, cansados de nunca chegarmos naquele tão esperado dia, naquele lugar da virada, da grande revolução, cansados das piadas sarcásticas da direita sobre “o grande dia da esquerda que nunca chegará”, foi que a máquina travou. Esta pausa forçou um intervalo na produção e desse lapso de não compreender porque não funciona é que fomos convocados a pensar outramente.

Não queremos com isso ser levianos com todos os movimentos de esquerda e mesmo com a própria história, quer seja a oficial, quer seja as ainda não contadas. Não estamos negando de fato que existam dominantes e dominados, só propomos que alarguemos um pouco mais a abertura do compasso, ou mesmo que nos destituamos por um momento desta métrica para podermos pensar se não existiriam outros jeitos e meios de análise, outras percepções e versões sobre essas relações de dominação.

Dito isso, continuemos sem receios... Poder não é um sistema composto por instituições, organizações, grupos, aparelhos de Estado - ou mesmo pelo próprio Estado - que domina e subordina indivíduos de uma nação, alcançando toda a sociedade por seus meios e fins. Ele não está localizado em um centro de dominação de onde emanaria de cima para baixo, seguindo uma hierarquia com toda uma unidade de organização, descendo até chegar a todos os grupos sociais. Nesse sentido não é nem propriedade, nem atributo de alguma classe, de alguém, de algum grupo, tampouco se trata de regras, sejam elas explícitas ou implícitas. (Foucault, 2001, Deleuze, 1995)

Foucault pensa as relações de poder como uma “multiplicidade de correlações de força” (2001, p.88), estando difusas em toda a trama social, operando em diferentes locais. O poder, todavia, não é localizável: é singular e imanente a algum domínio, em tal ou qual campo. Mesmo sendo singular ele pode se associar, se reforçar, se unir, se diferenciar, se arranjar sobre outras correlações de forças, operando em conjunto. Pensar o poder como relações de forças é pensá-lo como uma constante luta, um combate que só pode existir e acontecer em exercício. Justamente por isso ele é desigual, mas é ação sobre outra ação: é o poder da força de afetar e de ser afetada (Foucault, 2001, Deleuze, 1995). Sendo assim,

a relação de poder é o conjunto das relações de força, que passa tanto pelas forças dominadas, quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades. O poder investe (os dominados), passa por eles e através deles, apóia-se neles, do mesmo modo

que eles, em sua luta contra esse podere, apóiam-se por sua vez nos pontos em que ele os afeta (Deleuze, 1995, p. 37).

O que temos que procurar não é onde, porque e com quem está o poder, visto que está em todos os lugares - é móvel, não pertence a ninguém, é heterogêneo. Mas é fundamental entender como funciona, quais são as estratégias de ação que acabam por se configurar em dominação e controle. As instituições, o Estado, a mídia, o mercado são efeitos das diferentes e múltiplas estratégias que fazem o poder agir e esses mesmos efeitos reforçam o poder. Nesse sentido, existe relação de poder em todos os níveis da vida que se atualiza a cada instante nas relações cotidianas como na família, nos movimentos sociais, nas relações econômicas, científicas, amorosas, de trabalho.

Mas qual foi o percurso que levou Foucault a pensar as relações de poder não como uma teoria dos poderes, mas como relações de forças? Roberto Machado (in Foucault, 2002a) nos oferece algumas pistas<sup>4</sup>. Foucault inicia suas pesquisas sobre a loucura buscando estudar em diferentes épocas quais os conhecimentos produzidos sobre a loucura que deram condições para o surgimento da psiquiatria, considerando que em cada momento há conhecimentos específicos – saberes - que constituem formações discursivas sobre as coisas. Essa pesquisa de Foucault “deixou de considerar a história de uma ciência como desenvolvimento linear e contínuo a partir de origens que se perdem no tempo e são alimentadas pela interminável busca de precursores” (idem, p.VII). Além disso, procurou não se restringir ao nível apenas do discurso, mas analisou também o que não era discursivo, no caso, os espaços institucionais em que os loucos eram internados e controlados.

Articulando o saber médico com as práticas de internamento e estas instâncias sociais com a política, a família, a Igreja, generalizando a análise até as causas econômicas e sociais das modificações institucionais, foi possível mostrar como a psiquiatria, em vez de ser quem descobriu a essência da loucura e a libertou, é a radicalização de um processo de dominação do louco que começou muito antes dela e tem condições de possibilidade tanto teóricas quanto práticas (idem, p.VIII).

Continuando suas pesquisas, depois de o *Nascimento da Clínica* (1963), Foucault vai estudar especificamente em *As palavras e as coisas* (1966) as diferentes relações, descontinuidades e regularidades entre saberes que possibilitaram o aparecimento das Ciências

---

<sup>4</sup> Não iremos aqui discorrer sobre a arqueologia até chegar à genealogia, tão pouco usaremos estes termos. O importante aqui é poder situar o leitor no que diz respeito às relações entre poder e saber de forma breve, pois durante o percurso deste trabalho a nossa ênfase será no poder.

Humanas, neste momento não se atendo as práticas sociais de diferentes formações, mas a gama de princípios conceituais discursivos que as constituíram. Coloca que somente foi possível existirem essas ciências (*Psicologia, Sociologia, etc.*) no século XIX, pois a aparição primeira das ciências empíricas (*biologia, economia, etc.*) “e das filosofias modernas, que têm como marco inicial o pensamento de Kant, tematizaram o homem como objeto e como sujeito de conhecimento” (idem, p.IX). Depois de *Arqueologia do Saber* (1969), livro em que busca sistematizar e clarificar o objetivo de suas pesquisas sobre o saber, Foucault passará a pensar, além de como os saberes se formam articulados entre discurso e as instituições, o que poderia ser imanente ao saber, mas diferente deste, que daria as condições para sua existência e suas modificações. É neste momento que começa a problematizar o poder como as relações de forças, estratégias e práticas sociais que produzem saberes, ou seja, são os “mecanismos e técnicas infinitesimais de poder que estão intimamente relacionados com a produção de determinados saberes- sobre o criminoso, a sexualidade, a doença, a loucura” (idem, p.XVII).

Nesse sentido, o poder não reprime: ele produz ações úteis, comportamentos e verdades, sentimentos e mesmo pensamentos. Esse real produzido pelo poder ganha forma pelo saber, pois “as relações de força permaneceriam transitivas, instáveis, evanescentes, quase virtuais, em todo o caso, não-conhecidas, se não se efetuassem nas relações formadas ou estratificadas que compõem o saber” (Deleuze, 1995, p.82). Em cada formação histórica é possível ver e falar determinadas coisas e não outras, não por impedimento ou interdição, mas porque os saberes constituídos em cada momento social tornam visível e dizível algo específico. Por exemplo, o aparecimento e a organização do hospital, da prisão e da escola; assim como a técnica e a função de educar, de tratar e de punir. O poder não se exerce sobre formas: toda e qualquer formalização já se exerce como saber, mas todos os saberes pressupõem para existir um campo de poder. Reafirmamos então que saber e poder são imanentes um ao outro, mesmo sendo diferentes, pois se articulam e operam juntos. Este último exerce-se através de estratégias - ações que orientam outras ações e/ou reações - e o primeiro compõe práticas discursivas e visíveis, regulamentando, organizando, estratificando, sedimentando, codificando e sobrecodificando as correlações de forças, integrando essas multiplicidades, tanto por semelhanças e vizinhanças, quanto por diferenciações e oposições. (Deleuze, 1995)

Podemos pensar, então, a produção de um sujeito como efeito das práticas de saber-poder. Temos necessariamente que pensar a interioridade como efeito de práticas. Subjetividade é um

governo de práticas que se constituem nas relações de força. Nesse sentido, o poder produz subjetividade. O sujeito é constituído pelo poder, não é constituinte, pois poder são estratégias políticas que fazem emergir o sujeito, não existindo objetos naturais a priori, verdadeiros e essenciais. “O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, que é por ele anulado; é um de seus mais importantes efeitos” (Machado in Foucault, 2002a, p.XX). Todo o indivíduo é um composto de relações de forças, embora cada relação seja singular.

Tendo como efeito a constituição de uma identidade. (...) o indivíduo não é dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidades, movimentos, desejos e forças (Foucault, 2002a, p.161).

### **1.1.1 disciplina e controle**

Em certos momentos, articulam-se novas estratégias de poder - penetrando nas já existentes, prolongando-as, depurando algumas, complementando outras, dando-lhes novos arranjos - que não são totalizantes, mas que combinadas entre si, podem se generalizar, constituindo novos tipos de sociedades. Como diz Foucault, as estratégias ocorrem

como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apóiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. (Foucault, 2007, p.119).

Uma nova formação estava se configurando, a qual em alguns países começa no final do século XVII e início do XVIII e em outros se inicia posteriormente. De maneira geral penetrou em todo o tecido social, com mais força em uns do que em outros. Nesta formação o corpo teria lugar de destaque: toda uma rede de novas técnicas de poder começa a incidir nele, formando um novo tipo de individualização. A industrialização crescente, as inovações tecnológicas dos processos de trabalho e produção, a precipitação incipiente do liberalismo econômico e a gradativa insuficiência do controle soberano do monarca não seriam os primeiros que desencadeariam todo esse novo quadro: todos esses acontecimentos estão relacionados a um conjunto de condições possíveis, de processos imanentes uns aos outros que se articularam formando a paisagem dessa conjuntura. O poder do soberano sobre a vida era exercido, até então, em seu direito de causar a morte, ou deixar viver; seu poder absoluto era de confiscar tanto as riquezas, como de extinguir os corpos e a vida dos súditos. Caso estes desacatassem ou

infringissem alguma lei soberana, ou mesmo se o soberano se sentisse ameaçado, eram punidos em praça pública através de rituais: grandiosos espetáculos sangrentos, de suplícios e esquartejamentos, levando-os a morte e reafirmando todo o poderio do rei. Agora, uma outra configuração vai se formando lentamente junto ao desenvolvimento do capitalismo, cujo poder passa a atuar através de técnicas sobre cada corpo, manipulando-o, modelando-o, produzindo individualidades normalizadas e investindo na utilidade de cada corpo vivo e posteriormente na vida da população<sup>5</sup>.

Essa nova formação se caracteriza pela organização do espaço, do tempo e da vigilância através de técnicas de confinamento. Isolando os corpos em espaços fechados e hierarquizados, sujeita o corpo ao tempo para que possa produzir mais com mais eficiência, para responder com mais rapidez e eficácia. Através de mecanismos de poder, “fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’ (...) aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (Foucault, 2007, p.119). Às vezes de maneiras diferentes, mas complementares, outras em momentos mais ou menos distantes, mas reforçando-se mutuamente, a escola, o hospital, a prisão, a fábrica, o quartel como instituições de confinamento fizeram funcionar e fixar, educando, examinando, treinando e medindo cada corpo. Esses diversos dispositivos disciplinares constituíram vastos campos de saber, objetivando os indivíduos ao mesmo tempo que os sujeitando (idem).

Em outros momentos o corpo já havia sido investido de poderes, mas neste momento há todo um conjunto de técnicas, uma “mecânica do poder” (idem, ibidem), uma “anatomia política” (idem, ibidem) que investe nas forças do corpo, treinando-as e aumentando-as para produzir uma ação útil e direcionada, intensificando com isso a sujeição dos corpos. A partir de um controle contínuo e *ininterrupto* em seus movimentos e gestos, em suas atividades, nos mínimos detalhes das ações, nos instantes do tempo, com uma atenção e vigilância nas miudezas, operando em cada corpo individualizado, é o que podemos chamar de sociedade disciplinar.

Nessa observação e aplicação sobre o detalhe, organizam-se séries variadas com determinadas atividades e resultados esperados em cada série, separando-se indivíduos em lugares diferentes, que diziam da posição em relação, por exemplo, à aprendizagem nas escolas ou nos quartéis. Cada série tinha um tempo determinado e um objetivo a ser alcançado para um

---

<sup>5</sup> Neste momento daremos atenção à série corpo- sociedade disciplinar. Mais adiante trabalharemos a série população- biopoder.

aprendizado específico (uma manobra, um ofício, entre outros). Capacitados para aquela, poderiam passar para série seguinte e, gradativamente, em um sentido evolutivo de uma a outra, fazendo funcionar, assim, distinções, diferenciações e classificações entre cada um dos indivíduos em séries. Mais ainda com seu refinamento, a disciplina compôs e conjugou as múltiplas forças individuais. Articulou as séries, formando uma máquina eficiente e produtiva. Separou, repartiu, decompôs, analisou, categorizou, recompôs, moldou e remodelou os indivíduos e ainda combinou todos os segmentos. Tudo acontecendo bem ali no cotidiano. Sem nada a esconder, mas de um jeito muito discreto (Foucault, 2007).

A disciplina “funcionou como um microscópio do comportamento” (idem, p.145), utilizando micropenalidades para que houvesse o mínimo de desvio na conduta esperada: atrasos, desobediência, uma tarefa não realizada, um gesto não cumprido, uma má vontade, uma vadiagem. Mesmo aqueles comportamentos infinitesimais que escapassem às normas seriam passíveis de castigos e punições, mas priorizando e buscando sempre a correção, a redução dos desviantes, o regresso ao normal. Com isso, a disciplina faz operar comparações hierarquizadas, atribuições de valores a cada indivíduo a partir dessa medida de normalização. Todo um campo de saber da normalidade se fixa através das classificações, relatórios, registros e interrogatórios, tornando os corpos legíveis e analisáveis em suas particularidades. O foco político estando no controle e utilização do homem através da observação do detalhe, entranhando-se nas mínimas coisas do cotidiano, nos jeitos, gestos e comportamentos, fabrica “todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas e dados. E desses esmiuçamentos, sem dúvida, nasceu o homem do humanismo moderno” (idem, p.121).

Nesse sentido, o poder disciplinar (através dessas estratégias de confinamento e vigília, de medidas de diferenciação e comparação, esquadrinhando e docilizando cada corpo e dos saberes que se constituíram nestas práticas) criou um tipo específico de existência: o indivíduo. Este passa a ter um lugar, ser reconhecido em sua individualidade e a se reconhecer como tal cotidianamente, já que “à medida que o poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais se exerce tendem a ser mais fortemente individualizados” (idem, p.160). Passa-se a ter um autoconhecimento, uma identidade; uma verdade interior produzida por esses poderes e uma verdade exterior ao seu corpo. A subjetividade<sup>6</sup>, neste sentido, é atualizada como

---

<sup>6</sup> A subjetividade dada como interioridade do sujeito, foi construindo-se desde o séc XVII apoiada na filosofia clássica cartesiana, a qual pressupunha *o sujeito universal pensante*, dotado de consciência, razão, imaginação, vontade etc... sendo tomado como princípio, tudo partiria do interior do sujeito. Neste momento, com as novas

individualidade privatizada, onde haveria uma interioridade do sujeito (seus pensamentos, sentimentos e desejos) e uma exterioridade a ele (o mundo, as coisas, os outros indivíduos, a sociedade), forjando assim a dicotomia entre indivíduo e sociedade, entre público e privado.

A disciplina funciona nesses espaços bem demarcados de confinamento, onde o indivíduo docilizado atende às regras e autoridades específicas a cada um deles, passando de um espaço a outro, como coloca Deleuze (2007, p.219): “primeiro a família, depois a escola, depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão”. São lugares de exercício do poder, com a função de produzir corpos úteis e organizar a produção, mas em suas especialidades e funções próprias.

Foucault (2007) apresenta a arquitetura do Panóptico de Bentham como o dispositivo disciplinar que combina de maneira exemplar os diversos mecanismos desse poder: espaço recortado, vigilância constante, separações, distinções, análises, treinamentos, sujeições dos indivíduos.

O princípio é bem conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em cada ator sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível (idem, p.166).

Este dispositivo possibilita a visibilidade contínua de quem vê, mas não de quem é visto, e a percepção e consciência de que está sendo vigiado a todo instante, mesmo que de fato não esteja. Mas o que importa é que o poder se exerça, independente de quem o execute, mesmo que ninguém o esteja fazendo, e que cada indivíduo passe ele mesmo a se vigiar e observar. Isso “torna-se o princípio de sua própria sujeição” (idem, p.168). É um aperfeiçoamento do poder, ampliador e intensificador do saber, pois possibilita com mais facilidade e menos custo - menos esforços, menos resistência - observar, analisar, registrar e investigar os comportamentos individuais nas suas minúcias, podendo também modificá-los se necessário, experimentando

---

tecnologias de poder, sedimenta-se e incrementa-se a produção dessa noção de subjetividade que continuará atualizando-se até a contemporaneidade.

diferentes procedimentos de correção, de normalização e de conhecimento desse objeto chamado indivíduo.

Segundo Foucault (2007), o Panóptico, mais que uma arquitetura ideal de confinamento, é a disciplina tornada generalizada, efetuando o poder nas diversas instituições que se multiplicam e se difundem, cobrindo toda trama social, tornando mais positivo seu funcionamento, tornando os operários mais hábeis, as crianças mais capazes, os comportamentos mais modelados, os processos de cada corpo mais velozes e mais aptos, gerando mais rendimento de produtos e lucros. O mecanismo do Panóptico - essa máquina de visibilidade - garante um efeito de vigilância permanente, sem precisar existir alguém na exterioridade, mas fazendo os indivíduos, ao mesmo tempo, serem alvo de controle e exercerem sobre si mesmos este controle. A vigilância passa a não ser localizável, mas faz exercer a certeza do controle constante, permitindo que a lógica disciplinar se desinstitucionalize, podendo “sair das fortalezas fechadas onde funcionavam” (idem, p. 171) e se decompor em “processos flexíveis de controle, que se pode transferir e adaptar” (idem, p. 174).

E foi justamente essa tecnologia do Panóptico o momento mais refinado e aperfeiçoado da disciplina, que garantiu a aplicação dela nas múltiplas instituições de confinamento e que possibilitou, lentamente, que novas forças fossem se combinando e formando novos arranjos de poder, sobrepondo-se (ou se justapondo) à disciplina, mas não a extinguindo. Foucault (2007) já anunciava essa nova configuração que Deleuze (2007, p.220) vai denominar como “sociedade de controle”, na qual o poder começa a se exercer também para além dos muros dos confinamentos, atravessando e englobando os espaços abertos, configurando-se principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial. É importante ressaltar que a disciplina não pára de se atualizar, de se adaptar nessa nova sociedade que vem se formando no contemporâneo.

Antes, em cada confinamento havia investimento do poder se exercendo continuamente numa longa duração sistemática e mecanizada de ações rígidas e cadenciadas, mas era descontínuo entre um espaço a outro de confinamento. Agora o poder, operando em espaços livres, funciona numa duração curta e de modo mais flexível, pois muda suas formas mais rapidamente para que nada escape ao controle, tornando-se ininterrupto, mantendo continuidade em todos os lugares. Se antes os confinamentos institucionais fabricavam diferentes moldagens (família, escola, fábrica, prisão), onde os indivíduos eram produzidos pelas técnicas de poder, hoje a sociedade de controle passa a funcionar por modulações “como uma moldagem auto-

deformante que mudasse continuamente, a cada instante” (idem, p.221). O monitoramento ocorre pelos meios de informação, pelas redes de comunicação, televisão, propaganda e marketing, modulando diretamente os indivíduos sem mediações institucionais. Se nas disciplinas se produziu o indivíduo que ocupava um lugar específico e se reconhecia neste lugar, fixado numa identidade, no controle esses contornos individuais passam a ser mais volúveis, pois os indivíduos são modulados a cada momento: quando se reconhece em determinado lugar, este já se transmutou em outro, já não é mais aquele, mas velozmente é recolocado e modulado em novo lugar, não escapando à lógica de um controle contínuo que procura gerenciar e prescrever determinado comportamento antes que se possa percebê-lo. Nesse sentido, na disciplina se terminava um processo para se começar outro: família, escola, fábrica. Na sociedade de controle nada termina: passa-se a estar em permanente formação.

A disciplina, que criou a dicotomia entre dentro e fora através dos espaços de confinamento, paradoxalmente *o controle* possibilita a um só tempo que essas distinções continuem se mantendo, mas sendo também indiscerníveis, visto que o controle, estando em qualquer lugar, acaba com a fronteira entre dentro e fora: tudo passa a ser um grande dentro. Extinguindo as fronteiras, passando a ser um todo interior, pode-se controlar e produzir indivíduos tanto mais homogeneizados, quanto mais individualizados, a todo o momento sendo deformáveis.

O capitalismo disciplinar é de produção, objetiva a concentração de capital e a concentração de forças úteis para atingir maior produtividade, investindo na produção em larga escala de produtos padronizados. No capitalismo da sociedade de controle, o importante é fazer diversificados produtos circularem e serem consumidos por diferentes segmentos. Dirige-se para os serviços de venda de diversos bens (materiais- mercadorias- e imateriais- jeitos de se comportar), mais que para produção. Investe-se na fabricação de informações, de imagens; passa-se a funcionar na lógica do fluxo de mercado, de fluidez e troca de ações, de informações, na qual as cifras são mais importantes que o dinheiro afixado, na qual as antigas moedas distintas adquirem um valor de equivalência referencial geral, na qual o consumo variado e desenfreado, o produto vendido e disseminado e a informação proliferada são mais importantes que a produtividade.

A figura que pode ser tomada para explicar melhor esse novo mecanismo de controle é a empresa. A indústria buscava utilizar as forças do homem a um ponto que se pudesse produzir

mais com menos custos, colocando-o em um sistema desigual entre força produtiva máxima e baixos salários, inscrevendo relações hierárquicas e bem marcadas entre proprietário e proletariado. Já na empresa, se inclui este novo empregado no sistema de participação nos lucros, que dependem do empenho de cada indivíduo, sendo desafiado, motivado a atingir as metas da empresa, fazendo com que se sinta parte integrante da mesma, como se a empresa fosse “uma alma” (Deleuze 2007, p.221). Esse novo sentido, faz com que se destitua a figura centralizada do proprietário, pois o que está em questão é a competição que se estabelece entre cada um dos empregados que almejam obter seus bônus, suas recompensas, e a conexão contínua com a empresa, onde todos se tornam potencialmente pequenos gerentes, controlando-se a si mesmos e uns aos outros.

Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros de confinamento. (idem, p.220)

### **1.1.2 biopoder e biopolítica**

Na segunda metade do século XVIII, mas desenrolando-se nos séculos seguintes, veio se acoplar e complementar à *disciplina* que incidia nos indivíduos um novo tipo de poder, o poder sobre a vida da população. Mas este estabelece uma relação específica com a vida. Diferente do poder de soberania, que exercia o direito de poder matar ou deixar viver, em que a lógica partia da apreensão, retirada tanto da vida quanto das riquezas, das mercadorias, das terras, esse novo poder age no sentido de gerir e multiplicar a vida, de fazer viver. A soberania começava a não se sustentar mais, pois com o fortalecimento do capitalismo, a um só tempo, era necessário antes utilizar cada corpo e aumentar a vida para produzir mais do que suprimi-la. A disciplina aparece em um primeiro momento, incidindo no detalhe, em cada corpo, de forma a fabricar um corpo obediente, menos resistente politicamente, ainda penetrado pelo poder soberano, mas não desaparece, pois continua agindo no nível do indivíduo, conjugando-se com esse novo poder que alcança a vida de maneira global e geral (Foucault, 2002b). Inaugurava-se um cenário onde novas modalidades de relações comerciais e de negócios passavam a existir, não mais por privilégios e concessões, mas as quais era depositada (ironicamente) em cada indivíduo a possibilidade de sua

própria liberdade e ascensão social. A circulação de mercadorias e a população nas cidades aumentavam, a própria cidade se tornava mecanizada num ritmo cada vez mais acelerado de industrialização. Nesse sentido, era mais importante encontrar caminhos menos violentos e menos onerosos para inserir os seres humanos nos aparelhos de produção cada vez maiores.

As tecnologias disciplinares formaram um corpo funcional, individual, buscando organizar e transformar a multiplicidade em massas homogêneas, segundo uma ordenação, mas a partir de cada indivíduo. “Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias.” (Foucault, 2007, p.123). Já essa nova tecnologia de controle acerta diretamente as multiplicidades gerais da espécie e não do organismo, medindo o que é próprio da vida, um biopoder, “logo depois, de uma primeira tomada do poder sobre o corpo se fez consoante o modo de individualização, temos uma segunda tomada do poder que não é individualizante é massificante.” (Foucault, 2002b, p.289).

O indivíduo disciplinado estava constantemente sendo investido e reconhecido em seu lugar delineado, estava fixando um saber sobre si mesmo enquanto ser individual. Os lugares definidos como interior e exterior, público e privado, estavam delimitados. O alvo então foi intensificar um poder global que massificasse a população. Ao indivíduo calculado, junta-se agora a massa calculada; a cada corpo sujeitado, junta-se a multiplicidade de corpos homogeneizados. Foram esses processos articulados que possibilitaram o maior fortalecimento do capitalismo e de suas relações de dominação e segregação social, a partir das quais se pôde conjugar o acúmulo de seres humanos, pelo crescimento demográfico, com o acúmulo de riquezas. Da mesma forma, aumentando-se a produtividade pelas inovações técnicas de produção em grande escala, aumenta-se a necessidade de inserir mais corpos e vida na máquina produtiva, estabelecendo uma relação de retro-alimentação.

Foi primeiramente para controlar o número de nascimentos e falecimentos, ou seja, a reprodução da vida, que começam a operar um conjunto de técnicas de medir, de prever, de contabilizar, de regular, começando a constituir saberes sobre a vida da população.

Diferente das epidemias que abatiam a cidade por um período específico, quando se intervinha de forma extremamente disciplinar, mas também coercitiva, a atenção nessa biopolítica se volta àquelas doenças endêmicas que constituem uma outra temporalidade, que existem de certo modo com uma permanência constante, que não abatem toda a população com mortes súbitas, mas tampouco são fáceis de desaparecer. Essas doenças que enfraquecem a

espécie, que a fazem produzir menos, serem menos úteis (para o sistema produtivo), que acarretam “diminuição do tempo de trabalho, baixa de energias, custos econômicos, tanto por causa da produção não realizada quanto dos tratamentos que podem custar” (idem, p.290).

Esse poder de fazer viver a população opera uma biopolítica e a mecânica se manifesta, então, apreendendo os “acontecimentos aleatórios que ocorrem numa população considerada em sua duração” (idem, p.293), buscando aumentar a longevidade, diminuindo a mortalidade, investindo numa previsão dos acontecimentos, com o alvo apontado para esses processos da vida, minimizando os aleatórios, ou seja, reforçando e fixando regularidades, equilíbrio, para tanto “maximizar as forças e extraí-las” (idem, p.294) como na disciplina, mas também na vida geral. Os mecanismos do biopoder tentam controlar as ocorrências casuais, mas inerentes ao conjunto da vida dos seres humanos. Tem objetivo de controlar as possibilidades de que ocorram, ora modificar, por vezes diminuir seus efeitos sobre a vida global da espécie, agindo sobre toda a população através de tecnologias de regulamentação.

Podemos dizer que a disciplina opera nas instituições de confinamento, mas com esse refinamento nas estratégias de poder possibilita que comece a se espalhar para além dos espaços fechados, se generalizando e ampliando seu alcance: a escola indo atrás dos pais, a medicina da família investigando como vivem, como se comportam, junto ao biopoder que funciona pelos aparelhos do Estado, através das regulamentações e políticas de intervenção e também atuando nas instituições médicas, nos sistemas de seguro de vida, de saúde. Uma gama de controles se articula sobre o indivíduo e a população, se exercendo um sobre o outro, um ao lado do outro, um reforçando o outro. Esse poder se incide com todo o aparato científico sobre a vida, através de tecnologias de poder para fazer viver, e nesse sentido se legitima o direito de intervir na vida, no modo de viver, no como viver, para corrigir, ensinar as melhores maneiras, os melhores jeitos de se viver, de se comportar, sobre os cuidados de higiene da família, sobre a educação das crianças (Foucault, 2002b).

Dizer que o poder, no século XIX, tomou posse da vida, dizer pelo menos que o poder, no século XIX, incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra. (idem, p.302).

A referência geral que vai se manter tanto para o indivíduo quanto para a vida global passa a ser a norma. A disciplina funciona observando cada corpo não simplesmente para vigiar,

mas para conhecer melhor esse organismo-homem, analisando-o individualmente em comparação com outros indivíduos, inserindo-o num quadro de avaliações constantes de desempenhos e comportamentos esperados, categorizando os indivíduos por capacidades ou incapacidades, por comportamentos adequados ou inadequados. Com o biopoder toma-se a população geral em torno das regularidades fixadas sobre os fenômenos biológicos da vida, minimizando o imprevisível, atentando para vida produtiva, útil, onde aqueles que escapam às regulamentações são agrupados diferencialmente dentro da própria população. São esses mecanismos ligados que incluem o que se desvia, o que tenta escapar, produzindo e, ao mesmo tempo, demarcando lugares precisos de desqualificação, de isolamento, de alguns “tipos” de indivíduos, como os *loucos, delinqüentes, velhos, doentes, histéricas*, fixando o que é normal e anormal, formando uma “sociedade de normalização” (idem, p.302).

É então a norma como equivalência generalizada que possibilita segmentar e diferenciar os indivíduos e subdividir a população; de um lado o delinqüente, o pervertido sexual, a doença individual, de outro a transmissão hereditária<sup>7</sup> dessas anormalidades degenerando a vida da espécie. Todo o discurso das raças passa pela mesma lógica da normalização, sendo uma maneira de, no nível global, a própria espécie se fragmentar, se dividir em grupos, qualificando alguns e desqualificando outros, hierarquizando dentro da própria espécie biológica. O racismo é imanente ao biopoder, essa é a contradição necessária em nome da vida, no próprio discurso biológico; a morte de uns pela vida da espécie humana, pois

quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu não enquanto indivíduo, mas enquanto espécie- viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar (idem, p.305).

O biopoder assim atualiza o poder soberano de poder matar, não no sentido de eliminar os inimigos de guerra, mas em nome da vida sadia e pura da espécie, podendo matar quem ameace este equilíbrio biológico. Sendo assim, as tecnologias disciplinares e o biopoder que produziram os anormais, fazem operar os micro-racismos e as micro-mortes, não necessariamente efetuando-se o assassinio, mas deixando morrer, aumentando o risco de morte para alguns no sentido de proteger a vida individual (a vida individual pela vida da população) na população. É nesse

---

<sup>7</sup> “Essa teoria da degenerescência, fundamentada no princípio da transmissibilidade da tara chamada “hereditária”, foi o núcleo do saber médico sobre a loucura e a anormalidade na segunda metade do século XIX. Muito cedo adotada pela medicina legal, ela teve efeitos consideráveis sobre as doutrinas e as práticas eugênicas e não deixou de influenciar toda uma literatura, toda uma criminologia e toda uma antropologia.” (idem, p.301)

quadro que a criminalidade, a loucura, os degenerados, os desviantes da normalidade de maneira geral, os que fogem à regulamentaridade, são tomados pela lógica do racismo como perigos internos, podendo ser isolados, excluídos, condenados à morte.

O biopoder, tomado como biopolítica em Foucault (2002b), é o exercício do poder sobre a vida da população enquanto espécie, incidindo diretamente nos processos biológicos da mesma. Hardt e Negri, (apud Pal Pelbart, 2004), apontam que na sociedade de controle, no capitalismo contemporâneo, cujo poder passa a se exercer em todos os lugares de forma móvel, fluida, prescindindo das instituições e seus confinamentos, operando no espaço generalizado, ilimitado e sem fronteiras, onde não existe mais exterioridade, o poder sobre a vida não se restringe ao biológico e não somente em gerenciar e organizar a população útil para inseri-la nos meios de produção a fim de aumentar a produção e a acumulação de riquezas. O poder biopolítico passa a se exercer sobre a vida no sentido cada vez mais total, penetrando em todos os níveis da existência, vida “agora inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto da produção material e imaterial contemporânea, o intelecto. Vida significa inteligência, afeto, cooperação, desejo” (Pal Pelbart, 2004 p. 83). A biopolítica toma uma dimensão ampliada, poliforme, heterogênea que integra a vida como um todo e faz com que cada ponto dessa rede ilimitada seja ativado e ative o próprio poder.

O capitalismo contemporâneo está preocupado em fazer uso das forças intelectuais, criativas, onde a inventividade é estimulada, motivada, servindo de gás para o próprio capital. Tal como as relações de mercado do capital, a vida capital é, nessa nova configuração, volátil, fugaz, escorregadia, insegura, mas voraz, insaciável, conectada ao mundo todo. Neste mesmo plano, o Estado- Nação, que na sociedade disciplinar era bem definido em seu comando central nacional, em sua cultura unida ao território geográfico, em sua moeda corrente, dobra-se no modo de globalização, em que há informação, cultura, línguas por todos os cantos sendo consumidas, ultrapassando fronteiras geográficas.

### **1.1.3 Resistência<sup>8</sup>**

---

<sup>8</sup> A numeração de resistência como sub-sessão do poder não foi arbitrária, eventual. Buscamos desconstruir a relação dicotômica entre poder e resistência, visto que, resistência é imanente às relações de poder, entendidas como relações de forças.

Se por um lado, a biopolítica é poder sobre a vida total, por outro é onde ela escapa ao poder e exerce a “potência da vida” (Negri e Hardt, apud Pál Pelbart, 2004, p.83). Nesse sentido, converge com o paradoxo anunciado por Foucault (2001), o qual é justamente a vida investida pelo poder que é tomada pelas forças de resistência. Isso implica um outro sentido para resistência, não contra algo, mas a favor da vida, o do poder da vida e não o poder sobre a vida. O poder só pode se exercer se justamente existirem focos de resistência que, ao mesmo tempo, são o alvo do poder e aquilo que o confronta e onde ele se apóia para produzir, como efeito, certa dominação. Sendo assim, a resistência vem primeiro e faz com que o poder mude suas estratégias, seus mecanismos de ação para combatê-la. Poderíamos dizer que resistência não é uma, mas múltiplas resistências e que estão por todos os lados, mas não são localizáveis, atravessam os estratos sociais e individuais, as instituições, o Estado, tanto quanto o poder. Às vezes, em determinado espaço e tempo de tal formação histórica, estes vários pontos de resistência difundem-se em toda a trama social e criam possibilidades de insurgências de indivíduos e grupos, formando levantes, provocando rupturas incisivas no socius, como, por exemplo, o que aconteceu no início da Revolução Francesa. Porém, “é mais comum, entretanto, serem focos de resistência móveis e transitórios, que introduzem na sociedade clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os remodelando.” (Foucault, 2001, p.92).

Sendo assim, a resistência não está em relação passiva com o poder, não é o seu outro lado, ou melhor, ambos são imanentes um ao outro e compõem as relações de poder, pois estas são uma multiplicidade de correlações de forças, que tanto podem se combinar e se unir, quanto podem se diferenciar e se contrapor: são combates incessantes entre as forças em seu poder de afetar e ser afetado que só se tornam reais em exercício através de ações sobre ações do(s) outro(s). O poder busca produzir possíveis respostas e reações dos indivíduos, “opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável.” (Foucault, 1995, p.143). Às vezes, como efeito, podem funcionar práticas coercitivas de poder, mas estas não lhe são constituintes, pois antes ele age no sentido de gerir as ações, as condutas dos sujeitos objetivando produzir ações esperadas como organizar as prováveis ações que aqueles possam ter dentro de um espectro de possibilidades. Seria antes, segundo Foucault (idem, p.244) uma questão de governo:

Devemos deixar para este termo a significação bastante ampla que tinha no século XVI. Ele não se referia apenas às estruturas políticas e à gestão dos Estado; mas designava a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes. [Ele recobria] modos de ação mais ou menos refletidos e calculados, porém destinados a agir sobre as possibilidades de ação dos outros indivíduos.

Sendo assim, a finalidade do poder é dirigir de forma constante a conduta dos outros, buscando fixar e manter determinadas condutas calculáveis, mas tendo como limite os pontos de resistência que tanto lhe fogem quanto lhe combatem. Sendo assim, as relações de poder seriam em primeira instância relações instáveis e em permanente tensionamento e embate, pois não seria possível atribuir às relações de poder um sistema de dominação que controla tudo e que não deixa nenhum espaço para a liberdade.

Nesse sentido, as relações de poder sendo exercício de ação sobre ação, entendendo-as a partir desse momento como práticas de governo de uns sobre os outros, só podem existir e incidir sobre homens, grupos-livres. Foucault (1995) explica que seriam livres aqueles que têm em suas vidas possibilidades de ação, onde diferentes modos de conduta, diversas formas de se comportar podem vir a existir. Nesse sentido, nem sempre reagem conforme os efeitos esperados, pois se não (do contrário) tudo estaria restrito a uma questão de violência e obediência forçada. Sendo assim, as relações de poder não existem quando há escravidão, pois neste caso há impossibilidade de ação do outro por coação e violência, apesar de que mesmo nestes casos há a possibilidade última (há uma última ação possível) de resistência que seria esse outro se matar (acabar com a própria vida). Mas como o poder funciona no sentido de incitar e não destruir uma maior probabilidade de condutas, a liberdade então é onde o poder investe servindo-lhe de suporte para operar; é a própria “condição de existência do poder” (idem p. 244), fazendo com que esteja sempre se atualizando e se transformando em outras formas para se exercer sobre a liberdade. Sendo assim, são como constantes lutas, onde a liberdade, a resistência sempre estarão corrompendo, furtando, insurgindo, quebrando e provocando o poder.

Como vimos que os efeitos de dominação estão espalhados em todo o tecido social, no cotidiano, podemos pensar que a liberdade também está. A organização do Estado individualizou e operou totalidades, mas não veio de cima. Foi um conjunto de situações estratégicas que se articularam e possibilitaram uma generalização de efeitos de dominação. Mas a dominação não pode ser tomada como dada, pois a todo o momento podemos enfrentá-la e combatê-la, visto que

não estamos fora dela, estamos em relação de poder. “Basta que qualquer um de nós se eleve sobre o outro, e o prolongamento dessa situação pode determinar a conduta a seguir, influenciar a conduta ou a não-conduta do outro” (Foucault, 2004, p.16). Não há sociedade sem relação de poder, pois sempre estamos agindo uns sobre as ações dos outros, mesmo que estas se organizem e funcionem de modos diferentes em cada formação histórica.

As relações de poder estão sempre presentes nas relações humanas: uns querendo conduzir os outros. São relações que se exercem entre os indivíduos, nas relações institucionais, econômicas, familiares, pedagógicas, amorosas, midiáticas e sendo móveis e instáveis não são imutáveis nem acabadas, podem sempre se inverter, se transformar. Mas as relações de poder podem se fixar por longos períodos em estados de dominação que estão constantemente se articulando e buscando manter tal dominação. Este foi o exemplo das ciências médicas, ligadas a processos econômicos e sociais, mas principalmente através de práticas de poder que se pode produzir um saber sobre os indivíduos, constituindo sujeitos percebidos como pervertidos, histéricas, loucos, exercendo uma relação assimétrica diretamente nestes. Mas mesmo assim, a resistência sempre pode se insurgir, como Foucault (2006) traz em um pequeno exemplo sobre a questão da mulher no século XVIII e XIX, quando mesmo estando em estado de desigualdade na relação conjugal, ela poderia praticar pequenos subterfúgios, roubar dinheiro do marido, se recusar ao ato sexual, enganá-lo; ou seja, pequenas resistências.

Mas o que queremos afirmar é que a resistência, a liberdade não são situações de exceção, mas algo que está por todos os lados, espalhado em todo o tecido social, acontecendo no cotidiano e que, nesse sentido, não podemos nos dar por vencidos. Precisamos encontrar as armas precisas para usarmos neste front, pois estamos sempre em embate de forças uns com os outros, em relações de poder operando micropoliticamente no cotidiano, produzindo a cada instante condutas, comportamentos, sentimentos, constituindo realidades e liberdades.

As resistências se constituindo nesse campo de forças, podemos pensar então em re-existir a cada instante, inventando outros modos de existir e de estar no mundo. Nesse sentido, ao longo do texto estaremos trabalhando tanto com os sufocos, quando estamos tomados por situações de dominação, quando nos sentimos “aprisionados”, quanto ar, quando podemos respirar e criar novas possibilidades de liberdade e outros jeitos de viver. Por ora, iremos falar um pouco mais sobre a subjetividade que se constitui no cotidiano das relações, o que chamaremos de produção de subjetividades.

## 1.2 Subjetividade

Para pensar a subjetividade, propomos neste momento brincar um pouco com algumas linhas escritas por Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik. Nossa preocupação não é explanarmos exaustivamente seus conceitos de forma pura e intacta, mas, de certa forma, operarmos uma poluição nestes, a partir de como eles nos chegam, como nos tocam, como fazem sentido para nós neste trabalho.

Então, pensemo-nos como passageiros de uma longa viagem, onde vamos compondo territórios existenciais provisórios, decompondo tais territórios, construindo novos, traçando novos contornos. Vamos pensar a subjetividade como construção de territórios provisórios. Portanto esta não teria uma essência, não seria algo inato, natural, a priori, nem algo a ser desvelado que estaria mascarada, alienada, pois é produzida e se produz a cada instante.

É no campo social das forças, intensidades, onde afetamos e somos afetados no encontro entre os corpos, sejam estes humanos e inumanos, coletivos, econômicos, sociais, comunicativos, que se produz a subjetividade. Estas intensidades experimentadas no encontro se tornam reais no social através das matérias de expressão: jeitos e gestos, criando assim um território existencial - formas de sentir, de agir, de pensar, de desejar. (Rolnik, 1989, p.26)

Seria conveniente definir de outro modo a noção de subjetividade, renunciando totalmente a idéia de que a sociedade, os fenômenos de expressão social são a resultante de um simples aglomerado, de uma simples somatória de subjetividades individuais. Penso ao contrário, que é a subjetividade individual que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc (Guattari e Rolnik, 1986, p.34).

Começamos pensando que os nossos territórios estão sendo traçados por linhas que formam, que desmancham e linhas de pura intensidade e forças. Estas linhas compõem a vida, o indivíduo, os grupos, as coletividades. Elas são imanentes umas as outras e se misturam, se atravessam, combinando ou não. Elas não preexistem, elas se traçam (Deleuze e Guattari, 1996, Deleuze 1998). Partimos então de um território existencial bem delimitado pelas “linhas de segmentaridade dura ou molar” (idem, idem), que tem contornos bem definidos, onde estamos preenchidos por códigos reconhecíveis, circunscrevendo um plano de identificação. Neste território segmentar sabemos como nos comportar, o que estamos sentindo, como agimos e

reagimos às coisas, os nossos jeitos e gestos bem definidos. E seguimos: passamos de um segmento a outro, ora somos trabalhadoras, ora mães, ora esposas, ora estamos na família, depois na escola; enfim sempre de segmento a segmento, exercendo em cada um repertórios *apropriados* para cada um deles, os nossos *saber fazer*, os hábitos, os conhecimentos sobre nós e o mundo.

Esta linha é mais visível, pois são matérias formadas de expressão que manifestam os nossos jeitos, gostos, gestos, palavras; enfim, os modos de viver, compondo um território existencial *definido*, no qual reconhecemos as paisagens que enxergamos: *acordar, abrir a janela, ir ao banheiro, lavar o rosto, ir à cozinha, fazer um café com leite, fumar um cigarro*, nesta ordem e com os subsídios pré-formados. Essa linha, também, opera cortes dicotômicos: rico, pobre, homem, mulher, branco, negro, que nem sempre são formas duais. Por exemplo: você pode não se reconhecer nem como heterossexual ou homossexual, mas como bissexual ou transsexual. O fato é que sempre se estará inscrito em uma categoria que exclui as outras: raça, profissão, gênero. Ao mesmo tempo, pertence a um conjunto de vários pequenos cortes: *Pedro, cinqüenta anos, casado, 'ambulante', pai de quatro filhos*. A linha de segmentaridade molar desenha então contornos relativamente estáveis e organizados.

Mas eis que, de repente, uma outra linha aparece: a linha de “segmentaridade molecular” (Deleuze e Guattari, 1996, Deleuze 1998), uma linha mais flexível que opera pequenas fissuras, estremece a linha dura, realizando pequenas modificações nesta. É uma linha que estava lá imperceptível, como que vibrando *por baixo* das formas enrijecidas. Vamos pensar em Pedro. Um dia ele sai de casa e vai ao mercado como de costume e lá encontra Marcos e alguma coisa acontece, não se sabe o que, mas algo mudou, algo saiu do lugar, mas o que será? Neste encontro os corpos<sup>9</sup> em seu poder de afetar e serem afetados pelas forças, intensidades entre si, produzem sensações ainda não inteligíveis, ainda não conscientes, mas algo se passou neste encontro: é a linha molecular, flexível, de fluxo, começando a operar, passando a estremecer os contornos do território de Pedro, pois ela atravessa a segmentaridade rígida, desestabiliza o plano de

---

<sup>9</sup> O corpo é tomado aqui, segundo Deleuze (2002) em sua leitura de Espinosa, como uma infinidade de micro partículas (de afetos) que estão em relação de velocidade e lentidão, em movimento ou em repouso entre si por menor que seja esse corpo e que ao mesmo tempo tem o poder de afetar e ser afetado, em suas forças e *partículas*, por outros corpos. Existem tanto os corpos *mais simples*, que seriam infinitamente minúsculos e os *corpos compostos* que são preenchidos por estes. Sendo assim, “o corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma idéia, pode ser um corpus linguísticos, pode ser um corpo social, uma coletividade” (idem, p. 132), um indivíduo, um espaço, uma cidade. E que estão sempre podendo formar novos compostos, decompostos, recompostos.

organização, vai arrastando e quebrando as fronteiras limitadas. Esta linha que quebra não tem nada a esconder e nada a revelar, mas é um mistério, é inesperada. Mesmo sendo perceptível que algo mudou, ainda não se conhece o quê, é o tempo da incerteza, do desconforto. O território de Pedro passa a não fazer mais tanto sentido de existir, uma certa angústia, um certo medo, tremor, dúvida estão se manifestando. Como coloca Deleuze (1998, pp.147-148)

quando tudo vai bem, ou tudo vai melhorar sobre a outra linha, que a fissura acontece sobre essa nova linha, secreta, imperceptível (...) já não se suporta o que se suportava antes, ontem ainda; (...) um novo tipo de angústia, mas também uma nova serenidade.(...) Ou então o inverso: você começa a ficar bem quando tudo se quebra sobre a linha. (...) A linha flexível não é, no entanto, mais pessoal, mais íntima. As micro-fissuras são coletivas também.

É neste momento que uma outra linha está passando pela flexível, é a “linha de fuga” (Deleuze e Guattari, 1996, Deleuze 1998), abstrata, anônima, pura força, intensidade, afetos que se desterritorializam. Essa linha, então, não é feita de segmentos nem por pequenas mudanças, não são somente móveis, flexíveis. Ela provoca rupturas, pois é puro movimento de partículas e força, é quando podemos nos tornar “clandestinos” (Deleuze, 1998, p.148), quando fazemos uma “viagem imóvel” (idem, ibidem).

Mas nesse momento Pedro pode ser tomado por muito medo, muita angústia, dessas sensações desconhecidas, medo de seu mundo se desmanchar, medo de morte, medo de desabar, medo de enlouquecer, medo de não conseguir dar consistência para esses afetos e assim não criar novos mundos, medo de fracassar. Uma sensação de ambigüidade entre continuar, deixar os fluxos passarem, experimentar tais sensações, ou segurar seu território, manter a segmentaridade dura. Deixando os afetos passarem, viver a sensação do desconhecido, irá desterritorializar sua morada, porém também é quando ele poderá inventar novos jeitos, novas formas de viver, de sentir, de se comportar, de se relacionar consigo, com as pessoas, com o mundo, criando outros contornos, outros territórios. Mas, também a linha rígida poderá prevalecer, sobrecodificando esses afetos soltos e fazendo-o retornar a seu modo conhecido de viver, mesmo que algo tenha mudado.

Esse movimento ambíguo é próprio da linha flexível, nômade, pois ela pode tanto se combinar com a dura e provocar apenas pequenos abalos, desterritorializações parciais que logo se restituem como territórios definidos e antigos, quanto pode se conectar com a linha de fuga, informe, e deixar passar as intensidades, os afetos e provocar rupturas, desterritorializações

absolutas, onde se desmancham os territórios, onde, depois, irá se criar através da linha molecular novos contornos que se combinarão com a molar, reconstruindo-se novos territórios. É difícil falar e escrever sobre as linhas, pois elas estão emaranhadas umas nas outras e operando umas sobre as outras, sendo cada uma delas múltipla de si em diferentes corpos. Esses movimentos das linhas, a produção das próprias linhas acontecem também durante o transcurso do nosso dia, estamos sempre nos territorializando, nos desterritorializando e reterritorializando nos nossos encontros com outros corpos, mesmo que, de maneira geral, sejam ínfimas essas mudanças, muitas vezes inapreensíveis.

Deligny propõe (...) a cartografia ao seguir o percurso das crianças autistas: as linhas costumeiras, e também as linhas flexíveis, onde a criança faz uma volta, encontra alguma coisa, bate palmas, cantarola (...), volta sobre seus passos, e então as “linhas erráticas”, emaranhada nas duas outras. (...) não concerne apenas às crianças autistas, mas a todas as crianças, todos os adultos (Vejam como alguém anda na rua, se ele não está tomado demais em sua segmentaridade dura, que pequenas invenções ele põe nisso) (Deleuze, 1998, p. 149).

Mas e Pedro nessa situação entre as linhas? A linha de segmentaridade molar está sempre construindo formas, traçando plano de organização, querendo bloquear os fluxos. Até que ponto ele precisa dessa segurança, dessa certeza de território? Será rígido ou não? Como ele anda operando os movimentos na sua vida, será que ele tem um corpo que pode deixar passar algo informe e intempestivo sem se destruir? São muitas questões. Tanto quanto as linhas duras concernem o perigo de sempre manter a forma e sobreformar, as linhas de fuga estão sempre buscando desconstruí-las. O perigo seria esta vir com uma força tal, sem ele conseguir construir estratégias de operá-la, de traçá-la. Se ela aparecer rápido demais, destruindo toda a segmentaridade, se em vez de vento vier a tempestade não anunciada, então, nesse caso, a linha de fuga pode se tornar uma linha de abolição, tanto das outras como de si mesma, de Pedro. Pois ela é a linha que traçamos para criar, inventar, transmutar, mas há também o perigo de acabar só destruindo. As linhas de fuga fazem variar tudo por onde passam e estão sempre querendo explodir as formas e traçar movimentos. Como as outras, as linhas de fuga estão por toda a parte e são o que possibilita a nós, a sociedade poder criar outros mundos.

Contudo, de modo mais freqüente, um grupo, um indivíduo funciona ele mesmo como linha de fuga; (...) É evidente que a linha de fuga *não vem depois*, está presente desde o início, mesmo se espera sua hora e a explosão das outras duas. (...) As linhas de fuga, “não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se

seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga”<sup>10</sup> (Deleuze e Guattari, 1996, pp. 72-73).

Seria preciso pensar como Pedro anda traçando as linhas com outras linhas de outros corpos. Será que tem se permitido experimentar estados inéditos de sensações ainda não vividas? Será que nos seus percursos tem agido com prudência, não no sentido de controle, mas no sentido de avaliar os afetos que lhe atravessam nos encontros com outros corpos? Com que corpos ele vem se compondo ou não compondo? Serão corpos que lhe potencializam a vida, as suas ações, a sua mobilidade, a sua expansividade, que lhe permitem traçar linhas de fuga, de criação? Ou serão corpos que lhe despotencializam, que lhe fazem sentir-se preso, sufocado, asfíxiado, constrangido, impedindo e inibindo o seu próprio corpo de agir, de se expandir, de se expressar, de lutar e diminuindo o que ele poderia ser capaz<sup>11</sup>? E você: “qual mapa você está fazendo e remanejando, qual linha abstrata você traçará, e a que preço, para você e para os outros? (...) Você se desterritorializa? Qual linha você interrompe, qual você prolonga ou retoma, sem figuras nem símbolos?” (Deleuze e Guattari, 1996, p.71).

Passamos a vida toda criando territórios, desconstruindo tais territórios, sempre precipitados pelos nossos encontros com outros corpos. Só conheceremos o que pode um corpo na experimentação cotidiana e não previamente e dependendo das circunstâncias, das possibilidades que encontraremos nos agenciamentos com os múltiplos corpos. Vamos traçando nossos mapas, criando estratégias para criação de mundos. São ilimitadas possibilidades de viver, ao mesmo tempo, finitas, visto que a vida é feita de pequenas mortes, quando o nosso território deixa de fazer sentido existir e pequenos nascimentos, quando construímos outras moradas. É uma longa caminhada de práticas micropolíticas de estar e vir a estar no mundo.

Pois, de todas essas linhas, algumas nos são impostas [como os dispositivos de poder] de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se

---

<sup>10</sup> As linhas como dissemos, não estão somente no indivíduo, elas estão nas coletividades, nos grupos, na sociedade, mais ainda, elas são imanentes ao campo social e, nesse sentido, são traçadas em diferentes configurações sociais e dentro das possibilidades que encontra em tal ou qual campo social, em tal formação histórica. Existem momentos na história onde acontecem grandes rupturas que fazem mudar radicalmente, não de uma hora para outra, os modos de viver, a economia, os costumes, a alimentação, as cidades, a sociabilidade, foi como a revolução Francesa, rompendo com os modos segmentados da sociedade. Diríamos que ali foram as linhas de fuga que operaram rupturas nas estratificações duras existentes, “pois longe de serem uma fuga fora do social, longe de serem utópicos ou até mesmo ideológicos, são constitutivos do campo social.” (Deleuze, 1998, p.158)

<sup>11</sup> Como tão bem coloca Deleuze (2002, p. 130.): “ninguém sabe antecipadamente os afetos de que é capaz; é uma longa história de experimentação, uma demorada prudência. (...) não sabeis do que sois capazes, no bom como no mau, não sabeis antecipadamente o que pode um corpo ou uma alma, num encontro, num agenciamento, numa combinação”.

saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida (idem, p. 70).

Podemos agora dizer que é na cidade, no espaço urbano, foco deste trabalho, que vamos percorrendo os trajetos da nossa longa viagem, onde a cada dia vamos traçando nossos territórios existenciais, construindo histórias inacabadas, onde os corpos se encontram, onde as relações de poder estão em constante tensão e onde os efeitos de dominação, o aprisionamento, o sufoco e a possibilidade de resistência, de traçar linhas de fuga vão se constituindo.

## CAPÍTULO II

### **2. Produção de modos de existir na cidade**

Somos interpelados cotidianamente pelos espaços. Se considerarmos espaços no sentido mais amplo, podemos pensar que quando estamos escutando música habitamos o espaço musical, quando estamos sonhando habitamos o espaço onírico, ilimitado, assim como estes, há várias possibilidades de espaços. Transitamos também por espaços concretos, como as ruas por onde andamos, os bairros onde moramos, os prédios em que entramos, shoppings, corredores, ônibus, favelas, construções etc. Esta heterogeneidade de espaços nos produz sensações e afetações as mais diversas. Podemos dizer que a relação consigo e com o mundo está transversalizada pelos múltiplos espaços que cruzamos. A cidade, neste sentido, é uma máquina potente de modos de produção da subjetividade.

O espaço urbano é algo que não está desvinculado do corpo, como ainda hoje alguns arquitetos compreendem, mas constitui corpos. Pois o espaço, como os seres humanos, os animais, os objetos, são corpos que se encontram, é um entre que produz afetações, algo que escapa do visível, pois é no plano das intensidades que acontecem. A cidade é como um campo de afetações, de tensionamento entre as relações de força, entre os corpos que se encontram, entre a multiplicidade de vidas que exercem o viver; é o espaço que se constroem sociabilidades, modos de existir. Cabe-nos perguntar, como Pal Perbart (2000, p.45), “que afetos ela favorece ou bloqueia, que trajetórias ela produz ou captura, que devires ela libera ou sufoca...?” Nesse sentido, a cidade pode “trabalhar tanto no sentido de esmagamento uniformizador quanto no de uma resingularização liberadora da subjetividade” (Guattari, 2000 p. 158).

#### **2.1 Pinceladas de um cenário urbano (século XIX)**

No final do século XVIII, tem início a formação das cidades industriais. A primeira razão de se precisar intervir neste lugar é econômica. Nesse momento, não só acontecem relações comerciais em pequena escala, troca de mercadorias manufaturadas ou de alimentos, mas devido à industrialização a cidade passa a ser local de produção e troca desta produção. Também se faz necessário intervir devido a uma dimensão política. O aumento da população operária da cidade

devido à migração (aparecimento de uma população operária pobre) começa a promover uma tensão com a população mais rica (pequenos grupos de comerciantes e corporações) culminando nas chamadas revoltas de subsistência. Destaca-se “o fato de que, em um momento de alta de preços ou baixa de salários, os mais pobres, não mais podendo se alimentar, saqueiam celeiros, mercados, docas e entrepostos” (Foucault, 2002a, p.86). Portanto, a cidade se tornou um espaço onde havia um acúmulo crescente da população, aumento de fábricas e oficinas, muita gente vivendo e morrendo, corpos que iam sendo amontoados. Neste cenário, o esgoto, que não era tratado, corria a céu aberto. O medo das doenças e epidemias e a real existência destas geravam tensão, medo urbano, grande confusão. Por isso, na medida em que o tecido urbano se forma, a atenção se volta para intervenções sanitárias.

A primeira intervenção “trata-se do modelo médico e político da quarentena” (Foucault, 2002a, p.87), disciplinando os corpos sob a lógica de emergência da peste, operando com medidas diferentes das utilizadas com relação à lepra<sup>12</sup>. Esta última funcionava por exclusão, quando alguém era descoberto com a doença era exilado do espaço social da cidade, misturado com outros doentes, mas longe dos muros da cidade, visando mantê-la purificada. Os mecanismos com relação à peste, por sua vez, funcionavam dentro da cidade, operando na lógica da inclusão, do internamento, da vigilância, da separação dos corpos e da análise detalhada dos mesmos. Em esquema de quarentena, as pessoas deveriam permanecer em suas casas e de preferência cada uma em um local diferente e deveriam se apresentar na janela, todos os dias, quando chamadas por algum inspetor. Como estratégia de controle a cidade foi detalhadamente setorizada em bairros e ruas, buscando assim identificar os habitantes de cada residência. Nas casas eram feitas inspeções constantes por vigilantes e autoridades designadas para tal, transcrevendo também relatórios minuciosos sobre o estado de saúde de cada um dos residentes. (Foucault, 2002a) O objetivo destes procedimentos era garantir que ninguém saísse do seu lugar, mantendo os moradores sob constante vigilância. Nesse momento,

o poder político da medicina consiste em distribuir os indivíduos uns ao lado dos outros, isolá-los, individualizá-los, vigiá-los um a um, constatar o estado de saúde de cada um, ver se está vivo ou morto e fixar, assim, a sociedade em um espaço esquadrinhado, dividido, inspecionado, percorrido por um olhar permanente e controlado por registro, tanto quanto possível completo, de todos os fenômenos (Foucault, 2002a, p.89) .

---

<sup>12</sup> As medidas contra a lepra eram praticadas na Idade Média; eram técnicas de expulsão. Já contra a peste são utilizados mecanismos de inclusão próprios da sociedade disciplinar.

Esse mecanismo da peste era um ideal da *disciplina*<sup>13</sup>, mas podemos pensá-lo mais como uma lógica que a sociedade disciplinar operou de maneira geral em instituições como a fábrica, a prisão, a escola, como já apontado no capítulo anterior. O que queremos ressaltar aqui é que através destes mecanismos se deram as primeiras investidas de esquadramento, vigilância, análise e controle no nível da cidade. Movimento que podemos localizar no momento de seu ressurgimento comercial e no início da industrialização e do capitalismo. No século XIX o poder disciplinar se desenrola e se aperfeiçoa, atualizando esses modos de controle, por meio das reformas urbanas e das políticas de higienização. E que neste momento a arquitetura que antes era para ser vista pelos súditos- como os palácios que evidenciavam a imponência e o poder da soberania – e para vigiar de dentro para fora- como as fortalezas- começa a ser agora para ver cada indivíduo no interior da cidade de maneira esmiuçada e detalhada; “uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre o seu comportamento, reconduzir até ele os efeitos de poder, oferecê-los a um conhecimento” (Foucault, 2002a, p. 144).

No século XIX, então, em meio à industrialização crescente, a revolução burguesa<sup>14</sup> na França, as inovações no transporte, a migração contínua e descomunal das pessoas para os centros de produção, a intensa circulação e aglomeração das pessoas, onde as ruelas estreitas eram ainda marcadas por toda uma arquitetura medieval, a preocupação voltava-se para esse meio, onde as vidas se misturavam, tornando as cidades um problema. Era necessário dar vazão para a circulação da produção, das mercadorias e do próprio comércio, além de codificar a população heterogênea, organizando o espaço global, formando novas funções para a cidade, traçando um plano de racionalização urbana.

Neste momento, se faz possível o surgimento de um novo saber voltado para a cidade, o urbanismo. Este se firma com a formação dos Estados Nações, possibilitando intervenções em níveis gerais da população e em níveis de práticas concretas de reformas arquitetônicas em grande escala, operando inicialmente em conjunto com a medicina higienista e com a criminologia. Este novo saber agirá e se desenvolverá fortalecendo o capitalismo industrial e de produção. A cidade passa a ser investida de práticas discursivas, de reflexão, análise e

---

<sup>13</sup> Essa lógica da peste acontece um pouco antes do Panóptico de Bentham, dispositivo que vai apurar o funcionamento da disciplina.

<sup>14</sup> A revolução burguesa insurgiu no final do século XVIII, mas até o século XIX continuam ocorrendo muitas tensões e disputas, fazendo com que ora o poder estivesse com a burguesia, ora com a aristocracia, com a monarquia.

observação, todo um saber imbuído pelos ideais de racionalidade iluminista. Neste sentido, Pechman (1991) afirma que o urbanismo seria totalmente distinto da cidade, visto que ele produz e acaba sendo produto “de um discurso sem história, porque não remete a cidade como materialidade, mais a um novo sistema de idéias, com articulações e conceitos inteiramente novos, ‘inventados para nomear uma nova ordem que se gesta’” (p.126).

Nessa direção, tanto a *disciplina*, quanto o biopoder, como foi mencionado anteriormente, se exerceram na nova problemática, investindo tanto na docilização do corpo, inserindo-os em espaços da cidade que serão recortados e delimitados, como na regulamentação dos corpos da população da cidade, operando em níveis diferentes, mas coexistindo e se apoiando. Foucault (2002b, p.299) nos traz como exemplo a cidade operária do século XIX:

Vê-se muito bem como ela articula, certo modo perpendicularmente, mecanismos disciplinares de controle do corpo, sobre os corpos, por quadrícula, pelo recorte mesmo da cidade, pela localização das famílias (cada uma em cada casa) e dos indivíduos (cada um num cômodo). Recorte, pôr indivíduo em visibilidade, normalização dos comportamentos, espécie de controle policial espontâneo que se exerce assim pela própria disposição da cidade. (...) E depois vocês têm toda uma série de mecanismos que são, ao contrário, mecanismos reguladores, que incidem sobre a população enquanto tal e que permitem, que induzem, comportamento de poupança, por exemplo, que são vinculados ao habitat, à locomoção do habitat e, eventualmente, à sua compra. Sistemas de seguro-saúde ou seguro-velhice; regras de higiene que garantem a longevidade ótima da população; pressões que a própria organização da cidade exerce sobre a sexualidade, portanto sobre a procriação; pressões que se exercem sobre a higiene das famílias; os cuidados dispensados às crianças; a escolaridade etc.

Tomamos, como exemplo, a cidade de Paris do século XIX, durante o II Império de Napoleão III, e as obras realizadas pelo prefeito Haussman, que se constituíram como matriz para obras em outros países posteriormente<sup>15</sup>. Começa-se a planejar e executar uma cidade vista como um organismo funcional, separada por diferentes partes e suas funções, mas que se articulam como um todo. Almeja-se uma forma cidade-modelo - organizada e em ordem, funcionando como um corpo saudável, voltada para o progresso da mesma que estaria em conformidade com o progresso tecnológico e econômico.

Foram as descobertas de Harvey (apud Sennett, 1997), de que a circulação do sangue e da respiração no corpo humano acontecia através de veias e artérias, que serviram de fundamento

---

<sup>15</sup> Na cidade do Rio de Janeiro inclusive, no início do século XX, inspirados nas reformas de Haussman, o então presidente da República Rodrigues Alves (1902-1906) junto ao prefeito da cidade Pereira Passos executaram um grande projeto para modernizar e efetivar políticas de saneamento no Rio de Janeiro. Fez-se uma ampla reforma urbana, onde demoliram os velhos prédios e cortiços, dando lugar às grandes avenidas, edifícios e jardins. Milhares de pessoas pobres foram expulsas de suas antigas moradias, indo morar nos morros e na periferia da cidade.

para planejar e construir a cidade do futuro como um organismo saudável, onde o capital e a população pudessem se movimentar tal como as hemácias e os leucócitos.

Assim, as intervenções buscaram a cidade perfeita para o capitalismo dos oitocentos, inspiradas na revolução<sup>16</sup> de Harvey, varrendo as construções velhas do *passado arcaico* que impediam o progresso da cidade. Abriam-se as grandes artérias, através de largas avenidas e bulevares, tornando as vias mais amplas, liberando o espaço para maior circulação de transeuntes, transportes e possibilitando o fluxo de mercadorias, atentando para o favorecimento dos negócios e da intensificação do comércio. Por outro lado, esse investimento nos espaços amplos e geométricos, claros e iluminados possibilitava separar a mistura e a heterogeneidade da população crescente, buscando evitar as agitações populares advindas com a Revolução Francesa, os grupos ameaçadores da ordem como os operários pobres. Insurgências que colocavam em cena o fracasso das promessas anunciadas pelas cidades do capitalismo desta época. As ruas até então eram lugares fugidios e despersonalizados, sem rosto para ordem vigente, onde circulavam todos os tipos de indivíduos anônimos e ainda eram muito escuras e labirínticas, difíceis de deixar rastros. Para o urbanismo desta época tudo que não fosse alcançado pelas luzes da razão era definido como perigo, lugar do imprevisível, do indomável. Nesse sentido, a rua, onde se concentrava a imensa população indiferenciada, passou a ser esse lugar de possível perigo e começou a ser vista como o abrigo dos possíveis *criminosos*, dos desviadores do funcionamento orgânico da cidade, onde as pessoas precisam então ser codificadas, identificadas, segmentarizadas. Neste sentido, a lógica da peste, do não contágio, da separação e esquadrinhamento, através da sociedade de normalização, se apresentava, operando controles tanto de marcação - “perigoso-inofensivo; normal-anormal” (Foucault, 2007, p.165) - quanto de diferenciação - “quem é ele, onde deve estar; como caracterizá-lo, como reconhecê-lo, como exercer sobre ele uma vigilância constante” (idem, *ibidem*).

Desde a Revolução Francesa, uma extensa rede de controles, com rigor crescente, fora estrangulando em suas malhas a vida civil. A numeração dos imóveis na cidade grande fornece um ponto de referência adequado para avaliar o progresso da normatização. (...) Medidas técnicas tiveram de socorrer o processo administrativo de controle. Nos primórdios dos procedimentos de identificação (...) encontramos a definição da pessoa através da assinatura. Na história desse processo, a descoberta da fotografia representa um corte. (...) Pela primeira vez, a fotografia permite registrar vestígios duradouros e inequívocos de um ser humano (Benjamim, 2000, p.44, p.45).

---

<sup>16</sup> Ver mais em Sennett, 1997.

Os mecanismos higienistas, aliados às reformas urbanas, almejavam limpar as cidades escuras e sujas, com a preocupação de que era “preciso poder ver o que acontece por trás das fachadas decadentes, dentro dos casarões promíscuos, nos pátios e arrebaldes onde se adivinha instalada a doença física e moral” (Santos, 1988, p.33). A cidade da ordem tinha como ideal a pureza, isto é, cada coisa deveria estar no seu devido lugar, tanto para serem vistas com clareza quanto para não ocasionar os perigos da mistura. Nesse sentido, as intervenções, partiam de preocupações sobre a contaminação da população humana por alguma doença devido à sujeira nas ruas, os amontoados de lixo, denunciando que o tipo de vida industrial acarretava uma degradação no modo de vida das pessoas e que as patologias físicas e mentais adviriam deste meio (Choay, 2005). Foi, portanto, em *defesa da vida*, que se investiu em um ambiente mais higienizador, menos suscetível ao contágio e ao aparecimento de doenças, tornando o espaço mais propício para o comércio e seus negociantes. Para inserir mais indivíduos sadios nos meios de produção também destruíram as antigas construções e casebres, rasgaram o tecido urbano com as grandes artérias e veias de comunicação e a medicina pode se voltar para a higiene pública, buscando atacar permanentemente possíveis doenças, exercendo um poder “de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e da medicalização da população” (Foucault, 2002b, p.291).

Na cidade foram construídos espaços extremamente amplos, abertos por vazios e verdes, como medidas de higiene, colocando que os jardins, o verde, os pequenos bosques propiciariam os momentos de lazer, como havia no meio rural. Estes foram implantados entre e nas absurdamente largas avenidas - os chamados *bulevares* - onde também “ilhas para pedestres foram instaladas para tornar mais fácil a travessia” (Berman, 1986, p.173).

O espaço urbano foi construído segundo “análises” das funções humanas, separando e classificando lugares específicos para o habitat, o trabalho, negócios, cultura. Mas, além disso, a lógica funcional deveria “traduzir-se numa disposição simples, que impressione imediatamente os olhos e os satisfaça” (Choay, 2005, p.9), como os majestosos monumentos erguidos em locais de destaque: nos cruzamentos e no final das avenidas. Buscavam, pois, a beleza da cidade, concebendo uma estética racional e ordenadora. “A cidade progressista recusa qualquer herança artística do passado para submeter-se exclusivamente às leis de uma geometria” (idem, *ibidem*). A execução da cidade-modelo racional, segundo seus planejadores, poderia ser aplicada em qualquer lugar, qualquer população, qualquer tempo, independente das contingências e da

história desses lugares. Mas mesmo assim, “todas essas características ajudaram a transformar Paris em um espetáculo particularmente sedutor, uma festa para os sentidos” (Berman, 1986, p.173).

Porém para levantar e construir essa nova cidade foram demolidas milhares de construções medievais, bairros inteiros foram postos abaixo, deslocando uma quantidade enorme de pessoas pobres, rasgando o espaço urbano, recortando e organizando novas vias e novas funções.

Os novos bulevares permitiram o tráfico fluir pelo centro da cidade e mover-se em linha reta, de um extremo a outro. (...) Além disso, eles eliminariam as habitações miseráveis e abririam “espaços livres” em meio à escuridão e apertado congestionamento. Estimulariam uma tremenda expansão de negócios locais, em todos os níveis e ajudariam a custear imensas demolições municipais, indenizações e novas construções. Pacificariam as massas, empregando dezenas de milhares de trabalhadores (...). Por fim, criariam longos e largos corredores através dos quais tropas de artilharia poderiam mover-se eficazmente contra futuras barricadas e insurreições populares (idem, p.171).

A cidade mecanizada se movia acelerada, cadenciada, seqüenciada e segmentarizada, em um cenário de transformação, acumulação de pessoas e de riqueza para alguns, de trabalho para outros, de invenções tecno-científicas, de produção em larga escala, de aglomeração de transeuntes, de muita movimentação nas ruas. Novos transportes, como o bonde e o trem, também imprimiam uma velocidade crescente nos ritmos e modos de viver. O bulevar de Sébastocol, por exemplo, “destinava-se a um tipo de locomoção direcionada com tanta rapidez e sob tão forte pressão, que não permitia ninguém dar-se conta do burburinho da vida” (Sennett, 1997, p. 271). Nesse sentido, o tráfego das ruas e dos bulevares apinhados de pessoas acabava por impor uma velocidade frenética na população em constante movimento.

Diversas forças combinadas, como a intensificação dos estímulos visuais - tanto pela extrema circulação de pessoas e veículos, como pelas novas construções e demolições -, a agitação urbana, as diferentes e novas imagens que desfaleciam rapidamente, a rua como lugar de possível perigo, os espaços esquadrihados com suas funções determinadas, calculadas, delimitando e isolando espaços públicos e espaços privados produziram um indivíduo<sup>17</sup> privado.

---

<sup>17</sup> Foram diferentes mecanismos disciplinares, como desenvolvemos no capítulo anterior, que constituíram a subjetividade privatizada, mas o que queremos ressaltar neste momento é que a cidade e seus mecanismos urbanos e espaciais produziram também esses modos de existência no encontro entre os corpos e seu poder de afetar e ser afetado.

Este ficara aturdido pelos paradoxos da modernidade, pois onde existia a força da criação, a beleza das invenções, ao mesmo tempo existia também a ameaça da perda daquilo que fora conquistado pela tradição, a identidade, o equilíbrio de sua alma. O cidadão burguês passa então a *se proteger, se resguardar* contra o choque com o outro, com o estranho, com o que não era passível de se reconhecer, enfraquecendo suas experiências sensoriais, se encerrando em sua interioridade, demarcando um lugar de intimização, unindo-se apenas àqueles com os quais se identificava, distinguindo-se daqueles que se diferem do seu modo de viver, da sua *classe* social, do seu jeito de se vestir, respondendo com apatia, desdém ou mesmo repulsa. “Mesmo nas ruas os transeuntes tornaram-se ciosos do direito de não sofrer a interpelação de estranhos; a conversa de um desconhecido foi encarada como uma violação” (Sennett, 1997, p. 277).

Intimizar a vida quer dizer colocá-la para dentro, destituí-la da história das práticas humanas, esvaziando sua multiplicidade de formas e de conexões. A partir daí, o público e o privado se dicotomizam em antagônicos espaços (...). Fechada, a vida perde movimento, força política e o capital se multiplica, obscurecendo a visibilidade da produção de modos de vida (Baptista, 1999, p.34).

Mas a cidade que separa e esquadrinha abre não só as vias. Também amplia a possibilidade de pequenos encontros inesperados que podem desmanchar as sólidas existências privadas, como vemos acontecer em uma narrativa de Baudelaire (2006) em “Os olhos dos pobres”.

Um casal até então apaixonado desfrutou um dia longo junto, deliciando-se pelo estado de enamoramento. À noite, ela estava cansada, então eles param e sentam-se em um novo café em um dos bulevares iluminados, belos, ainda que cheio de detritos ao lado devido às reformas. Os bulevares eram as grandes ruas e avenidas com calçadas *extravagantemente* largas, onde também se enfileiravam lado a lado os cafés, lojas diversas, pequenos negócios. Nos cafés, a “clientela constituía-se de pessoas das classes média, alta, pois o preço das bebidas afastava os mais pobres. Além disso, seus freqüentadores esperavam ter o direito de ficar a sós e em silêncio” (Sennett, 1997, p.278). De certa forma, nestes cafés poderiam se isolar, desfrutar de sua intimidade, usufruindo um espaço privado, mesmo estando em público.

Mas foi justamente neste lugar, sentados nas cadeiras do café na calçada que ambos foram atravessados por uma experiência inédita. Em frente a eles saídos detrás dos entulhos uma família paupérrima aparece, um senhor “de rosto cansado, barba grisalha, tendo numa das mãos um menino e sobre o outro braço um pequeno ser frágil para andar” (Baudelaire, 2006, p.149). O

homem é tomado pelos afetos desse encontro e percebe que “os seis olhos contemplavam fixamente o novo café com igual admiração, mas naturalmente, com as nuances devidas às idades” (idem, *ibidem*) e de imediato se conecta com esse estranhamento da cena, de si mesmo, com esses olhos dos outros que vivenciavam a cidade nova.

Os olhos do pai diziam: “Que beleza! Que beleza! Dirse-ia que todo o ouro do pobre mundo fora posto nessas paredes.” Os olhos do menino: “Que beleza! Que Beleza! Mas é uma casa onde só podem entrar pessoas que não são como nós!” Quanto aos olhos do menor, eles estavam fascinados demais para exprimirem outra coisa senão uma alegria estúpida e profunda (idem, *ibidem*).

Porém, quando o amante volta-se aos olhos da mulher, buscando nela também a experiência desse encontro que acabara de acometer-lhe, eis que a moça de olhos “doces”, “habitados pelo capricho e inspirado pela lua” (idem, p.151) lhe diz: “Não suporto essa gente com seus olhos arregalados como as portas das cocheiras! Será que você poderia pedir ao *maître* do café para afastá-los daqui?” (idem, *ibidem*). Neste momento, o homem, que já não era o mesmo que chegara àquele café, pois deixara passar os afetos naquele encontro irreversível, não a reconhece. Todo o encantamento daquele amor se esvaece pela cristalização e dureza com que a mulher mantém sua existência fixada em um lugar estático e interiorizado. Era como se ela estivesse entre quatro paredes, encerrada em seu universo privado, acompanhada de seus bibelôs e pertences de veludo, buscando manter sua identidade, temendo perder seus vestígios na cidade grande. Então o homem começa: “Ah, você quer saber por que eu a odeio hoje: Será, certamente, menos fácil para você compreender do que, para mim, explicar: porque você é, creio, o mais belo exemplo da impermeabilidade feminina...” (idem, p.174)

Podemos pensar que neste cenário, nesta cidade que demoliu os sólidos para construir outros tão rijos e densos, onde Haussman rasgou a cidade em partes, em grandes canais, onde as ruelas antigas não tinham mais funções, dividindo e excluindo os pobres para longe, atrás dos bulevares e das luzes da cidade, é também onde não se pode dominar e controlar tudo, onde estes rasgos também fazem passar correntes de ar, criando o que pareceria impossível.

Os bulevares, abrindo formidáveis buracos nos bairros pobres, permitiram aos pobres caminhar através desses mesmos buracos, afastando-se de suas vizinhas arruinadas, para descobrir, pela primeira vez em suas vidas, como era o resto da cidade e como era a outra espécie de vida que aí existia. E, à medida que vêem, eles também são vistos: visão e epifania fluem nos dois sentidos. No meio dos grandes espaços, sob a luz ofuscante, não há como desviar os olhos. O brilho ilumina os detritos e ilumina as vidas sombrias das pessoas a expensas das quais as luzes brilhantes resplandecem (Berman, 1986, p 175).

Este episódio traz a potência da alteridade demolindo valores universais, pois a cidade como assentamento humano, histórico, possibilita desestabilizar as formas naturalizadas de vida, oferecendo-nos o por vir, o inacabamento dos modos de sentir de pensar, de existir. As cidades, seja Paris, seja Rio de Janeiro, imaginárias, desconhecidas, fazem-nos defrontarmos com os sufocos construídos, mas também com os ares que se criam na trama social urbana.

## **2.2 Transformações do capitalismo**

As cidades são cruzamentos de questões sociais, econômicas, culturais, históricas dentre muitos outros que produzem subjetividade. Sendo assim, elas constroem “o destino da humanidade: suas promoções, assim como suas segregações, a formação de suas elites, o futuro da inovação social, da criação em todos os domínios” (Guattari, 2000, p.173), modificando-se e se articulando com as mutações do próprio capitalismo.

Em meados da década de sessenta, aproximadamente, o capitalismo sofre uma grande transformação. De maneira breve, citaremos alguns pontos (os quais nos chamaram mais atenção) que, segundo Alliez e Feher (1988), colocaram em xeque o capitalismo industrial de produção e acumulação dentro do mercado interno dos Estados Nações e fizeram-no se reconfigurar em capitalismo globalizado de informação, consumo maciço e circulação generalizada. Um dos fatores foram as contestações<sup>18</sup> dos movimentos estudantis, contra-culturais, sindicais e das minorias étnicas e feministas contra o sistema vigente. Foram criticadas as organizações rígidas e hierárquicas de trabalho e as esferas sociais como um todo: a universidade, a família, a burocracia Estatal. Contestavam afirmativamente que os modos de produção capitalística<sup>19</sup> exploravam não somente as forças dos trabalhadores, mas tornavam as relações sociais mais inflexíveis, estáticas, submetendo todos à lógica do capital e escravizando as pessoas aos movimentos das máquinas e ao consumo de produtos hegemônicos e padronizados, além de promoverem e estimularem a

---

<sup>18</sup> Cada um desses movimentos guarda suas particularidades, mas o que nos interessa é ressaltar que, de maneira, geral as revoltas e insurgências não foram isoladas e solitárias.

<sup>19</sup> “Guattari acrescenta o sufixo “ístico” a capitalista por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do “terceiro mundo” ou do capitalismo “periférico”, assim como as economias ditas socialistas dos países do leste, que vivem numa espécie de dependência e contradependência do capitalismo. Tais sociedades, segundo Guattari, em nada se diferenciaram do ponto de vista do modo de produção da subjetividade (Guattari e Rolnik, 1986, p.15)”.

desqualificação e discriminação de alguns grupos e indivíduos. Reivindicavam, portanto, a participação nos lucros, salários mais altos, mas também mais autonomia, criatividade, liberdade, prazer, imaginação e direitos iguais nas relações salariais, de gênero e étnicas.

Mas o capitalismo sofreu, além disso, crises de produtividade que não estavam somente ligadas à *cristalização* dos salários, ao aumento do preço do petróleo e da inflação, mas também estavam diretamente relacionados “ao declínio de um certo agenciamento entre organização do trabalho, alocação do capital e os tipos de produtos oferecidos” (Alliez e Feher, 1988, p.162).

O modo de produção fordista - que se concentra na força de trabalho, cadenciando os gestos dos trabalhadores, utilizando-os e os especializando para operar nas máquinas, direcionado à produção em larga escala de mercadorias padronizadas - sofre o primeiro momento da crise de superprodução, em meados da década de trinta nos Estados Unidos e, posteriormente, nos países da Europa Ocidental. Nesse sentido, começa a investir na criação de demandas, do consumo de massa, aumentando os salários dos próprios funcionários, fazendo com que os produtos “sejam ao mesmo tempo numerosos e suficientemente baratos para que os próprios trabalhadores possam adquiri-los” (idem, p.164).

Porém, por volta da década de sessenta, reaparece um momento de superprodução no mercado interno, pois, uma grande parcela da população, nos Estados Unidos e nos países ditos de *primeiro mundo*, já possuía bens de consumo duráveis, como geladeira, televisão, máquina de lavar. Um modo de diminuir a crise de produtividade exacerbada e aumentar os lucros seria substituir os trabalhadores por máquinas. Entretanto, os sindicatos, que eram fortes e organizados na Europa e EUA naquela época, se impõem contra este processo, contribuindo ainda mais para a estagnação da economia industrial. Junto ao mercado que passa a não absorver maciçamente os produtos, os movimentos contestatórios, citados anteriormente, exigiam produtos diversificados e qualitativos.

Outro fator importante de impasse do capitalismo foi que, naquele momento, novos países, ditos de *terceiro mundo*, estavam começando a se industrializar, o que os tornava potencialmente concorrentes. Mas eles não iriam suprir e consumir a produção excedente dos antigos países industrializados, caso exportassem suas mercadorias. Por isso, uma das soluções encontradas, num primeiro momento, pelos *países ricos*, foi implantar então nestes novos países industriais as chamadas multinacionais, como as montadoras de automóveis, pois assim poderiam dar vazão aos seus produtos, além do custo da mão de obra ser muito menor. Mesmo assim, os

países de *primeiro mundo* “privados de perspectivas estáveis, (...) chegam a preferir os investimentos a curto prazo e a especulação sobre o câmbio aos investimentos de capital de risco (a longo prazo, pois a produção de massa supõe uma planificação rigorosa)” (idem, p.168).

Nesse sentido, o capitalismo vai mudando suas formas devido a este desequilíbrio entre lucro e produtividade, diminuindo aos poucos a produção em larga escala, formando novos modos de regulamentação (ou mesmo desregulamentação). Surgem então os neoliberais, que buscam restaurar “a idéia de uma proporcionalidade inversa entre a evolução dos salários reais e a evolução dos lucros” (idem, p. 170). Nesse sentido, começam a não garantir nem salários mais altos, nem mesmo empregos, procurando diminuir os custos da produção, relacionados em parte às despesas gastas com os trabalhadores através das leis trabalhistas e ao pagamento dos tributos ao Estado. A ordem é diminuir a intervenção do Estado nos negócios. Os defensores

da ofensiva neoliberal, atribuem-se tarefa essencial de reativar os investimentos, e através deles reativar a produtividade do trabalho. Por isso eles se ocupam muito menos do equilíbrio do que da discriminação orçamentária entre as despesas públicas produtivas e improdutivas (idem, p.172).

O mercado, então, começa a assumir menos uma função de equilíbrio entre oferta e procura e mais uma função de aceleração, mobilidade e fluidez de diversos recursos tais como: serviços, diversificação de mercadorias - produção em baixa escala - comércio, compra e venda de ações da Bolsa de Valores. Tudo passa a ser negociável e volátil sob a lógica do capital. Junto a isso, a informação, neste novo momento, passa a ser um fator de produção, onde o capitalismo faz circular informações que lhe são úteis e rentáveis.

a expansão da cibernética, das ciências da comunicação e de suas aplicações eletrônicas (...), torna-se ao mesmo tempo necessário e possível fazer da dita informação uma mercadoria plena, para que seja possível assegurar a mobilização optimal dos conhecimentos (idem, p.176).

O mercado acaba gerindo e controlando a difusão de idéias, disseminando informações segundo regras mercadológicas de venda e consumo, distribuindo-as de forma rápida e facilmente assimilável, atingindo e cooptando um público cada vez maior. Sendo assim, “a qualidade mais importante que os neoliberais atribuem ao capitalismo sem entraves consiste na incomparável fluência que ele confere aos movimentos dos homens, riquezas e das palavras” (idem, p.178) e da capacidade de adentrar em todo o tecido social.

As redes de informação e comunicação de massa, as novas tecnologias informáticas e científicas representam um papel importante no novo processo de mundialização, acelerando ritmos, generalizando articulações, abrindo novas possibilidades de dinamização das forças produtivas, criando meios rápidos e instantâneos e abrangentes de produção e reprodução material e cultural. Junto a isso, as multinacionais proliferadas pelo mundo e a industrialização crescente dos países ditos de *terceiro mundo* ampliaram e expandiram o mercado capital de forma global para além das fronteiras nacionais. A figura do Estado Nação acaba diminuindo cada vez mais a autonomia de governo, sendo submetido mais às “condições de rentabilização do capital transnacionalizado do que aos acordos de produtividade internos” (idem, p.180). A globalização do capital passa a prescindir das fronteiras dos Estados Nacionais, de seus regimes políticos, moedas, línguas, culturas.

Com a globalização passam a existir não apenas algumas cidades no mundo como referência econômica do capital - Nova York, Londres - como acontecia anteriormente. Elas começam a se pulverizar. Mas isso não quer dizer que a desigualdade social entre os países, ou mesmo a segregação dentro dos Estados tenha diminuído. Pelo contrário, agora encontramos *ilhas de primeiro mundo*, por exemplo, em São Paulo e na Ásia, coexistindo com *ilhas de terceiro mundo* paupérrimas, amontoados de milhões de pessoas miseráveis. Em paralelo, passam a existir novas *ilhas de terceiro mundo* entrando nos antigos países ricos, na Europa e nos Estados Unidos. “Suas diferenças desiguais não se localizam mais entre um centro e uma periferia, mas entre malhas urbanas superequipadas tecnologicamente, e sobretudo informaticamente, e imensas zonas de habitat de classes médias e de habitat subdesenvolvido” (Guattari, 2000, p. 171). É o caso da cidade de Nova York, onde podemos visualizar os grandes centros financeiros e de informação, as filiais internacionais em Manhattan e locais de extrema pobreza como no Harlem, além dos milhares de *moradores em situação de rua* que ficam situados nos parques e ruas da cidade. (Guattari, 2000)

Doravante não existe mais, com efeito, uma capital que domine a economia mundial, mas um “arquipélago de cidade” ou mesmo, mais exatamente, subconjuntos de grandes cidades, ligados por meios telemáticos e por uma grande diversidade de meios de comunicação. Pode-se dizer que a cidade-mundo do capitalismo contemporâneo se desterritorializou, que seus diversos constituintes se espargiram sobre toda a superfície de um rizoma multipolar urbano que envolve o planeta (idem, p. 171).

Nesta nova configuração capitalística contemporânea, a cidade globalizada gera um processo de urbanização generalizada no mundo. Podemos verificar uma simultânea generalização do modo urbano de vida, de padrões e valores culturais. Isto ocorre, inclusive, no meio rural. As pequenas cidades estão cada vez mais se urbanizando em níveis físicos, arquiteturais e de planejamento técnico. Além disso, os modos de viver também estão se tornando urbanizados, culturalmente, socialmente, através da mídia impressa e eletrônica, do rádio, da televisão, do computador, do telefone celular e novas tecnologias que não cessam de aparecer.

Os prospectivistas predizem-nos, com efeito, que nos decênios futuros cerca de 80 por cento da população mundial viverão em aglomerados urbanos. E, devido a isso, convém acrescentar que os 20 por cento restantes da população mundial, mesmo que ‘escapem’ do habitat da cidade, dela serão entretanto tributários, através de vários liames técnicos e de civilização. Em outros termos, é a distinção mesma entre a cidade e a natureza que tenderá a se esmaecer, dependendo os territórios “naturais” subsistentes, em grande parte, de programação com o fim de organizar espaços de lazer, de esporte, de turismo, de reserva ecológica (idem, ibidem).

### **2.3 Cidade contemporânea**

A cidade global do capitalismo contemporâneo gera grande concentração, dispersão e mobilidade de tudo: pessoas, imagens, carros, prédios, aviões, informações. A cidade passou a ser um espaço ilimitado de fluidez do capital, de processos econômicos sem fronteiras, de tecnologias de transporte rápido e deslocamento, de ascensão das tecnologias de informação, de produção da cultura de massa pela informação proliferada pela mídia e seus equipamentos: rádio, televisão, Internet, revistas, propaganda e marketing.

Economicamente, as cidades passam a viver de serviços, comércio e turismo no seu cotidiano, realocando suas indústrias para a periferia. Elas proliferam e atualizam constantemente a lógica do capital. Mesmo sendo distintas e guardando suas singularidades, as cidades estão, de maneira geral, cada vez mais parecidas visualmente: grandes prédios, largas avenidas, shoppings centers, patrimônios históricos, outdoors e placas luminosas com diversas propagandas de venda.

Segundo Jacques (2004), as cidades vêm sendo atravessadas por um processo de mercantilização, no qual elas passam a ser imagens espetaculares, cartões-postais, para serem vendidas internacionalmente, principalmente para os turistas e para os investidores e financiadores do capital. Podemos dizer que são cidades-marcas, cidades-*grifes*, que fabricam um marketing urbano, tanto pelas agências de turismo, como pelo próprio Estado e através dos

diferentes equipamentos sócio-culturais de massa. “Na cidade cartão-postal nada acontece; a beleza ou a barbárie estampadas bloqueiam o suceder de algo além do previsto; são imagens da identificação, das quais nada aturde, é estranhado...” (Baptista)<sup>20</sup>. Lembremos exemplos como o Rio de Janeiro e suas imagens: as lindas praias e mulheres, o carnaval, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, a própria favela tornada produto. Na cidade pura imagem não é preciso se conectar com as mazelas do cotidiano, as misérias pelas quais a maioria da população passa, pois isto definitivamente é um Rio de Janeiro para turista não ver. A cidade mercadoria é um grande meio de diversão e entretenimento contínuo para ser consumido rapidamente, onde o turista ao final do dia pode repousar no Hotel padronizado como se estivesse em seu país.

É importante observar o crescimento do papel econômico do turismo nas cidades, no final do século XX, ligado à perda do papel da cidade na produção e sua transformação em centros de serviço e negócios. O turismo, para grande parte das cidades do mundo, transformou-se em importante fonte de renda (Moreira, 2004, p.58).

As cidades buscam financiadores internacionais para investir na *revitalização* do patrimônio cultural, como museus, bairros antigos, palácios, casas. Porém, o uso que se faz destes lugares acaba não sendo para promover um processo de socialização urbana das singularidades da história e da cultura local que trariam esses espaços, muito menos para problematizar esta mesma história. O que se faz são *fachadas ocas*. Para Moreira (2004), esses lugares são transformados em exploração financeira, incorporando-os à indústria cultural de massa - produto para ser consumido - sendo apropriados pela comercialização, principalmente a turística. Algumas dessas áreas, antigamente habitadas pela elite, foram posteriormente abandonadas e ocupadas pela população de baixa renda. Mas nesta lógica de *restauração*, muitas vezes, essa população é deslocada desses espaços, como foi o caso do Pelourinho em Salvador que se tornou um local asséptico e estritamente vigiado por policiais.<sup>21</sup>

Além disso, na tentativa de reconstruir formas urbanas anteriores, começaram a ser construídas mini-cidades isoladas dentro do espaço urbano. É o caso, por exemplo, dos condomínios fechados como “‘alphavilles’ em cidades como São Paulo e Belo Horizonte, verdadeiras cidades protegidas, distantes do centro urbano (...), mantidas afastadas e seguras, exteriores à vida urbana das demais cidades” (Moreira, 2004, p.60), onde pessoas com alta renda

---

<sup>20</sup> Trecho citado de artigo no prelo. Versão modificada do artigo de Luis Antonio Baptista: *Walter Benjamin e os anjos de Copacabana*, publicado na Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor n° 7, 2008.

<sup>21</sup> Mas nem tudo pode ser totalmente controlado. Ainda podemos ao acaso dobrar alguma curva e encontrarmos outro Pelourinho inundado por vidas anônimas não assépticas nem comercializadas.

econômica buscam estar protegidas dos *possíveis* perigos existentes na cidade, trancados entre suas grades, isolando-se entre seus *iguais*.

Podemos dizer que as cidades, de maneira geral, estão se tornando cidades genéricas, mantendo-se subsumidas pela ordem do capital, homogeneizadas pela cultura de massa que se propaga pelas diversas mídias. São cidades velozes, dos fluxos de imagens e informações, que mudam o cenário do espetáculo a todo o instante, que não podem parar, que esqueceram o passado, mas que não conseguem imaginar o futuro. A cidade genérica<sup>22</sup>:

é a cidade liberada da captura do centro, da camisa de força da identidade...é a cidade sem história. Ela é grande o suficiente para todos. Ela é fácil. Ela não precisa de manutenção. Se ficar pequena, ela se expande. Se ficar muito velha, ela se autodestrói e se renova. Ela é igualmente excitante e desanimadora em qualquer lugar. Ela é superficial- como um estúdio de Hollywood, ela pode produzir uma nova identidade toda segunda-feira (Koolhaas & Mau, apud Moreira 2004, p. 67).

## 2.4 Subjetividade e cidade capitalista contemporânea

Na sociedade disciplinar<sup>23</sup>, o poder se exercia através das técnicas de separação, docilização das forças físicas e políticas do homem. Dentro das instituições, como a família, a escola, o hospital, a fábrica, cada ação e gesto dos indivíduos eram controlados, vigiados através do confinamento, demarcando papéis sociais bem definidos e normalizações enrijecidas. Na cidade disciplinar, os espaços urbanos foram esquadrihados, constituindo e diferenciando espaço público e privado. Junto a isso, a população pobre foi isolada, deslocada para longe dos olhos, ouvidos e narinas da burguesia. Podemos dizer que, agora, no capitalismo contemporâneo, o mecanismo de esquadrihamento do espaço na cidade continua acontecendo, porém como uma estratégia de reforço, investindo na manutenção, produção sobre produção, do que já fora construído em outra configuração social.

Nesse momento, o que nos chama atenção é o refinamento do exercício do poder, o controle está por toda à parte, desconstruindo as fronteiras entre dentro e fora. Estamos sob constante vigilância, seja dos outros, seja de nós mesmos. O capitalismo globalizado da

---

<sup>22</sup> Essa idéia de cidade genérica faz parte de uma corrente do urbanismo, enquanto ciência, chamada neo-progressista. Porém, achamos importante ressaltar que esta idéia exemplifica muito claramente o que vem acontecendo nas cidades contemporâneas, evidenciando o processo de pasteurização e capitalização das cidades globais de maneira geral.

<sup>23</sup> Já desenvolvemos a temática: sociedade disciplinar e sociedade de controle no capítulo anterior, porém se faz necessário retomá-la no contexto da cidade contemporânea.

sociedade de controle<sup>24</sup> está passando a desinvestir no espaço concreto e cada vez mais investindo no tempo, na aceleração, na velocidade, onde as coisas, o mundo, as pessoas, estão sempre se deslocando, se movendo, aprisionados sob a lógica do capital. Na cidade contemporânea “tudo circula: as músicas, os slogans publicitários, os turistas, os chips da informática, as filiais industriais e, ao mesmo tempo, tudo parece petrificar-se, permanecer no mesmo lugar” (Guattari, 2000, p. 169). Existe um bombardeio incessante de signos, de imagens, de novas invenções na cidade acelerada que torna difícil decodificá-los com tanta rapidez. Como afirma Ianni (1997, p.73), alguns indivíduos buscam se defender destas constantes invasões do meio “isolando-se e protegendo os seus sentidos, obscurecendo as vidraças dos seus automóveis, levando continuamente aos ouvidos os walkmans<sup>25</sup> a todo o volume, evitando a comunicação face a face, anestesiando suas emoções”.

Os dispositivos de controle não necessitam tanto serem exercidos pelas instituições, pois estão sendo ativados pelas redes de comunicação de massa, pela propaganda e marketing, pelas tecnologias informáticas e científicas que se conectam e movimentam multiplicidades inesgotáveis de informação a todo instante no mundo todo. Há oferta desenfreada de bens materiais, mas não somente materiais, também jeitos de viver, de se comportar sendo vendidos e consumidos no espaço ilimitado do capital flexível. Mas é importante ressaltar que a *disciplina* não pára de se atualizar, de se adaptar nessa nova sociedade que vem se produzindo: a *sociedade de controle*.

O capitalismo contemporâneo opera desterritorializando, diluindo os contornos dos territórios existenciais de forma contínua, pois está a todo o momento incitando e disseminando pelo tecido social variedades e infinitos modos de viver. Subjetividades mercadorias são produzidas segundo o valor que a mídia imprime, seguindo as flutuações do mercado cultural de massa. Nesse sentido, a diferença entre “a produção e consumo desaparece: o próprio consumidor torna-se a matéria-prima e o produto de sua maquinação” (Rolnik, 2005, p. 310).

o capitalismo contemporâneo, mais do que um modo de produção, é uma produção de mundos. Trocando em miúdos: a empresa contemporânea, diferentemente da fábrica fordista, não cria a mercadoria, mas antes o mundo no qual a mercadoria existe, faz sentido, pode ser cobiçada e consumida. Através da pesquisa, do marketing, da concepção, da comunicação, a empresa propõe um mundo virtual que o consumidor deve atualizar, na

---

<sup>24</sup> Neste momento, o controle está se sobrepondo à disciplina, porém talvez possamos afirmar que as estratégias de poder estão emaranhadas umas nas outras, onde as técnicas disciplinares se adaptam. Por exemplo, nas escolas, nos hospitais (etc..), podemos ainda perceber a disciplina operando de forma naturalizada.

<sup>25</sup> Poderíamos dizer que hoje seriam os *mp3*, *mp4*, celulares, etc, pois a cada dia uma nova tecnologia surge.

medida em que se dispõe a pertencer a esse mundo proposto, aderindo aos desejos, crenças, inteligências que o compõem. Ou seja, na medida em que efetua essa forma de vida que lhe é proposta, e a sensibilidade que lhe corresponde (Maurizio Lazzarato, apud Pál Pelbart, 2008, p. 12).

Pál Pelbart (2008) afirma que estas formas de viver, sentir, pensar, expressar, amar e comunicar pelas quais a subjetividade está sendo produzida são equivalentes gerais, ou seja, são padronizadas, normalizadas, mesmo tendo múltiplas possibilidades de escolher entre diferentes formas para serem consumidas, estas fazem parte do pacote estabelecido pelo modo vigente.

Além disso, podemos dizer, segundo este mesmo autor, que o poder invadiu a existência como um todo e não busca interdita-la, mas intensificá-la, utilizá-la, modulá-la ao máximo, “os gens, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado, invadido, colonizado” (idem, p.1). Esse poder sobre a vida encontra-se anônimo, diluído, flexibilizado, móvel, tornando-se difícil localizá-lo, visto que nós mesmos acabamos reforçando-o e atualizando-o, nos mantendo aprisionados nesse algo informe, o qual não conseguimos tocar. No capitalismo contemporâneo, o poder está penetrado e disseminado no mais ínfimo da vida, operando de forma impalpável, mas imanente à vida. Pál Pelbart (2008) nos traz como exemplo cotidiano o corpo imagem, a aparência, a preocupação com sua performance visual aos olhos dos padrões estéticos da cultura espetacular das celebridades, buscando estar sempre jovem, investindo na saúde máxima para não envelhecer, seguindo à risca as novas tendências e novidades científicas, genéticas, químicas, eletrônicas, que levarão este corpo à longevidade, à beleza sem fim.

Segundo Rolnik (1989), o capitalismo contemporâneo acaba se conectando e investindo nas linhas de fuga<sup>26</sup>. Vimos que as linhas de fuga são abstratas, informes, pura força e intensidades anônimas, afetos soltos que através do encontro entre os corpos produzem rupturas nos contornos dos territórios existenciais. Lembremos que as intensidades experimentadas no encontro se tornam reais no social através das matérias formadas de expressão: jeitos, gostos, gestos, sentimentos, palavras, desejos, enfim os modos de viver que compõem um território *definido e provisório*. Essas linhas de fuga desterritorializam, possibilitando assim a invenção de novos mundos, novas maneiras de viver, produzindo um novo território existencial. Os territórios têm uma duração até o momento em que faz sentido existirem: é o tempo das intensidades,

---

<sup>26</sup> Trabalhamos as linhas de fuga no primeiro capítulo na sub-sessão: subjetividade.

diferente do tempo cronológico. Mas como manter um território existencial até que ele faça sentido, se o mundo muda a todo momento, do dia para noite, de uma hora para outra? Hoje “imprime-se uma velocidade externa na administração do tempo, uma velocidade totalmente alheia às singularidades de ritmo do corpo” (idem, p.98).

No contemporâneo, os modos de existência estão sendo a cada instante capturados pela lógica capitalística. Os corpos estão constantemente sendo afetados e incitados pelas quantidades imprescindíveis de matérias formadas de expressão ofertadas para serem consumidas por todos os lados. Os territórios existenciais se desterritorializam freneticamente e são *convocados* à máxima flexibilidade e mobilidade. Muitas vezes, há desprendimento de um território-morada que poderia ainda estar fazendo sentido existir. Os corpos sendo hiperexcitados, mantidos como em transe, têm dificuldade de discernir os afetos e as intensidades que estão passando e acabam trocando as matérias de expressão como se trocassem de roupa. Por outro lado, o capital acaba investindo nas linhas de segmentaridade dura, pois busca formar muito rapidamente territórios aos quais todos possam se reconhecer e se enquadrar em alguma categoria. Os meios e os equipamentos midiáticos, as redes eletrônicas de informação dissipam valores e sentidos, produzindo, então, territórios homogeneizados em um ritmo acelerado do investimento e desinvestimento do mercado. (Rolnik, 1989)

Tudo que é do domínio da ruptura, da surpresa e da angústia, mas também do desejo, da vontade de amar e de criar deve se encaixar de algum jeito nos registros de referências dominantes. (...) Tudo o que surpreende, ainda que levemente, deve ser classificável em alguma zona de enquadramento, de referenciação (Guattari e Rolnik, 1986, p.43).

As pessoas na cidade contemporânea acabam perdendo as coordenadas, como se estivessem perdidas em um mundo fora de foco, confuso, vertiginoso, excessivo. A rapidez com que as coisas mudam, com que os referenciais se desterritorializam, parece produzir, como coloca Rolnik, (1989, p.102) “uma pane no equipamento sensível” dos corpos humanos. É como se os territórios existenciais não tivessem condições para lidar com o bombardeio de novas máscaras de expressão, não tendo tempo para construir novos contornos que façam sentido existir. Nesse sentido, ela analisa que, de alguma forma, as pessoas acabam vivenciando um vazio de sentido, o que as leva a ir em busca dos territórios perdidos, atrás de uma suposta verdadeira identidade, de um verdadeiro eu. Além disso, utilizando alguns filmes<sup>27</sup> de Hitchcock como

---

<sup>27</sup> *Um corpo que cai* e *Intriga internacional*, ambos de Hitchcock

ferramenta de análise do socius, Rolnik percebe também que a vida parece estar em constante suspense: os sinais e os códigos existentes são ambíguos e difíceis de distinguir num mundo em constante desterritorialização. “Tanto podem ser verdadeiros quanto falsos. Tanto podem significar atração quanto traição” (idem, p.104). Essa incerteza produz uma certa *paranóia* constante, insegurança generalizada de si, dos outros e do mundo. As pessoas acabam ficando sempre alertas e atentas, pois tudo pode ter e ser um sinal ameaçador de perigo. Como nos filmes “o outro pode desertar de seu papel a qualquer momento, virar a casaca” (idem, p.105).

A cidade se revestindo por uma trama de um quase colapso, estando como em uma corda bamba, por *um triz*, onde a cada momento algo pode se mostrar falso, produz existências inseguras e amedrontadas que buscam se refugiar da vida tão ameaçadora. Como efeito podemos encontrar modos de viver cada vez mais privatizados existencialmente, onde ora o outro é evitado, pelo perigo eminente no contato; descartado, enquanto valor de mercadoria do capital; ou assegurado, quando identificado com o Eu. No cotidiano isso se expressa de diferentes maneiras, percebemos as pessoas se relacionarem com o mundo, consigo, com os outros tanto como indiferença, apatia, como raiva, impotência, depreciação, paralisia, na tentativa de evitar as inseguranças e os medos constantes. Nesse turbilhão urbano, onde as existências estão cada vez mais vulneráveis, o capital acaba penetrando e mantendo a vida capturada, reforçando e produzindo ainda mais esses medos, por exemplo, através da mídia, propagando e calibrando diariamente imagens da criminalidade e violência urbana, incitando o alerta geral social, fortalecendo o Estado Penal<sup>28</sup>.

Entretanto, é justamente quando a existência como um todo foi tomada e impregnada pelo poder capitalístico que parece não haver saída possível, que a vida escapa ao poder: é tomada pelas forças de resistência, como já trabalhamos no capítulo anterior. Pois a resistência não está em relação passiva com o poder, é imanente ao próprio poder que busca corrompê-la e capturá-la. Ambos compõem as relações de poder, pois são multiplicidades de correlações de forças em constates embates e enfrentamentos. São múltiplas resistências espalhadas e disseminadas por todos os lados, por todos os cantos, por todos os poros da epiderme social.

Talvez seja ali, quando o corpo não agüenta mais ser extorquido, aniquilado, excitado ao extremo, plugado continuamente, flutuando como mercadoria substituível que alguma *revolta* pode emergir. Talvez quando o corpo esteja *gritando por vitalidade potente*, quando tenha

---

<sup>28</sup> Sobre assunto, consultar Loic Wacquant (2001), *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

chegado no limite, no intolerável, não suportando mais a apatia, o ressentimento, o entorpecimento, a raiva, a hipnose, a letargia, a vertigem, o medo, o isolamento, a solidão sua e a dos outros corpos que a força vital da resistência pode invadir e provocar alguma ruptura nas maneiras de viver capturadas. Talvez quando o corpo chegue ao esgotamento, a uma tal fragilidade, a um demasiado sufocamento que pode insurgir a vibração do corpo sensível, a gana, a potência de viver.

Nesse sentido, a cidade contemporânea é o lugar dos enfrentamentos, do combate entre as forças que provocam aprisionamentos e aquelas que possibilitam microlibertações. Pois, como afirma Baptista (2004, p.203), “nas cidades usadas como zona de guerra, nada está concluído ou perdido definitivamente. (...) No desassossego, virtualidades de resistências podem enfrentar o mórbido desencanto”. É onde podemos estar colocando em xeque e tensionando o exercício dos poderes instituídos. Resta, e não é pouco, nos reapropriarmos do nosso corpo sensível, dos nossos territórios existenciais colonizados, expropriados. Podermos traçar linhas de fuga em diferentes direções que criem através dos encontros entre outros corpos sensíveis, novos jeitos de viver e de se relacionar, mesmo que finitos; liberando e conectando potências, através de experimentações e aprendizados constantes.

Neste momento, através de fragmentos de narrativas urbanas, traçaremos encontros na cidade que tanto evidenciam a extorsão da existência e atualização dos poderes que aprisionam, sufocam, amarram a vida, como aqueles que possibilitam a experimentação da alteridade, a produção de mundos singulares mesmo que provisórios, a invenção de novas sensibilidades e inesgotáveis sentidos. Serão pequenas histórias inacabadas de vidas imprecisas, indeterminadas, tecidas através de personagens urbanos anônimos.

## CAPÍTULO III

### **3. Fragmentos de narrativas urbanas**

#### **3.1 Encontros e desencontros<sup>29</sup>**

Um cenário: Tóquio, capital do Japão. Chegando nessa cidade capitalista globalizada, percebe-se uma enorme agitação e rapidez, atordoando a visão e todos os sentidos: carros em alta velocidade, cheiro de monóxido de carbono dos motores que não param; quantidade incomensurável de prédios gigantescos impossibilitando enxergar qualquer linha do horizonte; milhares de pessoas por todos os lados, parecendo zumbis, em passos cadenciados e rápidos e em movimentos constantes. A cidade cinética se multiplica ao som ininterrupto, caótico e barulhento dos anúncios de propagandas que não cessam e às excessivas placas luminosas publicitárias de néon nos edifícios. Tóquio parece ser a síntese da cidade genérica, onde a paisagem se tornou pura imagem banal e descartável e onde as imagens digitalizadas e tecnológicas se confundem com uma enorme tela, ou melhor, milhares de telas de televisão, imagens chapadas. Parece que toda a informação - tecnologias de ponta, cibernética, robótica - estão contidas nessa megalópole. Porém, poderia ser São Paulo, Nova York, Berlim, ou qualquer outra grande cidade globalizada e balizada pelo mercado capital da imagem, velocidade e consumo no planeta.

É nessa cidade mundializada que pequenos combates se tecem, possibilitando que correntes de ar invadam os corpos asfixiados e liberem, mesmo com um efeito finito e precário, existências aprisionadas, pois a vida na cidade é imprecisa e incompleta, sempre aberta a engendrar jeitos de enfrentar o sufoco produzido pelo capitalismo social-global. É em Tóquio que os personagens anônimos, mergulhados em seus territórios existenciais, vividos como interioridade, serão provocados a traçar novos contornos, a experimentarem pequenos modos inéditos de viver.

Bob é um ator de cinema em decadência nos Estados Unidos. Em seu país, ele vivera anos de fama, de celebridade, porém nesse momento já fora esquecido por todos, substituído. Seus filmes de ação da década anterior só eram lembrados, assim como ele, como algo ultrapassado, velho, sem valor no mercado atual. Mas em Tóquio, Bob estava no auge novamente, pois seus

---

<sup>29</sup> Essa narrativa é construída a partir do filme escrito e dirigido por Sofia Coppola (2003) intitulado: “Lost in translation”, traduzido em português para “Encontros e Desencontros”, porém não se mantém fidedigno ao roteiro. Escolhemos manter este título para a narrativa, pois percebemos que este expressa a problemática que se desenrolará.

filmes estavam sendo propagados pelas telas da televisão pela primeira vez. Isso fez com que ele viajasse até a cidade para ser garoto-propaganda de uma marca de uísque e promover sua imagem nos meios midiáticos. Afinal era melhor aproveitar a oportunidade e ganhar mais dinheiro enquanto seu papel estivesse no auge, pelo menos nesse país, pois era pai, marido e tinha contas bem caras a serem pagas no final do mês, assim como manter sua mansão e padrão de vida caríssimos, conseguidos com seus anos idos de fama e celebridade.

Mas desde que chegara à terra estrangeira, o que mais queria era manter o anonimato. Não desejava entrar no papel de décadas atrás: já conhecia o script, o final do roteiro, o valor que não teria daqui a alguns anos. Além disso, aquele universo de luzes artificiais do *showbizz* não lhe fazia mais nenhum sentido. Mesmo assim, nesse primeiro momento, fecha-se ainda mais em seu universo privado, entediado e mesmo frustrado com sua existência, aparentando um semblante opaco, cinza, sem nenhuma vibração pela vida.

Estava também exaurido de sua vida doméstica familiar, de sua mulher que mesmo à distância, estava plugada a ele pelos aparelhos tecnológicos nesse mundo sem fronteiras, onde todos podem ser achados em todos os instantes. Através do fax e do celular ela o convocava a entrar em seu território segmentado de marido, lembrando-lhe que tinha esquecido o aniversário do filho, perguntando-lhe sobre sugestões para a reforma do escritório. Bob parecia não suportar mais sua morada estratificada e tão bem delimitada, como se desejasse sair de si mesmo. Ao mesmo tempo, mantinha-se deveras preso dentro do seu Eu monótono e sem brilho.

Nos seus primeiros dias em Tóquio tudo lhe parece imagem e artificial: quando vai realizar a propaganda e o diretor pede-lhe para ser mais intenso, mais sedutor como o agente secreto James Bond, do filme 007, quando vai a um programa de auditório e o apresentador não pára de tagarelar, dando risadas históricas o tempo todo, com suas roupas extremamente coloridas, multicores, tal como o estúdio do programa. É o mundo do espetáculo, dos brilhos em excesso que se torna banal e esvaziado a cada momento para Bob.

Charlotte entra no elevador. Onde todos ali parecem não se enxergar, olhando para porta esperando o momento de saírem daquele espaço apertado para começarem seus dias frenéticos de negócios ou de turismos, Bob e Charlotte trocam um pequeno sorriso. Sem saberem por que, conectam-se por instantes.

A garota é recém graduada na universidade e está na metrópole há alguns dias. Veio à cidade acompanhar seu jovem marido fotógrafo deslumbrado, que trabalha clicando o universo

*fashion* da moda, antenado às últimas tendências dos modos de viver, fascinado pelas inesgotáveis possibilidades mercadológicas ofertadas pelo capital.

Desde que chegara a Tóquio, Charlotte não estava conseguindo dormir: ela passava muitas horas no quarto sentada em frente à janela de vidro no topo da cidade metrópole, mas não enxergava nada, tudo estava fora de foco, perdido. Procurava o aconchego do namorado, que só lhe respondia com um ronco. Distante da cidade ela se mantinha em seu casulo existencial, porém não se sentia confortável e nada parecia poder lhe proporcionar uma comodidade. Em Tóquio, algo passava entre ela, provocando a desestabilização de suas certezas; tudo parecia começar a perder o sentido, uma sensação de vazio lhe invadia. A primeira reação a esse estrangeirismo foi se fechar ainda mais dentro de si. Ela se questionava constantemente o que deveria supostamente ser: tentara ser escritora, mas detestava o que escrevia; tentara ser fotógrafa, mas achava suas fotos medíocres. Charlotte, aprisionada à lógica capitalística com infinitas possibilidades de maneiras de existir - circunscrita aos referenciais padronizados do fluxo de mercado - sentia-se tomada por um vazio de sentido.

Enquanto seu namorado vai trabalhar, ela resolve tentar conhecer a cidade, afinal não lhe restava outra coisa a fazer, pensa ela. Charlotte passa o dia caminhando sem rumo, esforça-se para se conectar com os vários estímulos visuais que se apresentam, busca olhar de perto as pessoas, mas enxerga apenas um amontoado de imagens piscando vertiginosamente. Em vão, tudo parece sem sentido, estranho, não consegue decifrar o que poderia estar lhe ocorrendo. Continua sua procura: vai a um local considerado típico da cultura japonesa, um templo onde monges meditavam, dançavam. Não sente nada.

Volta de sua busca e encerra-se novamente no seu quarto. A única coisa que a faz sentir algo é quando dá uma trombada na quina da mesa: uma pequena dor lhe acomete que até acha graça. Mas não desiste: através de cd's de auto-ajuda, continua procurando alguma resposta ao que está se passando. Não adianta, o desconforto se mantém. Seu marido retorna do trabalho e não para de tagarelar, impregnado da cidade imagem como o apresentador do programa de auditório em que Bob tinha estado. Charlotte então percebe que, além de não estar se reconhecendo, não reconhece a pessoa com quem casou.

À noite, no bar do hotel de luxo padronizado, onde a comida é francesa e a música é no estilo jazz de Nova York, a garota não suporta mais este ambiente asséptico, entediante e sem força, tomado pela produção da cidade global capitalista, onde todas as cidades do mundo podem

estar em um só lugar, onde a singularidade de cada cidade tornou-se mercadoria de consumo. Ela não suporta mais as conversas patéticas entre seu marido *fashion* e uma ex-modelo, agora atriz, que está gravando no Japão. Esta é mais uma figura tagarela que não pára de falar um segundo, como os barulhos ensurdecedores da cidade. Sua voz era absurdamente estridente, seus trejeitos estereotipados, sua estética visual de mercado - cheia de purpurina e brilhos, como o néon da cidade. Falava que não era anoréxica, que comia um monte de besteiras, que seu metabolismo era acelerado, por isso era tão magra; contava do novo laxante que tinha experimentado que era incrível, muito bom para tirar as toxinas do corpo.

Farta dessa baboseira, Charlotte avista de longe Bob e um próximo contato acontece. Ela faz a gentileza de lhe enviar uma bebida japonesa. Tudo muito sutil, se desenrolando no tempo da intensidade, diferente do tempo acelerado do capital. Eles trocam poucas palavras, o suficiente para Bob lhe dizer que está planejando uma fuga, que procura uma cúmplice. Primeiro teriam que sair do bar, depois do hotel. Charlotte diz que irá preparar sua mala. Ele termina afirmando que precisarão de coragem. Nesse momento, os afetos soltos provocados entre eles, as forças de seus corpos no poder de afetar e serem afetados, desestabilizam ainda mais seus territórios vividos como interioridade, possibilitando aos poucos, com a prudência necessária, que comecem a sair de si e tracem outras linhas para compor novos contornos existenciais.

Mas sem pressa, ambos vão dormir...

Outra noite esbarram-se entre os corredores do Hotel e Charlotte o convida para sair com seus amigos por Tóquio. A partir deste instante, deixam-se levar por algo que não é possível visualizar, mas que lhes produz curiosidade e desejo de experimentar a cidade juntos. A cidade dos néons alucinantes, que estava provocando desterritorializações em ambos, mas que em um primeiro momento produzia e reforçava o isolamento em seus universos privados, amarrando-os no circuito egóico, é onde agora seus corpos sensíveis poderão arriscar ser levados pelas linhas de fuga e se conectar com a potência desse encontro entre eles e com a cidade.

Nas suas trajetórias, não mais do topo do hotel, mas andando entre a multidão urbana, vão desenhando mapas da cidade. Deparam-se com hilariantes cenas e situações: avistam japoneses com cabelos pintados de amarelo ou laranja, usando óculos multicoloridos; entram em um apartamento minúsculo no 30º andar de algum monstruoso edifício; passam a madrugada cantando músicas norte-americanas em um *karaokê*; percorrem *boites* com dançarinas nuas e acrobáticas; bares que simulam assaltos com metralhadoras que contém balas luminosas; ruas

com milhares de *outdoors* luminosos em prédios ofuscantes. Mas se por um lado eles parecem estar percorrendo os mesmos lugares artificiais, fugidios e desamparadores da cidade - enquanto imensa coleção de mercadorias-, por outro, neste momento eles se conectam ao plano das forças dos afetos, possibilitando uma relação diferente com esses espaços, não mercantil e perene, transfigurando a cidade imagem estéril em paisagem força que interpela o olhar. Na noite de Tóquio repleta de pessoas em busca de prazeres capitais, obcecadas por jogos, cultura pop de massa, Bob e Charlotte fazem outro uso dessa cidade. É neste ambiente que eles começam a experimentar outras sensibilidades, aparentemente tolas, mas simples e sutis.

Transformam-se em outros personagens, vivenciam modos de ser inéditos, produzem novos territórios existenciais provisórios. Durante a noite, ínfimos movimentos são engendrados entre eles, quando dançam juntos e cantam no *Karaoke*, olhando lentamente e vivamente um no olho do outro, em um jogo de sensualidade quase inocente, seus corpos experimentando novas sensações de alegria e pequenos prazeres. Sentem um encantamento e frescor entre si na simplicidade dos gestos suaves que expressam um para o outro. Depois resolvem sair correndo pela cidade, se divertindo, rindo, percorrendo as ruas sem rumo certo, apenas acompanhados pela sensação de leveza e cumplicidade, como crianças descobrindo novas brincadeiras. Param um momento para conversar, e diferente dos personagens tagarelas, o tempo deles é outro: palavra por palavra são pronunciadas vagarosamente, entre pausas e silêncios, entre pequenos toques de carinho na pele e olhares fascinados e atentos. Sem pressa eles vão compondo uma dança de sutilezas e delicadezas.

Voltam ao hotel e continuam conversando, regados a saquês e sorrisos e a um leve tom de flerte e sedução. Mas o que estava se experimentando ali não chegava nem perto da voraz sedução como mercadoria. Aquele encontro estava se produzindo sem a perversão de um querer consumir, devorar o outro, em troca de uma fugaz satisfação. Deitados juntos na cama, eles mantêm o silêncio e as breves palavras trocadas e tocadas. Bob lhe conta que o dia mais apavorante de sua vida foi quando seu primeiro filho nasceu, que a vida que mantinha foi embora a partir daquele instante. Nunca mais voltou, mas que o filho é a pessoa mais deliciosa que ele pode conhecer e conviver. E assim eles vão fechando os olhos, conversando com calma, sem preocupações, até dormirem. Os pés de Charlotte encostam-se no corpo dele, Bob coloca a sua mão em seus pés. E com a mesma tranqüilidade que conversavam, percebe-se a entrega, carinho, aliança e um singelo toque de amizade.

Aquele encontro imprevisto em Tóquio foi como experimentar uma pequena morte e um nascimento de uma outra vida. Os conhecidos modos de viver de cada um deles se deslocaram, sofreram um pequeno desvio, talvez algo inapreensível a olho nu, talvez ainda imperceptível à consciência.

No outro dia, Charlotte conectada para além do seu *interior*, volta ao local onde viu os monges e é tomada pelo encantamento e fascínio daquele ambiente. As imagens ligam-se ao seu corpo, fazem sentido, como quando avista a beleza de uma japonesa com o rosto branco e traços delicadamente desenhados, vestida com os ornamentos e trajes que a enfeitam como uma pintura. Deixa-se levar pela visão afetiva de um toque gentil, discreto, mínimo, mas intenso entre as mãos do casal a caminhar passo por passo.

Como enredos de vida inacabados e tecidos em fragmentos, Bob e Charlotte se despedem com um longo abraço em meio à rua veloz e agitada de Tóquio, entre milhares de pessoas circulando sem parar. Porém, nenhum deles é o mesmo, já se tornaram outros, povoados pelas experimentações vividas em Tóquio, mesmo que pareça que algo ficou por se dizer, que de alguma forma, se perdeu; simplesmente, não precisava ser dito, já estava ali. Não havia nada a revelar, nenhum enigma pessoal e amoroso a ser decifrado, apenas encontros que potencializaram e expandiram a vida dos personagens na cidade. E foi em Tóquio que Bob e Charlotte desorganizaram seus corpos-morada, que seus sistemas e organismos falharam, que puderam se conectar com os afetos sensíveis e se libertar da sensação de sufoco, engendrando outras formas de respirar novamente.

### **3.2 A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro<sup>30</sup>**

Epifânio trabalhava na companhia de água e esgotos do Rio de Janeiro e pensava constantemente em abandonar seu emprego e viver para escrever um livro sobre a cidade. Ele voltava para casa todos os dias e levava consigo os problemas ordinários de seu trabalho. Porém um dia ganha um prêmio na loteria e consegue finalmente abandonar seu ofício como empregado da companhia. Assume o nome de Augusto e começa a dedicar-se a traçar linhas escritas sobre “a

---

<sup>30</sup> A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro é um conto de Rubem Fonseca (2004). Este apresenta-nos imagens da cidade carioca excluídas do cartão-postal. Oferece-nos, na sua trama, o paradoxo da condição humana, no qual convivem as mazelas e as pequenas amorosidades cotidianas na cidade. Afasta-se da idéia do mundo sem saída e tampouco se prende à idealização de um mundo romântico.

arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro”, através dos trajetos que percorrerá e das situações inesperadas que irá se defrontar na cidade. Torna-se então escritor e andarilho. Caminha pelas ruas do centro do Rio parte do dia e da noite e quando volta para casa escreve sobre suas experimentações urbanas. Busca encontros inusitados com as diversas vidas anônimas que cruzarem seu caminho. Além disso, “acredita que ao caminhar pensa melhor, encontra soluções para os seus problemas; *solvitur ambulando*, diz para seus botões” (Fonseca, 2004, p. 356).

Ele se mudou para um sobrado no Centro da cidade, de onde há muitos anos a maioria da população comerciante que enriqueceu se mudou para Zona Sul. Além disso, grande parte dos sobrados que serviam como depósitos de mercadorias ficaram abandonados. Escolheu morar naquela região pois o primeiro capítulo de seu livro é sobre a arte de andar no centro. Não sabe quando começará a escrever sobre outro bairro, pois mil e uma cidades parecem existir e habitar o centro. E assim, como a vida é inacabada e incompleta, podendo a cada momento ser reinventada, Augusto não tem idéia de como será o fim de seu livro.

Porém, quando sai, sabe aonde quer ir. Tem um objetivo, mas não vai direto ao lugar. Não anda em linha reta, mas em ziguezague. Sabe aonde quer chegar, mas não tem pressa. Não faz um caminho do senso-comum, das linhas de ônibus, dos carros e não percorre o mesmo caminho duas vezes: cria novas vias, amplia sua visão, seus sentidos, deixa-se levar pelos afetos. Não quer reconhecer, quer conhecer de novo.

Ele não descreve uma paisagem de cima da colina, do Cristo Redentor, distante, longe; não faz um guia para turistas, tece um novo mapa afetivo do Centro, cruzamento de caminhos. Coloca-se em contato com a cidade do inesperado, com a vida inesperada. Não espera nada, pois segundo ele não tem esperança, anda apenas.

Não está escrevendo um livro para turistas em busca de prazeres capitalísticos imediatos e fugazes, nem para manuais de *boa forma e saúde* que propagam a caminhada como um meio de alcançar longevidade e *qualidade de vida*. Corrompe o centro da cidade, recusa-o como espaço comum de fluxo de capitais. Apropria-se do Centro não como mercado de valor, mas como fluxo de existências, de sensibilidades. Retrata a cidade sem funcionalidade, sem utilidade como as cidades modernas, sem assepsia; não quer saúde, quer contágio com o outro, compartilhar a cidade para surpreender-se. Ironicamente zomba dos saberes dos urbanistas que “demoraram dezenas de anos para perceber que uma rua larga daquelas [Presidente Vargas] precisava de sombra e só em anos recentes plantaram árvores” (Fonseca, 2004, p.371).

Nas suas andanças pelas ruas do Rio antigo, Augusto deixa-se afetar pelas “fachadas, telhados, portas, janelas, cartazes pregados nas paredes, letreiros, comerciais luminosos ou não, buracos nas calçadas, latas de lixo, bueiros, o chão que pisa, passarinhos bebendo águas nas poças, veículos e principalmente pessoas” (idem, p.357). Não enxerga a cidade como um especialista em arquitetura e urbanismo, não deseja restaurar monumentos e prédios, nem tão pouco busca de forma nostálgica recuperar a história oficial do Rio de Janeiro. Já, o dono do sobrado onde mora passa os dias contemplando os prédios antigos, reclamando que serão todos demolidos e que antigamente tudo era melhor, com um tom saudosista. Augusto, diferente disso, vive a cidade sem deixar o passado ser esquecido, mas escreve uma outra história, na qual o passado é vivido de uma outra forma, como uma história fragmentada, não linear, transitória, que se faz, se desfaz, se refaz de outra maneira a cada passo, atravessada de vidas comuns, anônimas.

O personagem dessacraliza a cidade do Rio de Janeiro, destruindo a aura da cidade, em suas perambulações pelos subterrâneos das ruas do Centro evidencia não mais uma imagem do alto apenas, um vôo dos pássaros, onde se vislumbra a cidade maravilhosa, com seus contornos, curvas, mares, monumentos, casario e fachadas de um Rio antigo; racionalidade geométrica. Prefere andar a pé, pois do alto de algum morro não se vêem os detalhes das ruas, das calçadas do Centro, e as tensões urbanas como as mazelas e as pequenas alegrias das vidas na cidade se tornam despercebidas ou mesmo inexistentes. Como observa Renato Gomes (1994, p. 158), “Nele elimina-se a exigência de distância que é própria do paisagista. Anda na cidade do rato - dos ratos que aproxima-se sem medo...”. Depara-se com uma cidade em ruínas, na qual tudo e todos têm valor de mercadoria, onde a hostilidade pelo outro é cotidiana, onde evita-se o contato com as pessoas, onde o cuidado não está mais próximo de afeto, mas sim de apreensão e paranóia constante de perigo. Mas em suas caminhadas, Augusto procura nessas ruínas de um Rio Antigo a gentileza, a comunhão com a cidade. Busca poder contar uma outra história em seu livro, escrever sobre a arte de andar pelas ruas do Rio, essas mesmas ruas nas quais hoje não se anda, circula-se, onde não se pode parar.

É como um “trapeiro, um catador de sucatas, de lixo” (Gagnebin, 2001, p.90) que entre esgotos, escombros, lixo, ratos, enxerga o que foi jogado fora, o que não deveria existir e que para muitos da megalópole não existe, é indiferente. Como escreveu Jeanne Marie Gagnebin (idem, ibidem), em suas análises da obra de Benjamin, “aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado

que mesmo a memória de sua existência não subsiste, aqueles que desapareceram por tão completo que ninguém se lembra de seu nome”.

Nas suas travessias pela cidade almeja ensinar prostitutas a ler, diz que tem um método infalível, no qual não é preciso soletrar e aprende-se em quinze dias. Foi assim que buscou convencer Kelly, a vigésima que estaria ensinando. Porém, a sua pretensão não é conscientizá-la e incluí-la socialmente. Augusto acredita que a televisão, a música pop e todos os equipamentos culturais de massa do capital produzem existências despotencializadas, banalizadas, que vivem como se a realidade fosse algo dado, natural, aprisionadas em um universo sem saídas. Nesse sentido, Augusto procura, através desses encontros, desnaturalizar os caminhos traçados na cidade. Provoca Kelly a deslocar-se em outra direção, produzir outros jeitos de ler a cidade, construir outros caminhos, não andar em linha reta como se os percursos já estivessem pré-determinados. Não interessa a ele conhecer a história pessoal, egóica, de Kelly, nem tão pouco desvendá-la como um mistério. O que instiga Augusto é produzir a possibilidade dela sair de si, do mundo familiarizado e íntimo, para sentir-se estrangeira na própria cidade, incitada a criar outros jeitos de viver e de enfrentar o cotidiano. Pois se a cidade capitalista é cada vez mais genérica e homogênea, ele procura inventar diferentes cidades, nas quais se tecem combates constantes e inesgotáveis.

Atravessando a Avenida Presidente Vargas, passando pela Rua dos Andradas, caminhando na rua Tenente Coronel Julião, e andando alguns metros encontra Zumbi do Jogo da Bola<sup>31</sup>, presidente da União dos Desabrigados e Descamisados. Para a surpresa de Augusto, este sabe ler a cidade e logo lhe diz que não estão morando nas ruas para pedirem esmolas. Não se escondem embaixo de pontes ou marquises ou dentro de caixas de papelão. Eles querem ser vistos, querem que as pessoas enxerguem sua sujeira, querem espalhar por toda a parte seus cheiros desagradáveis aos olhos e narinas dos *bons cidadãos*. E completa: “que nos observem fazendo comida, dormindo, fodendo, cagando nos lugares bonitos onde os bacanas passeiam ou moram. (...) temos que feder e enjojar como um monte de lixo no meio da rua” (Fonseca, 2004, p.387). Zumbi não naturaliza a realidade, irrompe-a evidenciando aos quatro cantos uma cidade que ninguém quer ver, mas que existe. E nesse sentido, não se contenta em serem colocados no lugar de miseráveis ou coitados, demonstra que estão em luta com as formas padronizadas e

---

<sup>31</sup> Jogo da Bola é o nome da rua onde mora Zumbi e seus companheiros da União dos Desabrigados e Descamisados. O presidente da União se autodenomina “Zumbi do Jogo da Bola”.

homogeneizadas produzidas pelo capital e que são produtos do mesmo. Mas, ao invés de se esconder, Zumbi quer narrar outra história que não está nos livros escolares e que não está nos jornais, pois nos meios de comunicação o que aparece é o enquadramento deles como vagabundos e possíveis criminosos.

Augusto também se encontra com Benevides, que habita a Marquise do Banco Mercantil do Brasil junto com sua esposa, seus nove filhos e a família Gonçalves. Durante os dias da semana, quando o Banco funciona, eles desmontam todas as manhãs seus barracos feitos de “grandes folhas de papelão” (idem, p.374) e reconstróem-nos à noite, menos nos finais de semana, quando podem mantê-los montados, pois o banco fica fechado. Ele é como o chefe do espaço, onde todos trabalham como catadores de papéis pela redondeza. Segundo Benevides eles vendem para um homem que “paga melhor o papel branco do que o papel de jornal ou o rebotalho, o papel sujo, colorido, em pedaços” (idem, p.377). Mas Benevides diz que os negócios não andam bem, que a cidade está muito cheia de gente, que há muita competição no local, pois há mendigo demais trabalhando com papel e morando embaixo da marquise: "estamos sempre expulsando vagabundo para fora, tem até falso mendigo disputando o nosso papel. Todo o papel jogado na Cândido Mendes aí em frente é meu, mas já tem nego querendo meter a mão" (idem, p.376).

Diferente de Zumbi do Jogo da Bola, que enfrenta e provoca a cidade capitalista, inventando jeitos para desestabilizar os eus privatizados e indiferentes ao outro que são produzidos na cidade, Benevides parece fazer operar a mesma lógica capital que lhe toma como alvo também. Pois foi justamente ele que contou a Augusto que ouvira por aí que muitos estrangeiros estavam chegando para um congresso e ficara sabendo que iriam querer tirá-los de onde moravam, escondê-los dos olhos dos gringos. Estava receoso que isto pudesse acontecer, pois não queria sair dali. Sendo assim - quando Benevides se diferencia de forma hierárquica e categoriza as outras pessoas que estão habitando a marquise como vagabundos ou falsos mendigos, quando toma para si como propriedade privada o espaço e o papel, quando expulsa as pessoas do local - não estaria ele querendo limpar também as ruas da cidade e manter-se somente entre iguais como aqueles aos quais ele temia que fizessem isto com a chegada dos estrangeiros? Não estaria Benevides narrando a mesma história já tão conhecida e repetida por todos?

Mas é nessa cidade de contradições que ora nos deparamos com aprisionamentos e sufocos, ora com criações que suscitam pequenas liberdades – com as quais nos surpreendemos -

escritas por existências inconclusas e conflitantes que Augusto vai tecendo em seus encontros e experimentações a arte de perambular pelas ruas do Rio, o que faz com que a cada passo ele vá construindo ferramentas para enfrentar os labirínticos caminhos que percorre. Como acontece em uma noite, quando andando pela deserta Rua do Ouvidor, que durante o dia é bastante movimentada, avista dois sujeitos vindos em sua direção. Mas como tem aprendido: “de noite não basta andar depressa nas ruas, é preciso também evitar que o caminho seja obstruído” (Fonseca, 2004, p.390). Sendo assim, ele atravessa para o outro lado, prestando muita atenção nos mínimos movimentos que aqueles iam fazendo e continua caminhando cada vez mais rápido. Percebe que um deles é “um homem magro, com a barba por fazer, uma camisa de grife e tênis sujo, que troca um olhar com o seu parceiro do outro lado, meio surpreso com o ímpeto da marcha de Augusto” (idem, ibidem). E assim, vai se distanciando dos dois, acompanhando com o ouvido o som dos passos dos rapazes, buscando reconhecer se estão caminhando ou correndo em sua direção. Quando chega mais adiante no cais e pára, não enxerga nenhum deles. São três da madrugada, é o momento que voltaria para casa para escrever, mas resolve continuar traçando suas andanças pela noite do Rio de Janeiro como *solvitur ambulando*.

A cidade que Augusto nos apresenta é um campo de tensão, lugar de misturas incitadoras de estranhamento, de produção de desejos, é aberta, abrindo-se dessa forma ao inacabamento. Pechman (2005) escapando das amarras do senso comum, afirma que o evitamento, a privatização da existência e o individualismo geram a violência, pois destituem da cidade o seu poder criativo, o de conviver com a conflitualidade, as diferenças, as negociações, a divergência e não o contrário. Nesse sentido, podemos encontrar um esvaziamento da potência da cidade, traduzindo-a em paisagem morta. Mas Augusto, um cidadão de plantão, não se deixa isolar, ama a cidade, “transforma-a em seu objeto de desejo. Busca estabelecer uma melhor comunhão com ela. (...) Por este viés ele prefere o corpo da cidade ao corpo das prostitutas” (Gomes, 1994, p. 154). Estabelece uma erotização com a cidade suja, entrega-se às superfícies de contato, ao contágio das coisas, aos encontros. Nesse sentido, diferente de um sujeito isolado que vê o mundo como representante de si, Augusto consegue sair de si mesmo, da interioridade melancólica, vive a experiência comum, onde não residiria um eu solitário, mas combinatórias inesgotáveis de existências.

### 3.3 Os gritos dos corpos na cidade<sup>32</sup>

**Cena 1<sup>33</sup>:** José era um homem de negócios, executivo. Chegava todos os dias no escritório às oito horas da manhã. Descia do carro em frente à porta do prédio e rapidamente estava em seu escritório. Durante a manhã, passava o dia no telefone, tratando dos negócios, resolvendo problemas. Quando encerrava o expediente comercial, ia para casa, mas levava material para continuar trabalhando. No escritório, ficava tanto tempo ao telefone que não conseguia dar conta de todas as questões. Como ele mesmo manifestava: “As cartas eram tantas que a minha secretária, ou um dos assistentes, assinava por mim” (Fonseca, 2004, p.221). Porém, mesmo estando sempre trabalhando, tinha impressão de que não havia realizado nada, que estava sempre faltando algo a ser feito. Como se sentisse que “corria contra o tempo” (idem, ibidem).

Certa vez, começou a sentir taquicardia. Nesse mesmo dia, foi interpelado por um homem que lhe chamava de doutor e lhe pedia ajuda. José deu-lhe algum dinheiro e entrou no prédio, reparou que aquele “era um homem branco, forte, de cabelos compridos” (idem, p.222). A sensação de seu coração acelerar subitamente lhe acometeu em várias outras ocasiões, como numa manhã, quando estava no telefone. Segundo José: “Durante alguns minutos ele bateu num ritmo fortíssimo, me deixando extenuado. Tive que deitar no sofá, até passar. Eu estava tonto, suava muito, quase desmaiei” (idem, ibidem). Não entendendo o que se passava foi ao médico, que lhe “prescreveu um regime alimentar” (idem, ibidem) e recomendou que fizesse exercícios regularmente. O médico dissera a ele que se não mudasse seus hábitos poderia vir a ter um enfarte.

Começou a praticar caminhadas durante a hora do almoço. Muitas vezes, quando estava fazendo seu exercício pelas ruas, o mesmo homem lhe abordava pedindo ajuda. José apressava o passo para tentar despistá-lo, mas ele o acompanhava. No final entregava ao homem algum dinheiro, querendo se livrar o mais rápido possível da situação. Numa dessas vezes, quando saiu para caminhar, José o avistou de longe e teve a impressão de que o homem estava esperando que ele passasse. Então o executivo começou a caminhar mais rápido, andando em direção contrária,

---

<sup>32</sup> Essa é narrativa de que me sinto menos apropriada, mas a que me inquieta mais. Talvez ainda não consiga “dar língua” para os afetos.

<sup>33</sup> Essa cena é um resumo que fizemos de um conto de Rubem Fonseca (2004) intitulado: “O outro”. O conto é narrado em primeira pessoa, pelo executivo. Rubem não nomeou nenhum dos personagens. Resolvemos narrar esta cena em terceira pessoa, assim como a próxima. Ambas estão articuladas como um fragmento de narrativas urbanas. Permitimo-nos essa licença poética de “deformar”, dar uma outra forma ao conto de Rubem.

mas quando sentiu que estava sendo perseguido, seu coração disparou e começou a sentir medo. Sem parar, em ritmo de corrida, ou mesmo correndo, trocaram algumas palavras:

- Doutor, Doutor. -Agora, o quê? - Doutor, doutor, o senhor, tem que me ajudar, não tenho ninguém nesse mundo. - Arranje um emprego. - Eu não sei fazer nada, o senhor tem de me ajudar. - Não tenho que ajudá-lo coisa alguma. - Tem sim, senão o senhor não sabe o que pode acontecer. (idem, p.223)

Nesse momento, o sujeito segurou o braço de José, que só conseguiu enxergar e ter a impressão que o rosto daquela pessoa expressava vingança e cinismo. Seu coração estava ainda muito acelerado, sentindo apreensão, medo e cansaço e acabou lhe dando mais dinheiro, avisando que seria pela última vez.

O executivo resolveu, então, deixar o trabalho por um tempo. Começou a se sentir melhor, com boa saúde, com mais tranquilidade em casa. Em um dos dias, quando foi dar a sua caminhada rotineira, foi interpelado mais uma vez pelo mesmo homem. O executivo pensou: “como foi que ele descobriu meu endereço?” (idem, p.224). O sujeito pedia para que não o abandonasse, que estava precisando de dinheiro, mas que aquela seria a última vez. José teve a impressão que “sua voz era de mágoa e ressentimento” (idem, ibidem). Percebia que o homem era mais forte que ele e sentia-se ameaçado. Então, entrou em sua casa, falou que o esperasse ali fora.

Voltou rapidamente e o sujeito se colocou a dizer: “não faça isso, doutor, só tenho o senhor no mundo” (idem, ibidem). E assim, José disparou um tiro contra o corpo do homem.

Só então, com o corpo estendido no chão, pôde enxergar que “era um menino franzino, de espinhas no rosto, e de uma palidez tão grande que nem mesmo o sangue, que foi cobrindo a sua face, conseguiu esconder” (idem, ibidem).

**Cena 2<sup>34</sup>:** Central do Brasil. Descendo dos trens, das vans, dos ônibus, milhares de trabalhadores que dormem em cidades vizinhas ou no extremo da zona norte e oeste desembarcam cotidianamente neste prédio ou nos arredores com pressa para não serem atropelados uns pelos outros. Imersos nos deveres de ir e vir, despertados já cansados desde as quatro horas da manhã, precisam adentrar no próximo transporte, seja ônibus, Kombi ou metrô, garantindo assim a chegada em seus trabalhos. Aqueles e outros trabalhadores, ou não, das proximidades - como os vendedores itinerantes das mais variadas mercadorias, os camelôs, os

---

<sup>34</sup> Essa cena foi construída a partir de uma multiplicidade de experimentações no Rio de Janeiro.

policiais, os motoristas de ônibus, os moradores e toda a sorte de passantes assíduos - enxergam apenas a rua, pé no asfalto, e o que pode ser captado na altura dos olhos.

Central do Brasil, um lugar perimétrico, um além concreto, um lugar ocupado por corpos e carnes que não cessam de circular, se misturar aos cheiros de urina, suor, gordura, asfalto, merda, putrefação, monóxido de carbono, muitos carros, muitos ônibus, muito engarrafamento, muita gente, muitos ruídos, muito...Vertigem onde, por vezes, o relógio perde as horas, atrasando e acelerando vez que outra. Aquele lugar já não cabe nos cartões postais da cidade. Foi esquecido e deixado a esmo para a sorte ou azar de quem passe ou more por ali. Mas a Central do Brasil cresce pelas bordas da cidade, sendo ocupada por milhares de vidas anônimas que participam a cada dia das tensões e contradições da cidade. Mesmo que seja uma outra cidade que não está impressa nos catálogos das agências de turismo.

É neste lugar que Maria, às vezes desembarca do trem, às vezes da Kombi, vindo de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro. Ela trabalha como faxineira na casa de uma madame na zona sul e num escritório de advocacia. Todas as manhãs, acorda às quatro horas, prepara o café para seu filho, dá uma limpada rápida na casa, sai correndo para não perder o transporte que lhe leva até a Central. Ali, pega apressadamente um ônibus e chega no escritório às sete e trinta, limpa tudo rapidamente e caminha apressadamente até chegar na casa da madame perto das onze horas. Lá, faz o almoço, arruma e limpa a casa e, às dezessete horas, acaba o trabalho. Consegue chegar em casa às nove horas da noite, prepara um lanche assistindo a novela, toma um banho e vai dormir. Nos finais de semana, além de lavar a roupa e limpar a casa, vai à *manicure*, que é sua vizinha e aproveita para alisar o cabelo, como as atrizes de novela. Simplesmente detesta seu cabelo crespo. Gosta de ir ao *fórró*, perto de casa, programa preferido aos sábados. Imagina que lá pode encontrar um bom homem, trabalhador como ela, para casar.

Maria veio para o Rio de Janeiro há mais de vinte anos. Acreditava que nessa cidade teria mais chance de viver e ter um futuro melhor. Lembra vagamente da cidade onde nasceu. O importante, diz ela: “é viver agora, não penso no passado, mas também não penso no futuro”. Há algum tempo tem sentido um aperto no coração e às vezes uma tontura forte. Chegou a procurar um médico no posto de saúde, mas ele lhe disse que era pressão baixa, ou alta, ela não lembra. Recomendou que Maria trabalhasse menos e fizesse exercícios regularmente. Ela achou engraçado, lembrou como sua vida era corrida e que praticava exercícios todos os dias, varrendo, passando pano, deslocando os móveis de lugar para limpar. Ela detestava ou mesmo odiava

qualquer sujeira, lixo; adorava os produtos de limpeza, os desinfetantes, pois deixavam o ambiente com um bom cheiro e brilhando. Além disso, pensou também que não poderia trabalhar menos, pois não conseguiria sustentar financeiramente sua vida, sua casa, seu filho. Mas cotidianamente o aperto no coração e as tonturas se mantinham. Por onde andava, estava acompanhada por estes sinais, por estas sensações que não lhe deixavam em paz. No entanto, acreditava que iriam passar algum dia, só esperava que fosse rápido para que não a fizesse perder mais tempo.

Numa sexta-feira, acabou o serviço na casa da madame e foi até a Central, como de costume. Estava cansada, mas feliz, imaginando o final de semana chegando, pois tinha esperança que em casa – mesmo trabalhando e também se embelezando – poderia se sentir mais tranqüila, não ser tomada pelos sinais que abatiam seu corpo. Imersa em si mesma, caminhava pela calçada no perímetro da Central do Brasil quando foi interrompida.

Havia um corpo estendido no chão, atravessado na calçada em frente aos camelôs. Reluzente, não estava escondido. Não estava num canto, nem embaixo de alguma marquise. Mantinha-se à mostra, no meio do caminho. Pessoas passavam, mas não o enxergavam. Desviavam. Era um homem muito magro, quase esquelético, cheirando a urina, vestido apenas com uma bermuda velha como um trapo, estirado no meio da calçada. Maria se sentiu incomodada por aquela visão que estava no meio do seu percurso e que lhe fez parar. Pensou: “Será que está passando mal? Será que está vivo?” Aproximou-se do corpo lentamente com receio para verificar se ainda respirava. Confirmou: respirava, mas também lentamente.

Então, Maria olhou para o segurança do local e lhe disse em alto e bom tom:

- Que morra, é menos um vagabundo!

Acelerou o passo, sem olhar para trás, sentiu seu peito mais apertado ainda, não conseguia respirar muito bem. Seguindo em passos meio desconcertados, meio se arrastando, foi pegar o trem. Chegou em casa. Nessa noite, não assistiu à novela, nem preparou seu lanche, tampouco tomou banho. Deitou na cama, não conseguiu dormir. Sem saber por que, pela primeira vez, naquela noite, seu coração disparou como nunca: uma forte taquicardia lhe tomou o corpo.

### **As Cenas Gritam:**

José e Maria, como tantos outros na cidade contemporânea, estão sendo levados pelo fluxo capitalístico. Inertes em seus universos privados, esvaziados da potência vital, em estado de

vertigem que arrasta seus corpos direto para o *buraco negro*. Seus corpos sem condições de traçarem linhas de fuga criativas para os afetos que lhes atravessam, traçam linhas duras micro-fascistas. São produzidos pelo poder sobre a vida como um todo e exercem em relação aos outros esse mesmo poder. Tomados pelo medo e pela paranóia, fazem operar comparações hierarquizadas e atribuem valores de *bem* e *mal* ao mundo que os perpassa. São capturados pelos sentidos e valores dissipados também pelos meios e os equipamentos midiáticos, as redes eletrônicas de informação.

José e Maria, mesmo exercendo micro-racismos que parecem distintos, funcionam na mesma lógica, ou seja: o pobre como criminoso em potencial e o *vagabundo* não merecem viver, suas existências não são importantes para a espécie humana capital. Eles acabam atualizando o poder soberano através do biopoder<sup>35</sup> contemporâneo, a partir de uma categorização e diferenciação de quem merece e deve viver; em *defesa da vida*. Isto é, a morte daqueles em nome da vida dos demais humanos. Tomados como perigos internos para a população do bem capitalístico, o pobre e o *vagabundo* podem e são condenados à morte. Estes corpos são tomados no cotidiano da cidade capitalista como excrementos, como lixos produzidos pelo urbano que devem ser extintos, extirpados, como se fossem os causadores da desordem e do caos social. Maria, que é obcecada por limpeza, que passa o dia varrendo a sujeira e desfazendo-se do lixo, deseja uma cidade tão asséptica e inodora que não a retire da sua existência totalizante e ordenada. Agarra-se ao seu lugar de trabalhadora - como uma qualidade moral - mantendo-se diferenciada hierarquicamente de quem não corresponde, aos seus olhos e narinas, a este lugar. Surpreendemos-nos também ao perceber que os micro-racismos não elegem classes, estão sendo produzidos e difundidos até onde menos imaginaríamos. Já José, o executivo, atento aos mínimos detalhes orgânicos de seu corpo, mergulhado dentro de si mesmo, não vê o menino franzino: só enxerga um provável criminoso que insiste em tentar retirá-lo de seu mundo intimizado. Envolvido com seus problemas *interiores*, não quer desestabilizar ainda mais seu corpo; quer tranquilidade e sossego para equilibrar-se.

Mas o grito vai se tornando cada vez mais alto e sendo propagado para todos os lados, possibilitando incrementá-lo. Podemos pensar que esses corpos, sendo o executivo, a

---

<sup>35</sup> É um conceito apresentado por Michel Foucault (2001, 2002b). Biopoder é o exercício do poder sobre a vida da população. Este conceito foi trabalhado com maiores detalhamentos no primeiro capítulo da dissertação.

trabalhadora, o menino franzino e o corpo estendido no chão, são todos “sobreviventes” (Agamben, apud Pál Pelbart, 2008).

O poder no contemporâneo está cada vez mais capilar e penetrado na vida como um todo, incitando, vigiando e expropriando a força vital dos corpos. Agamben (idem) aponta que o investimento na vida biológica continua se atualizando no cotidiano, porém, neste momento estão sendo produzidas sobrevidas biológicas. Ele traz a figura do muçulmano<sup>36</sup> para exemplificar melhor esta afirmação. Este se encontrava na condição de subvida, como se estivesse na linha tênue entre vida e morte, entre humano e inumano, como um morto-vivo que ainda respira.

Encurvado sobre si mesmo, esse ser bestificado e sem vontade tinha o olhar opaco, a expressão indiferente, a pele cinza pálida, fina e dura como papel, começando a descascar, a respiração lenta, a fala muito baixa, feita a um grande custo... O muçulmano era o detido que havia desistido, indiferente a tudo que o rodeava, exausto demais para compreender aquilo que o esperava em breve, a morte (idem, 2008, p.2).

O poder não precisa fazer aniquilar os corpos diretamente, se exerce mantendo-os em sobrevida, em estado de sonambulismo, como um resíduo, como algo quase inerte. “A sobrevida é a vida humana reduzida a seu mínimo biológico, à sua nudez última, à vida sem forma, ao mero fato da vida...” (idem, p.4) Cotidianamente somos investidos e invadidos pelo poder que nos produz muçulmanos na divisa entre humanos e não humanos. Nossos corpos são extorquidos e nossa sensibilidade, vitalidade, força e afetos, capturados. Sejam ricos ou pobres, algozes ou vítimas, estamos de alguma forma habitando uma subvida, sobrevivendo. Contudo, é evidente que “ninguém terá a imprudência de colocá-los no mesmo saco. A idéia aqui é antes pensar a condição de sobrevivente, de muçulmano, como um efeito generalizado do biopoder contemporâneo” (Pál Pelbart, 2008, p.4).

Na cidade capitalista contemporânea de serviços e mercadorias voláteis, são produzidos corpos ordinários que flutuam entre o entorpecimento, a indiferença, o ressentimento, a raiva, a letargia, a vertigem, a solidão, o isolamento, o medo, a insegurança, a depreciação de si, do outro, da vida. Os corpos estão sendo continuamente excitados ao extremo, plugados ininterruptamente, brutalizados, anestesiados sensorialmente, ficando à deriva como mercadorias descartáveis.

---

<sup>36</sup> Pal Pelbart (2008, p. 2, 3): “Retomo brevemente a descrição feita por Giorgio Agamben a respeito daqueles que, no campo de concentração, recebiam essa designação terminal. (...) Por que *muçulmano*, já que se tratava sobretudo de judeus? Porque entregava sua vida ao destino, conforme a imagem simplória do fatalismo islâmico: o *muslim* é aquele que se submete sem reserva à vontade divina.”

Mas os gritos das cenas não cessam por aí, continuam cada vez mais fortes, mais vibrantes, mais difíceis de ignorá-los. Como se a cada linha mais vozes se unissem e gritassem com a última energia que lhes resta.

É o corpo estendido no chão o primeiro a gritar. Este corpo que expressa o muçulmano em todos nós em um ato de resistência. Pois no auge do esgotamento, do sufocamento, no que lhe restava de força e vitalidade, este corpo se colocou atravessado em meio à calçada, no meio do caminho de tantos outros sobreviventes. Um corpo que não se escondeu embaixo de uma marquise, num canto da rua. Mas tomou fôlego, inspirou os últimos ares possíveis, caminhou até onde pudessem lhe ver. Como um guerreiro, apropriou-se de seu corpo frágil e expressou em um último gesto as mil e uma vidas anônimas povoadas naquele corpo.

Como o corpo de José, onde seu coração não agüentava mais tanto aprisionamento, captura e indiferença em relação ao mundo, onde, paradoxalmente, a alteridade só foi possível quando atirou no menino franzino. Este é outro sobrevivente, que não suportava mais tanto abandono: seu corpo gritava e insistia em não desaparecer, em manter-se diante de olhos, mesmo que fosse diante dos olhos de José. Ou como Maria, com seu corpo que sacudia com tonturas e apertos no coração, não conseguindo mais sustentar o lugar inerte, insosso e ressentido – de sobrevivente – cujo encontro sensível com o outro *estendido no chão* somente foi possível pela intensificação dos gritos de seu corpo através da súbita taquicardia.

Mas estes personagens nos fizeram retomar um conto de Clarisse Lispector (1999): “O Mineirinho”, no qual narra o extermínio (morte) com treze tiros de um corpo denominado como *traficante* do Rio de Janeiro e como cada tiro atravessou e abateu o corpo da narradora. Esta até então mantinha sua existência privatizada, buscando isolar-se do que lhe causasse estranhamento e provocasse alguma desestabilidade no seu modo de viver. Como ela mesma afirmou: “Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece” (idem, p.124). Mas com aqueles treze tiros algo se passou, fazendo-a confrontar-se com esse modo de viver, acordando do seu estado de sonambulismo e de sobrevivente.

Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. (...) Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver. Como não

amá-lo, se ele viveu até o décimo-terceiro tiro o que eu dormia? (Clarisse Lispector, 1999, pp. 123,124)

Assim como neste conto, podemos afirmar que cada um de nós é o outro. A subjetividade, como desenrolamos anteriormente, não é algo a ser preenchido, interiorizado, como se existisse um dentro (subjetivo) e um fora (objetivo). É produzida no encontro dos corpos, no poder de afetar e ser afetado, transversalizada por agenciamentos coletivos como econômicos, sociais, políticos, comunicativos, históricos; produzindo formas de sentir, de agir, de pensar, de desejar. Compomos territórios existenciais provisórios, decompomos tais territórios, construímos novos, traçando linhas criadoras de outros contornos.

Os corpos na cidade estão, a todo momento, sendo tomados pelos encontros, não só pelos equipamentos que exercem poder, mas pelas ruas por onde passam, pelo ar, pelos sons, pelas pessoas, pelos objetos, por diversos estímulos sensoriais. Na cidade contemporânea, onde traçamos as linhas da vida, é necessário perguntar: com que outros corpos estamos ou não estamos compondo nossos territórios existenciais? Nos encontros estamos sendo arrastados pelos afetos que nos despotencializam, nos aprisionam, sufocam, impedindo e inibindo nossos corpos de agir, de lutar, diminuindo e usurpando nossas forças vitais? Estamos agindo com prudência, avaliando e selecionando os encontros que nos potencializam, que façam expandir nossa vida, nossos corpos, que possibilitem traçar linhas criadoras de novos mundos?

Nesse sentido, afirmando a incompletude da existência, a precariedade e porosidade de nossos territórios, por mais que estejamos engolidos e absorvidos pelo poder sobre a vida, não está tudo dominado. A resistência e potência dos corpos/vida na cidade insurgem e arrebatam. Gritam, quando menos se espera, a qualquer instante. É no momento que o corpo desorganiza, desestabiliza, que pequenas mortes podem acontecer, abrindo a possibilidade para um renascimento, para a invenção de um novo modo de viver, mais liberto, mesmo que transitório e com efeitos finitos. Pois a vida na cidade não está finalizada, acabada, pronta, nem totalizada. Está em constante enfrentamento entre as múltiplas forças que existem no mundo que afetam e são afetadas, podendo produzir outras sensibilidades, outras realidades.

## APONTAMENTOS FINAIS

### **Inquietações**

*Centro da cidade, multidão, pontos de cruzamentos, atravessamentos. Como não ser atropelada pela intensidade? Tentativa de não confissão<sup>37</sup>. Como fazer? Embaralha-se tudo e caminha-se com calma.*

Foi na cidade, no espaço urbano, que percorremos e construímos os trajetos dessa viagem, a escrita. Fomos traçando nossos territórios existenciais, construindo histórias inacabadas. Fomos levados constantemente pela tensão entre SUFOCO e AR, tão presentes na vida urbana: “Um pouco de possível, se não sufoco”<sup>38</sup>.

Este trabalho é fruto de um longo percurso. Desconstruímos alguns caminhos, desviamos, criamos outros! Desenrolamos alguns encontros na cidade que tanto evidenciaram a extorsão da existência e atualização dos poderes que aprisionam, amarram a vida, como aqueles que possibilitaram a experimentação da alteridade, a produção da vida em sua potência criativa, a invenção de novas sensibilidades.

Eu sou o outro, eu sou outra, inconclusa, inquieta. Este corpo que escreve se produz e se compõe cotidianamente com diversos encontros com outros corpos. Tem materialidade, é singular, não é uma unidade fechada e completa, está em processo, traçando as linhas da vida, construindo mapas existenciais. Nesse momento, poderia chamar-se de tantos nomes, tantos Silvas anônimos que existem no mundo, ou não, talvez se chamar de algo inominável, um estranho. Nesse sentido, se solta para falar em primeira, segunda, terceira pessoa, ou quantas puderem existir.

Não é que vivo em eterna mutação, com novas adaptações a meu renovado viver e nunca chego ao fim de cada um dos modos de existir. Vivo de esboços não acabados e vacilantes. Mas equilíbrio-me como posso, entre mim e eu, entre mim e os homens (...) (Clarisse Lispector, 1999)<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> Foucault (2001) já nos alertou sobre essa armadilha que construímos para nossa existência em um determinado momento - a confissão.

<sup>38</sup> Deleuze, a propósito de maio 68, retornando o grito de Kierkegaard.

<sup>39</sup> Um Sopro de Vida: Pulsações.

Como as narrativas, aqui não encontramos um ponto final, pois histórias continuarão sendo produzidas e contadas. É estranho, esta jornada da escrita da dissertação estar se encerrando, pois a sensação é de que o trabalho está começando, muitas lutas ainda terão de ser travadas, muitos combates ainda serão enfrentados. Estamos no meio, sempre no meio, então.

Quando cheguei ao Rio de Janeiro, fui tomada de assalto pela beleza e pelo assombro da cidade. As superfícies de contato provocaram sensações desconfortáveis. Tentava tatear o desconhecido, sem saber muito como mexer o corpo, como falar com as pessoas, como me movimentar pela cidade. Não identificava os códigos existentes e o território-morada estava deixando de fazer sentido.

Trazia, na bagagem, outra cidade, Porto Alegre, com as dores e as alegrias. Trazia a força da militância (que se confunde com a minha existência), o desejo de resistência, a vontade de criar outras possibilidades de viver. Trazia como memória recente a experiência de trabalho na comissão de saúde do Acampamento da Juventude no Fórum Social Mundial de 2005. Esta, que tanto me potencializou e forçou a pensar algumas questões sobre a cidade e a resistência, que produziu o desejo de encontrar novamente o espaço de pesquisa na academia como um meio de problematizar, de desnaturalizar os instituídos. Trazia a frase encravada no peito de uma menina-mulher que morara em um Porto Alegre desde o primeiro nascimento: “Se conseguir viver no Rio de Janeiro, posso morar em qualquer cidade, *ganhar o mundo*”.

Mas num primeiro momento, essa vibração, tensão, fez do estranhamento uma busca pelo conhecido. Tentei reencontrar a velha querida cidade, procurei identificar o Porto, teci comparações entre as duas cidades. Mas em seguida, e se digo isso, é porque, essa passagem foi muito rápida - depois dos primeiros tombos e tropeços - mergulhei no Rio, deixei-me levar. Arrastada pela correnteza, experimentei de forma vivaz e voraz os encontros ao acaso na e com a cidade. Estes fizeram mudar os cursos da pesquisa, comecei a pensar em estudar o amor, não o amor romântico, mas *Alma Venus* que é a potência produzida no encontro entre os corpos, impulsionada e apaixonada pelas leituras de Antonio Negri sobre este assunto. As experimentações na cidade foram demasiado intensas, produziram algumas frestas de resistência, correntes de Ar que possibilitaram a expansão do corpo, a força da vida. Foi possível criar outros territórios existenciais provisórios. Entretanto, também, nesse percurso, sendo levada pelo acaso, muitas vezes me perdi, fui crivada pelo poder, pelo domínio dos outros, pelo medo, pelas paixões. O mergulho foi deveras intenso que o sufoco também se fez presente. Foi durante a

escrita deste trabalho que pude problematizar essas experimentações, perceber que é preciso exercitar um domínio de si, não enquanto controle, mas como cuidado de si, para poder ter um mínimo de possibilidade de escolhas e auto-condução da vida.

O enfretamento com a escrita foi um processo sofrido, um combate entre muitas forças, uma vivência solitária que não tem explicação. Percebi que é preciso se haver frente a frente com a solidão, que é necessária em alguns momentos para a própria existência, mesmo sendo povoada pelo coletivo. Senti na pele, osso, carne que existe uma ponte longa que se percorre para conseguir expressar os afetos através da escrita. Mas precisei enfrentar os medos e arriscar para não sufocar, tentei afirmar o que acredito, neste momento, para respirar. Só assim, foi possível escrever essa dissertação. Permiti-me experimentar, fazer uso de alguns autores da filosofia contemporânea. Mas percebi que para conseguir construir um domínio sobre os conceitos destes autores é necessária uma travessia intensa, demorada, que vai além do tempo cronológico da minha experiência no mestrado. É um processo de construção de um plano de consistência que não terminei. Ainda estou traçando. Mesmo assim, tentei na escrita deste trabalho destrinchar o que foi possível, nesse momento, de seus pensamentos, fazendo bricolagens, acoplamentos, hibridizações entre os autores, buscando o que há de proximidade entre eles. A minha preocupação não era fazer filosofia, mas fazer uso dos conceitos de forma mais livre como instrumento para problematizar os modos de viver engendrados. Apostei com sinceridade na prática. Visceralmente compreendi que a escrita e a vida não são dicotômicos: se compõem, se atravessam, se constroem juntas. Estas linhas escritas estão marcadas por conversas potentes; os encontros aqui estão presentes. O trabalho é nosso, foi produzido coletivamente.

Talvez por tudo isso, algumas questões que apareceram e foram desenroladas no texto, ainda persistem e inquietam, como estas: “Estamos avaliando afetos que nos atravessam nos encontros? Estamos compondo com outros corpos que potencializam a vida, as ações, expansividade, que permitem traçar linhas de fuga, de criação? Ou, estamos compondo com corpos que despotencializam que fazem sentir-nos sufocados, constringendo o corpo de agir, de se expressar? Qual mapa estamos traçando, e como?”<sup>40</sup>

Nesse momento, com um corpo cansado da batalha que foi este trabalho, ainda resta um grito. Como aquele *do corpo estendido no chão*<sup>41</sup>, tomo fôlego, inspiro os ares possíveis,

---

<sup>40</sup> Essas questões são apresentadas com mais acuidade durante o texto, na sessão sobre subjetividade e depois na narrativa: Os gritos dos corpos na cidade.

<sup>41</sup> Faz parte da narrativa “Os gritos dos corpos na cidade”.

caminho mais alguns pequenos passos. Pois o que me toma agora, o que me força a continuar pensando, não se encerra neste trabalho. Foi produzido por esta escrita/vida: o cuidado de si. Estes dias bebi de Foucault (1984, 2006) e Deleuze (1995, 2007), com desejo de saciar minha sede e inquietação sobre esta temática. Porém, como escrevi acima, o pensamento é construído passo a passo, desenrolando as linhas, traçando outras, com intensidade e prudência. É uma longa preparação, é preciso debruçar-se, mergulhar. Mas acreditem, se faz necessário, neste momento, dar língua, mesmo que brevemente, a alguns afetos presentes. É uma escrita singela. Nesse sentido, vou lançar somente algumas pistas sobre o terceiro eixo - a subjetivação - que Foucault pesquisou, para poder dar um ponto neste processo do mestrado, mas abrindo novos caminhos a serem trabalhados na estrada da vida.

Deleuze (2005) coloca que Foucault havia chegado a um impasse no final de *Vontade de Saber* (1976), como se estivesse se fixado no poder. Pois, mesmo tendo apontado focos de resistência imanentes às relações de poder, a partir dos quais a vida sempre estaria subvertendo e combatendo o poder: como resistir, não permitir ao saber/poder apropriar-se da vida? Nesse sentido, Foucault empreendeu estudos sobre os processos de subjetivação, pensando a relação da força consigo, “fazer com que ela mesma se afete” (Deleuze, 2007, p.122), dobre sobre si mesma, para além da relação da força com outras forças (poder), constituindo assim a invenção de possibilidades de vida. Fazer da existência uma arte. “Trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furta ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles.” (idem, p.216). Para tanto, Foucault (1984, p.11) pesquisa na Antiguidade “quais são as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito”. Não para recuperar o sujeito universal, nem para recolocar a verdade nos gregos, mas para inventar no agora outros estilos de existência.

Mas, ao colocar essa questão muito geral, e ao colocá-la à cultura grega e greco-latina, pareceu-me que essa problematização estava relacionada a um conjunto de práticas que, certamente, tiveram uma importância considerável em nossas sociedades: é o que se poderia chamar “artes da existência”. Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (idem, pp. 14-15).

Na Antiguidade, os gregos criaram as relações de poder entre homens livres que governam homens livres. Mas para governar os outros é preciso exercer sobre si um poder, que Foucault trabalhou como *cuidado de si*, pois “não basta que a força se exerça sobre outras forças, ou sofra o efeito de outras forças, também é preciso que ela se exerça sobre si mesma: será digno de governar os outros aquele que adquiriu domínio de si” (Deleuze, 2007, p.140). Com isso, não estão sendo afirmadas as existências privatizadas e sim que os indivíduos e coletividades podem se constituir senhores de si, escapando aos saberes estabelecidos e aos poderes instituídos. (Deleuze, 2007)

Como afirma Foucault (2006), existiam regras e normas de comportamento que conduziam a conduta de cada um na Grécia Antiga. Entretanto as morais “eram essencialmente uma prática, um estilo de liberdade. (...) um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros” (idem, p.289). Estilo de existência era exercer um domínio de si, não ser escravo das paixões e dos medos, nem do outro. A moral não era algo ligada a proibições, obrigações. “Da Antiguidade ao cristianismo, passa-se de uma moral que era essencialmente a busca de uma ética pessoal para uma moral da obediência a um sistema de regras” (idem, p.290). Deleuze (2007, p.125) apresenta a diferença entre moral e ética:

a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendentais (é certo, é errado...); a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica. (...) São estilos de vida, sempre implicados, que nos constituem de um jeito ou de outro.

A questão não é ser consciente de si, mas constituir-se eticamente, definir como agir em relação às regras estabelecidas, às verdades construídas no *socius*, produzindo um certo modo de viver, agindo sobre si mesmo, praticando um domínio de si, buscando conhecer-se, transformar-se, conduzir-se. (Foucault, 1984) A ética se constitui no cuidado de si que não é uma subjetividade a ser desvelada, descoberta, decifrada, mas experimentação de práticas de liberdade.

Esta temática desenvolvida por Foucault não busca uma retomada dos gregos como algo que foi perdido e precisa ser recuperado. Ao contrário, provoca pensar que a subjetivação, a relação consigo, persiste como resistência, mas que se transforma, muda conforme cada configuração social. “Recuperada pelas relações de poder, pelas relações de saber, a relação

consigo não pára de renascer, em outros lugares e em outras formas” (Deleuze, 1995, p.111). Se a força não se dobrasse sobre si (não se afetasse a si mesma), talvez estaríamos fadados a sermos somente derivadas de poder/saber. Mas a relação da força consigo possibilita, no agora, práticas de liberdade para inventarmos e reinventarmos nossa existência.

O cuidado de si é um êthos, um modo de viver (Foucault, 2006). Não está separado do outro, se compõe nos encontros com os outros, pois é no campo social das forças, intensidades, onde afetamos e somos afetados que se produz subjetividade. São nesses encontros que podemos avaliar os afetos que nos atravessam, dobrar a força em si mesma, selecionando aqueles encontros que nos potencializam, que nos tornam outro. É apostar e investir nos encontros que possibilitam compor, efetuar a potência, inventar a vida, que não se restrinjam ao poder exercido de uns sobre os outros. É necessário um trabalho sobre si, práticas de si, de liberdade, que são imanentes ao cuidado com mundo, com o outro. Pois as forças são a vida e a coletividade é a existência.

Estes trechos, fragmentos que foram esboçados, são pequenas sementinhas recém plantadas que necessitam serem cultivadas, cuidadas, maturadas, para poderem germinar. São rabiscos, riscos que foram lançados para serem desenhados com calma.

Assim, retomamos a vitalidade! Com as forças renovadas podemos continuar! O importante nesse momento é a realização deste percurso que possibilitou a abertura da vida para caminhos a serem percorridos. Um pouco de possível que respiro. Mais um grito: nasce-se novamente. Fechamos com duas citações dobradas em nós:

*Nada é tão contagiante quanto o gosto pela liberdade* (Roberto Freire, 1991, p.48).

*No ato de escrever há a tentativa de fazer da vida algo mais que pessoal, de liberar vida daquilo que a aprisiona (...) São os organismos que morrem, não a vida. Não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras* (Deleuze, 2007, p. 179).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIEZ, Eric, FEHER, Michel. Os estilhaços do capital. In: Alliez E., Feher M., et al (org). *Contratempo: Ensaio sobre Algumas Metamorfoses do Capital*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

BAPTISTA, Luis Antônio. *A cidade dos sábios*. São Paulo: Summus, 1999.

BAPTISTA, Luis Antônio. Combates urbanos: A cidade como território de criação. In: Guareschi, N.M. de F. *Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAPTISTA, Luis Antônio. *Walter Benjamin e os anjos de Copacabana*. (versão modificada no prelo)

BAUDELAIRE, Charles. “Os olhos dos pobres”. In: *Pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin: Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994a,

BENJAMIN Walter. *Walter Benjamin: Obras escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRITO, Fausto e FREIRE, Roberto. *Utopia e Paixão, a política do cotidiano*. São Paulo: Trigramma, 1991.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- FONSECA, Rubem. A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro. In: *64 contos/ Rubem Fonseca.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FONSECA, Rubem. O outro. In: *64 contos/ Rubem Fonseca.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber.* Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Graal, 2002a
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade.* São Paulo: Martins Fontes, 2002b.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: Dreyfus, Hubert L, Rabinow, Paul. *Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica- Para além do estruturalismo e da Hermenêutica.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: Uso dos prazeres.* Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade, política/ Michel Foucault.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: *Memória e (Res)sentimento.* São Paulo: Edusp, 2001.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Dossiê Walter Benjamin.* In: Revista USP. Dossiê , n. 15, v.1, nov. de 1992.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. In: *Walter Benjamin: Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política.* São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- GOMES, Renato C. *Todas as cidades, a cidade.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um paradigma estético.* São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo.* Petrópolis: vozes, 1986.

IANNI, Octavio. A cidade Global. In: *A era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

JACQUES, Paola Berenstein. *Espetacularização urbana contemporânea* (2004). In: Ana Fernandes, A. e Berenstein, P. (org.). cadernos PPG-AU/UFBA. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ano 2, número especial. Salvador. PPG-AU/FAUFBA

LISPECTOR, Clarisse. O Mineirinho. In: *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarisse. *Um sopro de vida: pulsações*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: *Michel Foucault. Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2002a.

MOREIRA, Clarissa da Costa. *A cidade contemporânea: entre a tabula rasa e a preservação. Cenários para o Porto do Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

PAL PELBART, Peter. *A vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

PAL PELBART, Peter. *A vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PECHMAN, Robert Moses. A invenção do urbano, a construção da ordem na cidade. In: Piquet, R. e Ribeiro, A.C.T (org). *Território da desigualdade: Descaminhos da Modernidade*. Rio de Janeiro: Zorge Zahar editor, 1991.

PECHMAN, Robert Moses. *Quando Hannah Arendt vai à cidade e encontra com Rubem Fonseca, ou da cidade, da violência e da política*. In: Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Centro de teologia e ciências humanas. Departamento de Psicologia: v.17, n. 1, 2005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, Suely. Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer.... in: Rago, M; Orlandi, L.B.L, Veiga Neto (org), A. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A editora. 2005.

SANTOS, Carlos Nelson. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SENNETT, Richard . *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

### **Referências de Revistas**

BAPTISTA, Luis Antônio. *Walter Benjamin e os anjos de Copacabana*. In: Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor n° 7, 2008.

### **Referências de Filmes**

COPPOLA, Sofia. *Lost in Translation* [Encontros e Desencontros]. EUA, 2003.

### **Referências de Seminários**

PAL PELBART, Peter. *Cartografias biopolíticas*. Texto apresentado no encontro da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia, ANPEPP, 2008. Texto inédito.

### **Referências de sites da internet**

FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault- Por uma Vida Não-Fascista*. 2004. Disponível em: <[www.sabotagem.revolt.org](http://www.sabotagem.revolt.org)>. Organizador coletivo sabotagem.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)